

**A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como  
estratégia de integração (i)migrante em Turim**

Sílvia Susana de Almeida Cardoso

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Globalizações, Migrações e Multiculturalismo

Orientador:  
Doutor Filipe Reis, Professor Auxiliar  
ISCTE-IUL  
Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2011



Quando penso alla città  
penso alla prima città che ricordo  
quella dove ho frequentato l'asilo, le elementari,  
le medie, le superiori  
quella dove ho letto il mio primo libro  
dove ho comprato il mio primo libro dove mi sono innamorata per la prima volta  
dove ho fatto l'amore per la prima volta  
dove non ho mai imparato a nuotare  
la città dove da piccola credevo che tutte le auto  
fossero targate MI  
dove ho scoperto che esisteva un mondo  
viaggiando con i mezzi pubblici  
da sola, anche di notte, anche in metro  
al sabato sera a mezzanotte  
dove ho imparato a non avere paura degli altri  
e ad avere paura di tutto  
ho odato questa città dal profondo del mio cuore  
quotidianamente  
soprattutto in mezzo alla folla che correva  
e non si accorgeva di nulla  
poi ho lasciato questa città  
per un'altra città  
allora ho cominciato ad amarla;  
ogni volta che ritornavo era la mia città  
era la mia biblioteca pubblica, erano i miei amici  
ho capito che le città sono persone  
le persone che fanno assomigliare a loro  
o forse come la storia dei cani e dei loro padroni  
si assomigliano ma non si sa chi abbia  
cominciato per primo  
quando venni a Torino la prima volta  
la odai profondamente  
ora non posso più farne a meno  
provate ad andare fuori città a cercare  
I piccoli tesori quotidiani  
Non li troverete  
È l'humus cittadino,  
Fatto da tante contraddizioni che mi attira  
Anche la spazzatura è interessante  
Ogni tanto raccolgo qualche frammento  
e lo faccio rivivere nel mio lavoro  
la città crea dipendenza  
con le sue strade accoglienti come un abbraccio  
le sue piazze illuminate la domenica mattina,  
il fiume dorato come il suo nome  
la sua luce che dipinge quadri  
alle finestre dei piani alti.  
E se si guardano questi quadri  
Contro il cielo viola del crepuscolo  
Sembra di avere la felicità in mano

Cheng Li, China



## **Agradecimentos**

Ao meu orientador tenho que agradecer a infinita paciência, compreensão e a grande disponibilidade, desde o primeiro momento até ao último. E também toda a imaginação.

Aos guias migrantes, por me terem considerado uma deles e a ViaggiSolidali, principalmente a Francesco Vietti que me abriu as portas deste terreno.

Às pessoas que, mais do que eu, se empenharam na concretização desta tese, a minha mãe, Andrea, che c'è dappertutto.



## Sumário

Esta dissertação resulta de um estudo etnográfico e de uma análise discursiva crítica acerca de uma iniciativa de turismo sustentável denominada *Passeios migrantes turinenses*, em Turim. Idealizada por um antropólogo, esta iniciativa é promovida por uma agência de viagens de turismo sustentável e co-financiada por essa mesma agência e por uma série de ong's e organismos públicos. *A volta ao mundo numa praça* promove um itinerário turístico dentro da cidade e a figura do “guia migrante”, que conduz o “turista” pela sua realidade multicultural trazida pelas migrações internacionais. Está-se perante a mercantilização da cultura enquanto estratégia para lidar com os processos de segregação que acompanham o fenómeno das migrações. Procura-se demonstrar quais as condições contextuais que levam a que integração signifique essencialização da identidade e que transformam o projeto de “turismo cultural” em projeto social e político a ser promovido pelo mercado da sustentabilidade e solidariedade como política identitária. Entende-se, portanto, a essencialização da cultura como estratégia para tornar *visíveis* os processos de segregação e hierarquização da identidade do migrante. Sendo que, se a mercantilização se torna uma chave interpretativa da política identitária, onde essencialismo pode ser lido como estratégico, esta leitura activa, por outro lado, a crítica antropológica.

**Palavras Chave:** essencialismo estratégico; mercantilização cultural; política identitária; turismo cultural; Turim

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*



## **Abstract**

This dissertation is the result from an ethnographic study and from a critic discourse analysis about a sustainable tourism initiative called "Turin migrant tours", in Turin. Created by an anthropologist and promoted by a sustainable turism travel agency, co-financed by this agency in partnership with some ONGs and the city administration. "*Aroud the world in a square*" creates a turistic itinerary as well as the figure of the "migrant guide" that leads the tourist through the multicultural reality brought to the city by an international migration movement. We are confronted with the commodification of culture as a strategy to deal with the segregation processes which accompany the migration phenomenon. I try to show which are the contextual conditions that result in integration to mean essentialization of identity and that convert this "cultural turistic project" into a social and political one, to be fitted in the sustainability and solidarity market as identity politics: if by that we admit essentialization of culture to be sometimes strategic for rendering visible processes of segregation and hierarquization of identities.

Therefore, one perceives the essentialization of culture as a strategy for making visible the processes of hierarquization and segregation of the migrant's identity. Given that, if commodification of culture becomes an interpretative key of identity politics, where essentialism can become strategic, this activates, on another hand, anthropologic critic.

**Key Words:** strategic essentialism; commodification of culture; identity politics; cultural turism; Turin

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

## Índice

<b>Introdução</b> .....	1
<b>1. Integração (i)migrante: migrações e imagens da identidade cultural</b> .....	7
1.1. Migrações em contexto: o caso de Turim .....	7
1.2. Sujeitos migrantes e seu papel .....	15
1.3. Migrações e representações mediáticas da diferença cultural .....	20
<b>2. Turismo cultural: cidade como lugar de construção identitária</b> .....	26
2.1. A Porta Palazzo de <i>Viaggi Solidali</i> .....	26
2.2. San Salvario e Porta Palazzo: espaços simbólicos da “cidade extracomunitária” e da cidade “multicultural” .....	31
2.3. <i>Viaggi Solidali</i> e guias migrantes em San Salvario .....	40
<b>3. Mercantilização cultural como estratégia de integração</b> positiva na disputa política de representações sobre migração .....	48
3.1. Gentrificação e migração: a moda do “bairro étnico” .....	48
3.2. Os agentes institucionais da mercantilização da cultura .....	51
<b>4. Turismo cultural: que integração positiva?</b> .....	58
4.1. O tour de Porta Palazzo .....	58
4.2. E a agência? Os “guias migrantes” e os turistas da “multicultura” .....	65
<b>Conclusão</b> .....	69
<b>Bibliografia</b> .....	74
<b>Anexos</b> .....	80

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

## **Introdução**

### **1. A Volta ao Mundo numa Praça**

Esta tese parte da observação do processo de desenvolvimento de um projeto (ver Anexo A) de formação de guias turísticos *migrantes* em Turim, Itália. O “*curso de formação: passeios e tours com os migrantes turinenses*”, escrito por um antropólogo, é promovido por uma agência de viagens de turismo sustentável, e co-financiado por essa mesma agência, por uma série de ong's promotoras da agrobiodiversidade e pela Câmara Municipal da Cidade.

A formação de guias turísticos i-migrantes - vindos das áreas geográficas mais representativas do fenómeno das migrações em Turim – cria um itinerário turístico dentro da cidade, bem como a figura do “guia migrante” que conduz o “turista” pela realidade multicultural desses espaços, fazendo-o dar “*a volta ao mundo numa praça*”.

A nível político e institucional este projeto enquadra-se, portanto, no processo de *integração positiva* da diferença como forma de solução para reverter as representações sobre o imigrante (“extra-comunitário” e delinquente) que se generalizaram no senso-comum e nos media face ao fenómeno da(s) (i)migração(ões) em Itália. Em Turim em particular, as formas de discriminação relativas à diferença, nomeadamente, ao nível da construção dos espaços da cidade, reflecte-se na periferização simbólica dos dois bairros focados por este projecto, que fazem parte do centro histórico da mesma.

A tese pretende etnografar um processo específico pelo qual a integração é imaginada e vivida através e pela forma como o conceito de cultura é utilizado e apropriado pelos diferentes actores que participam do processo, partindo da análise do pano de fundo do seu desenrolar: a possibilidade do encontro entre o turismo sustentável e as migrações, através da criação da figura do “guia migrante”, veiculada por um processo de essencialismo estratégico.

Procurarei dar conta da forma como os conceitos “ethic” da antropologia, relativos à sua reflexão sobre multiculturalismo e migração, são reelaborados na prática de projetos de “desenvolvimento”, neste caso no campo do turismo responsável, e quais as suas apropriações “emic” a nível de políticas e conceitos de integração, bem como das estratégias identitárias dos actores visados por estes. O objetivo é o de reflectir sobre a contextualização de práticas e processos de integração relativos à migração, considerando o papel da antropologia enquanto conhecimento *situado* no desenrolar destes processos.

## **2. Problemática**

A problemática prende-se com o processo de mercantilização da “cultura” enquanto estratégia (*possível*) para lidar com os processos de segregação que acompanham o fenómeno das migrações. A migração é, no contexto do projecto “guias migrantes”, transformada em *locus turístico* – aquilo a que se assiste é a um processo de mercantilização da cultura enquanto bem de consumo oferecido pela “cidade globalizada”, cosmopolita e multicultural: esta torna-se num objecto imaginado quando se pretende que “*dentro de uma praça é possível dar a volta ao mundo*” - a (i)migração e os seus protagonistas tornam-se no veículo da viagem turística. Neste termos, *empowerment* é sinónimo de reificação de *cultura*, no momento em que os “guias migrantes” são considerados “porta-vozes” da sua cultura.

Porém, dadas as condições contextuais em que o “outro” é representado pelo senso-comum enquanto figura que encarna o estereótipo dos “males da nação”, o fenómeno da mercantilização da cultura, isto é, tornar a imagem do “outro” apelativa, pode ser considerado como um veículo para começar a “mudar mentalidades”, ainda que não se deixe de recorrer à utilização de estereótipos (considerados positivos pelo senso-comum).

Partindo destas hipóteses, as questões principais que nos colocamos são as seguintes:

- Em que medida é que a advocação da integração feita através de um discurso reificador da cultura e do empowerment, se relaciona com as condições políticas, culturais e económicas do contexto de Turim e de Itália?
- E quais são as relações entre a cidade multicultural que é vivida no real e aquela que é imaginada e projetada em termos de discurso?
- E então qual a relação entre produção de categorias antropológicas e apropriação dessas categorias no quadro das práticas sociais que partem dessa produção?
- E quais as dimensões dessa relação que permitem que esta seja comparável e, portanto, significativa no estudos das migrações, com outros contextos?

No 1 capítulo, procuro responder à primeira questão, contextualizando o significado do termo “integração” no contexto de Turim, procurando perceber quais são os moventes da dinâmica entre identidade e alteridade, através das representações que o “eu” (italiano) atribui a essa alteridade. Para tal, recorro tanto ao discurso produzido sobre esta matéria pelo projeto dos *passeios migrantes* em si, como dos autores que sobre ela se debruçaram. Apresento

também os guias migrantes – sujeitos em questão, quando se fala de “integração” e “identidade” - do ponto de vista da sua heterogeneidade e das suas expectativas sobre o seu papel. No terceiro e último ponto deste capítulo, analiso os discursos mediáticos sobre os *guias e passeios migrantes*, enquanto componentes do processo de construção identitária do (i)migrante.

No 2 e 3 capítulo procuro responder à questão sobre quais são as relações entre a cidade multicultural que é vivida no real (pelos sujeitos migrantes, mas também pelo “italiano médio” através das suas representações sobre os espaços multiculturais) e a cidade imaginada e projetada em termos de discurso dos passeios migrantes, mas também, dos decisores políticos do “multiculturalismo da diferença”. Procuro estabelecer esta relação, através de quadros etnográficos que dão conta da experiência do espaço vivida nos passeios, comparando os passeios “oficiais” ou o guião formativo do passeio-ideal com a experiência informal dos guias-sujeitos deste espaço; procuro ainda interligar este quadro a uma reflexão sobre os veículos de produção social do espaço: desde as representações criadas pelas condições reais da vida social nos bairros-símbolo do multiculturalismo, às representações mediáticas e mediadas que interpretam estas vivências e as reelaboram, até à actuação política de agentes com o intuito de intervir sobre a mudança de valor (simbólico, mas também económico) destes espaços.

A relação entre categorias de produção antropológicas (como o conceito “ethic” de cultura) e a apropriação dessas categorias no quadro das práticas sociais que partem dessa produção, relacionam-se com o ponto anterior, mas são tratadas com mais atenção no 4 capítulo, onde procuro reflectir, no rescaldo da experiência etnográfica do *passeio migrante* tornado realidade, sobre o conceito de agência – seja a dos atores, seja a minha própria, a propósito desta relação.

Finalmente, na conclusão, ficam as questões ou inquietações. Estas prendem-se com a questão da comparabilidade e significado do *terreno* para o estudo das migrações, uma vez que procuram sumariar uma visão geral sobre a problemática em questão.

### **3. Metodologia**

Para isto, a observação participante foi fundamental: acompanhei, de Fevereiro a Junho de 2010, todas as sessões de formação dos guias-migrantes e a sua apresentação final de resultados, os *passeios migrantes* de 12 e 13 de Junho de 2010, quando os guia-migrantes se “estrearam”, tendo registado em video este “acontecimento”, o qual me irá servir, no contexto desta tese, especificamente, para compor o relato etnográfico do que foi esta “estreia” (ver ponto 1 do IV capítulo), mas ainda para poder vislumbrar tanto os moldes em como os passeios, efectivamente, se concretizam, como para poder comparar isso com os objetivos ideais do projeto.

Acompanhei, também, os protagonistas, futuros guias-migrantes, na sua tarefa de traçar um percurso turístico individual, em que cada um teve de fazer “trabalho de campo” nas áreas propostas para os passeios turísticos, com o objectivo de recolherem dados sobre o comércio “étnico” existente nessas áreas. Esta experiência serviu-me para perceber a sua interpretação relativa ao papel que foi criado e lhes foi dado, bem como do seu efectivo manejo da realidade “multicultural” com que se confrontam durante a experiência. Isto foi importante para perceber a diferença entre um sujeito imaginado como “ponte entre culturas”, como propõem os *passeios migrantes*, e aquilo que são as diferentes vivências do sujeitos, tanto em relação à sua condição de migrante, como na sua relação com o território multicultural em questão (nesta tese, esta experiência de campo é descrita no ponto 3 do II capítulo);

A minha estadia no terreno permitiu-me ainda ter contacto com algumas das instituições (“agências de desenvolvimento local”) envolvidas no projecto. Falei com alguns dos responsáveis no sentido de perceber o contexto e o trabalho da instituição, de forma a tentar unir os pontos de uma vasta rede de instituições que estão por detrás desta realidade. No contexto da tese, falo no III capítulo destes agentes, se bem que ao longo de toda a tese vão estar sempre presentes (principalmente o antropólogo que pensou nos passeios migrantes e a a agência de viagens que os promove), mas também outros agentes aparecem pontualmente em descrições de episódios etnográficos.

Houve sobretudo uma experiência que não está expressa formalmente na tese e que enriqueceu a minha percepção do *terreno*: o ter vivido durante um ano em San Salvatio, uma das zonas “multiétnicas” da “cidade migrante” e me ter imergido nessa realidade através de



muitas outras experiências que fugiram ao estreito circuito e abordagem discursiva que sobre este território têm os passeios migrantes. Também foi importante ter participado na Banca del Tempo, outro projeto que pretende reforçar o “tecido social” e as relações entre “autóctones” e “migrantes” (outro projeto que é financiado pela Câmara Municipal e tem à frente pessoas com formação em antropologia), principalmente, através da promoção do encontro entre mulheres italianas e migrantes. Ou a realidade de um centro de acolhimento a refugiados que tinha sede no bairro, onde pude vislumbrar um pouco (não tanta como teria gostado) desta realidade, num período atribulado em que o “financiamento” ia acabar e não se sabia o que fazer de cerca de cem pessoas que ali tinham um teto para estar – apesar de durante o dia vaguarem pelas ruas do bairro, numa condição que os antropólogos tanto poderiam chamar de “liminal” como de “invisível”. Ou ainda ter vivido no bairro durante o período inauguração da “Casa do Bairro”, um projeto ambicioso criado para promover o diálogo entre as várias instituições e associações, de diferentes dimensões, operantes no bairro. Tudo isto, constituiu uma parte importantíssima da minha experiência, para poder enquadrar e redimensionar o meu “terreno formal”.

Para além da observação participante tout-court, foram ainda realizadas algumas entrevistas abertas que me ajudaram a resolver algumas questões e me confrontaram com outras. Estas tiveram por objectivo perceber quais as percepções e ideias por parte dos protagonistas (os guia-migrantes e os responsáveis pelo projecto) acerca do projecto, mas também a história pessoal de cada um (dos guias) e as suas motivações e objectivos relativos não só ao projecto em si, mas ao projecto de vida de cada um em geral.

Naquilo que diz respeito às entrevistas formais feitas aos promotores do mesmo, neste caso específico, ao antropólogo seu ideador, responsável e formador, foram realizadas duas entrevistas abertas, no início e final da minha estadia e do projecto de formação, num registo dialógico, procurando tanto quanto possível, estabelecer um confronto de ideias genuíno. No final do IV capítulo é apresentada esta última, que foi efectivamente a mais produtiva em termos de sentido e significado que trás para tese.

No que respeita aos guia-migrantes, procurei perceber, como já mencionado, quais as suas posições, vivências e ideias relativas não só ao projecto mas também às suas experiências de imigração em Itália, de forma a aprofundar as questões que se prendem com o discurso sobre essencialismo estratégico e empowerment promovidas pelo projecto e seus objectivos.

Num total de vinte e três participantes, foram realizadas 10 entrevistas formais ao todo.

No que respeita aos conceitos teóricos sobre os quais me apoio – empowerment, essencialismo estratégico, integração, mercantilização cultural ou política identitária, opto por não recorrer a nenhuma definição formal, académica destes, uma vez que, no contexto desta tese a sua utilização é feita não seguindo uma linha teórica específica da disciplina que os aborde, mas sobre o valor que os atores – que fazem recurso a todas elas - lhes atribuem. Quanto ao conceito de multiculturalismo, adoto a perspectiva de Turner, quando este distingue entre “multiculturalismo da diferença” - um discurso baseado numa concepção da cultura ainda como se esta “fosse uma ilha” - e “multiculturalismo crítico”, considerando a identidade *cultural* como construída relacionalmente: no primeiro caso, por meio de uma inversão em espelho dos estereótipos, reivindica-se a igualdade “cultural” através de uma noção reificada da cultura e acentuando as diferenças, ao passo que, o segundo, “*seeks to use cultural diversity as a basis for challenging, revising and relativizing Basic notions and principles common to dominant and minority cultures alike, so as to construct a more vital, open and democratic common culture*” (Turner 1993:413). Na maioria das vezes, ao longo da tese, quando uso este termo, estou-me a referir ao seu uso pelos atores e, portanto, o uso das aspas para me distanciar do significado atribuído, nesses casos, ao termo – claramente o do “multiculturalismo da diferença”.

## **1. Integração (i)migrante: migrações e imagens da identidade cultural**

### **1.1. Migrações em contexto: o caso de Turim**

Turim, capital da região de Piemonte, Noroeste de Itália, é desde sempre uma das cidades italianas mais significativas no que diz respeito ao número de imigrantes que tem recebido ao longo dos tempos. Porém, falar das migrações internacionais em Turim implica, primeiro, falar daquelas nacionais, especialmente, daquela que pode ser considerada uma das maiores migrações internas do século XX a nível de um país europeu: da Itália do Sul, “Meridional” para o seu Norte.

Na medida em que falar do fenómeno das migrações internacionais é perceber contextualmente a relação que se estabelece entre um “nós” e um “outro”, a importância e o impacto das migrações internas, que tanto marcam a história desta cidade – continuando ainda a marcá-la nos dias de hoje –, relaciona-se com a construção identitária desse “nós” que, no fundo, é o que determina as possibilidades relacionais da dinâmica entre o “nós” e o “outro”.

A narrativa que se segue, que é a transcrição escrita (minha tradução livre) do discurso que, idealmente, deverá ser reproduzido pela voz dos migrantes tornados guias<sup>1</sup>, conta precisamente a história desse encontro, no contexto de Turim. Assim, pretendo dar uma dimensão “glocalizada” ao contexto e objecto desta tese, na medida em que os discursos produzidos *in locu* permitem contextualizar a relação da(s) migração(ões) enquanto fenómeno e Turim enquanto espaço que o *localiza* e que confere a esta relação a sua dimensão de sentido dada pela história.

“No início de 900 a população de Turim era apenas de 300 mil habitantes. Nos trinta anos consecutivos um igual número de pessoas chegaram à cidade, atraídas pela urbanização e pela esperança de um trabalho na fábrica ou nas casas dos ricos. Eram piemonteses, trabalhadores dos campos e pastores dos vales e montanhas, e em 1935 a população era de 600 mil pessoas. Depois vieram a guerra, os bombardeamentos, a fome, o medo. Quando o inferno se aplacou, retomou-se o

---

<sup>1</sup> Este excerto faz parte do guião imaginário dos passeios migrantes, produzido pelo antropólogo “ideador” do curso formativo. O facto de que este esteve presente como discurso durante toda a formação, tendo posteriormente sido, praticamente *ipsis verbis*, reproduzido pelo mesmo, e também pelos guias durante o primeiro passeio, ao mesmo tempo que foi aproveitado como texto, seja no website que promove o “pacote turístico” dos passeios ([www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)), seja nos artigos de imprensa escrita que nele se basearam para dar notícia da sua existência – leva-me a escolhê-lo como ponto de partida para a contextualização das migrações em Turim.

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

fluxo de pessoas em marcha em direcção a Turim. Primeiro um ribeiro, uma corrente, depois um rio a transbordar. Eram os imigrantes da Itália Meridional, das ilhas e de Veneto, que entre os anos 50 e 70 se transformaram em turinenses, fazendo com que a cidade atingisse e superasse o impensável patamar do milhão de habitantes.

Em 1950 a população de Turim mal chegava aos 700 mil habitantes, vinte anos mais tarde, em 1970, estava quase em 1 milhão e 200 mil (...). O que é que acontece, portanto, naquelas duas décadas? Acontece que de todas as regiões do Sul de Itália milhares e milhares de pessoas apanharam um comboio para o Norte, desceram na estação de Porta Nuova e tornaram-se artífices do boom económico construído pelas fábricas, através do trabalho incansável dos operários e pela afirmação da FIAT como primeira indústria da nação. (...)

Nos anos oitenta e noventa, a crise do setor industrial e a irresistível atração por uma casa na primeira cintura ou na província longe do smog e do trânsito, pareciam condicionar um rápido declínio da população cidadina. Quando, eis que chegam, uma vez mais, novos imigrantes, desta vez de países distantes, para salvar a cidade. Albaneses, marroquinos, senegaleses, chineses, filipinos, romenos, bengaleses, peruanos, nigerianos, moldavos, brasileiros, indianos, paquistaneses, tunisínos, somálios, ucranianos e homens e mulheres de mais outros cinquenta países vieram viver e trabalhar no grande mercado do mundo [Porta Palazzo], com as suas línguas, as suas histórias, os seus problemas, as suas culturas.(...)

A imigração meridional mudou para sempre a história social, cultural e política da cidade, enriquecendo-lhe a alma alpina com as cores mediterrânicas. Dos cartazes 'não se aluga a meridionais' à nova língua nascida da fusão dos dialectos do Norte e do Sul de Itália nas cantinas da grande fábrica de automóveis, foi um pequeno mas custoso passo. O mesmo desafio que hoje põe à prova a cidade perante as novas migrações internacionais.” (ver Anexo B)

Não é por acaso que temos a sensação, ao ler esta *narrativa*, de que a história da cidade está directamente ligada à sua história de migrações e que, sem as últimas, Turim não podia existir, ou pelo menos não seria aquela que se conhece. Podemos, de facto, ler esta *narrativa* como uma espécie de mito de fundação da cidade: assinalado por um começo (o “início de 900”), ela tem um “caráter” e um “destino” ligado a este, cujo cumprimento é levado a cabo pelos seus “heróis”, através da superação das provações e desafios que se colocam a esse “destino”.

O “caráter” é aquele da cidade multicultural, composta por tantos fluxos migratórios. O seu “destino” é o de cumprir sempre esse *desafio*: dar o *pequeno mas custoso passo* da

integração “multicultural”; portanto, o cumprimento desse destino é, ao mesmo tempo a causa e a consequência do seu carácter multicultural, sendo que os “heróis” que o levam a cabo são, precisamente, os imigrantes.

Assim, note-se que, no “início dos tempos”, quando em apenas trinta anos a população da cidade duplica graças à imigração do campo para a cidade, este acontecimento não parece apresentar os problemas comuns a todas as histórias de migração, onde o contacto com a diferença cultural está no cerne da questão – de facto, o tropo da *diferença* só é introduzido na “história” quando chega a vez da migração das regiões “meridionais”, antes disso, apenas um acontecimento “exterior” (a chegada da guerra), fator alheio à sua história, mas que a vem situar num contexto nacional e internacional (fala-se na 2ª Guerra Mundial), perturba o “destino” que já estava em marcha: o fluxo de pessoas que se dirigem à cidade para a pôr à cabeça da industrialização do país. Portanto, o “destino” de Turim, o de ser construído através da fixação de um movimento – o das migrações – participa da sua própria natureza: a de ser *multicultural*.

A parte da história que situa a cidade num e como *contexto*, atribuindo-lhe um sentido e uma identidade, é a chegada dos imigrantes da “Itália Meridional”. Repare-se ainda que é esta chegada que dá a Turim uma verdadeira dimensão nacional (a sua FIAT torna-se na primeira indústria da *nação*), e de lugar deslocalizado, é como se de repente se assistisse a uma hiperlocalização retórica do lugar: não só Turim ganha uma dimensão nacional (a acrescentar àquela primeira, desfocada, dada pelo fator externo da guerra), mas é como se fosse o próprio centro desta nação.

Por isso mesmo, nunca se explica por que razão o “movimento de pessoas” existe, pois é como se ele existisse por relação à cidade, sabe-se apenas que “de todas as regiões do Sul de Itália milhares e milhares de pessoas apanharam um comboio para o Norte, desceram na estação de Porta Nuova e (que) (...) através do (seu) trabalho incansável (...) (mudaram) para sempre a história social, cultural e política da cidade (...), com as suas cores mediterrânicas” - precisamente, volto a sublinhar, porque estamos perante a construção da identidade de Turim.

É importante ler nos silêncios dos textos, porque é neles que podemos começar a apreender a complexidade da realidade social; é a partir daquilo que este texto não diz - por exemplo, porque é que todas estas pessoas se deslocam do Sul para o Norte, num determinado tempo ou porque é que, mais tarde, chegam as outras vagas de migrações, de outro(s)

"Sul(is)" do mundo ou em que medida é que o *pequeno passo* (o da "integração") é *custoso* - que podemos começar a reconstruir o todo da realidade na qual se enquadra o discurso do projeto.

À parte o facto da história deste encontro ser contada a partir de um ponto de vista parcial, construindo uma narrativa "mítica", temos que perguntar porque é que ela omite uma parte da história, para depois a deixar entrever no final, quando se refere ao "pequeno mas custoso passo", que ainda hoje põe à prova o "caráter" desta cidade.

O que se pretende nesta construção identitária da cidade é que o seu caráter seja multicultural, a premissa de que parte esta construção é a mesma que está na base do "sonho do multiculturalismo", como lhe chamou Baumann, que será o sonho da "equality across all differentiations" (Baumann, 1999:135), e portanto, podemos dizer que a narrativa em ato pode ser lida como um "mito do multiculturalismo". Mas, ao contrário do que esta "narrativa mitológica" nos quer fazer parecer através dos seus mecanismos retóricos que, por relação à história do contexto, *naturalizam* o fenómeno migratório - as migrações não são a manifestação e prova de um seu destino épico, mas uma consequência de outras determinantes históricas.

Volto a chamar a atenção para a construção da narrativa e a sublinhar que não é por acaso que a duplicação da população no espaço de trinta anos relativa à imigração piemontesa do campo para a cidade não parece ser problemática, ao passo que relativamente àquela proveniente do sul se acena, no final, aos cartazes "não se aluga a meridionais", visíveis nas janelas das casas de Turim nos anos 50 e 60. O "pequeno mas custoso passo" da *integração* identitária que diz respeito às migrações é muito diferente daquele da *naturalização* como processo de construção de uma identidade nacional ou regional.

Se nesta narrativa a migração piemontesa do campo para a cidade não é problematizada é, precisamente, porque a identidade piemontesa é construída através dos processos de *naturalização* próprios da lógica de uma construção identitária do "eu"/do "mesmo", ao passo que, no que respeita à migração meridional, aquilo que lhe subjaz é a problemática da *integração*, em que a construção identitária se joga numa dinâmica de negociação entre um "eu" e um "outro".

Uma vez que as condições históricas que estão na base desta dicotomia entre um "eu" *piemontês* e *setentrional*, neste caso, e um "outro" *meridional*, remontam a um processo de

construção identitária do “estado-nação” que não foi, e não é ainda, pacífico: diz-nos Bullaro que a Unificação de Itália em 1861 (que marca o início deste processo) se constitui, na realidade, como uma anexação do Sul pelo Norte, estabelecendo à partida uma construção hierárquica das diferenças regionais, em que uma dicotomia polarizadora do Norte e do Sul, está na base de uma profunda desigualdade social que ainda hoje está bem presente (Bullaro, 2010).

Assim, a identidade nacional nunca se chega a construir como uma “entidade” reificada, como seria “natural”, afinal é este o seu mecanismo, mas encontra-se já à partida dividida, e conseqüentemente, constroi-se a partir dos esterótipos produzidos pela “metade” dominante, neste caso, o Norte, acerca do “outro”, *meridional*.

Note-se que na “narrativa mítica”, mais uma vez é preciso ler nas entrelinhas: se os *meridionais*, primeiros heróis da cidade multicultural, desceram na estação de Porta Nuova para se “tornarem artífices do boom económico construído pelas fábricas, através do **trabalho incansável** dos operários” (o sublinhado é meu), é porque, precisamente, uma das imagens estereotipadas mais marcantes relativas a estes imigrantes é aquela do “fannullone”, um “mandrião” em outras palavras, estereótipo imaginado por relação à construção do “eu”, diametralmente oposto, em que o trabalho entra como fator *natural* da identidade setentrional.

Não é um facto estranho à antropologia que o racismo seja uma das manifestações do etnocentrismo e que este seja uma característica *natural* das sociedades (Lévi-Strauss, 1952, 2003), de facto, este é, na maioria das vezes, o movente da dinâmica entre identidade e alteridade, e seja no caso da imigração interna, seja no da imigração estrangeira em Itália, este é um factor bem presente:

“Piero Angelini reports that as far back as 1805 René de Chateaubriand in his *I martiri* provided a portrayal of the southern Italian as 'una sintesi di elementi spagnoli, turchi e nordafricani' (an amalgamation of Spanish, Turkish and North African traits) thereby setting the stage so to speak, for the subsequent racialization of the 'meridionale' (...[but is just when this] pathetic figure of fun and hostility begins to emigrate to the north, that the label of *terreone* is applied to him (...) it is a term, much like the present day *extracomunitario*, that by its very nature implies otherness, migration and displacement” (Bullaro, 2010: xviii).

É claro que esta aceitação do estereótipo não é pacífica por parte das pessoas protagonistas da migração interna e muito menos para a geração dos filhos, e ainda, em alguns casos (dependendo da classe social a que os pais conseguiram ascender ou não) dos netos –

nascidos no Norte, e criados com as referências culturais do Sul.

Nada, de facto, é dito ao acaso nesta pequena narrativa que condensa em si todos os sentidos desta história. Se “o (...) desafio que hoje põe à prova a cidade perante as novas migrações internacionais” é o mesmo, podemos assumir que existem analogias e/ou diferenças instrutivas, entre o acolhimento que foi dado aos imigrantes meridionais e aquele relativo aos imigrantes estrangeiros, mesmo não se tratando de experiências migratórias de alguma forma semelhantes, tese aliás defendida por vários autores (Maher, 1996; Puglese, 2002; Bullaro, 2010).

Segundo Maher, sobretudo, “nas cidades industriais do Norte, como Milão e Turim, a nova imigração invocou a experiência traumática da migração interna dos anos 50 e 60” (Maher, 1996: 166), portanto, a precedente imigração meridional condiciona hoje fortemente a perceção da imigração estrangeira, expressa, precisamente, através dos mesmos estereótipos impostos agora aos novos imigrantes.

Do ponto de vista da biografia dos indivíduos, considerada na sua dimensão histórica, penso que as vozes dos turinenses que têm hoje idade suficiente para ter assistido aos dois movimentos migratórios (do sul de Itália e dos “suis” do mundo), são particularmente significantes para perceber esta dinâmica da construção identitária, podendo exemplificar a forma analógica através da qual se organiza o campo das alteridades neste contexto.

A este propósito, é importante citar o estudo de Albarello (1997), antropólogo turinense, vem, trazer à luz as opiniões dos turinenses acerca da “velha” e da “nova” imigração. No seu trabalho etnográfico, debruça-se sobre a construção de uma identidade étnica (a Padania) enquanto capital político, que fez o sucesso de alguns movimentos de “renascimento piemontês”, como a Lega Nord. Estes movimentos, fizeram do anti-meridionalismo a sua primeira bandeira; hoje o alvo principal é o *extracomunitario* – termo atribuído pelo senso-comum à figura do imigrante de hoje.

Os testemunhos recolhidos entre turinenses (alguns de origem meridional) que, mesmo não aderindo à Lega, ou até opondo-se-lhe abertamente, parecem, contudo, partilhar a convicção de que existe uma identidade setentrional ou turinense fundada no trabalho e que tal identidade se desmoronou por influência da imigração meridional, que neste aspecto não difere das mais recentes ondas migratórias provenientes de “um outro Sul” (Albarello, 1997).

Assim, o “novo” racismo, reciclado a partir daquele “velho”, tem também como



protagonistas os velhos migrantes meridionais, aqueles que anteriormente se viam confrontados com uma identidade "atribuída à força e do externo de forma hostil – [e que hoje] se transformou em qualquer coisa que uma pessoa pode escolher vestir e defender, reivindicando as próprias origens ou procurando salvaguardar a própria cultura e o próprio passado" (Basile, 2001: 31).

A contradição no facto de movimentos como a Lega Nord encontrarem apoio entre os seus alvos de “abate” é só aparente, mas vem complexificar a análise do processo de construção da dinâmica entre identidade e alteridade. Neste caso, aqueles que primeiro sofriam a imposição de estereótipos relativos à sua identidade, reagem à chegada dos novos imigrantes através de uma espécie de vingança: depois de uma custosa integração no seio da “desenvolvida” sociedade do norte, sentem-se como que provocados pela presença do *extracomunitario*, visto como violento e desrespeitoso dos códigos do trabalho e do sacrifício a que se tiveram de adaptar (reelaborando o estereótipo).

Assim, existem vários factores, alguns convergentes, outro contraditórios, que contribuem para a construção do “eu” e, concomitantemente, do “outro”: se entre setentrionais e meridionais, ninguém se revê enquanto italiano - aliás, tanto de um lado como do outro, pelas razões opostas, existe um sentimento de rejeição relativo a este conceito. A identidade é construída por referência a uma dimensão regional, mais do que nacional, através de uma dinâmica de atribuição de estereótipos, e por um encaixe e resistência aos mesmos. Podemos então dizer que o “nós” da identidade coletiva só se constitui por oposição ao “outro”, acabado de chegar.

Assim, como nos diz Fox, “a cultura nacional (...),[é] um produto contingente da história (...) [que] integra e constitui desigualdades. Se estas desigualdades se escondem atrás da integração e constituição cultural, então a integração é uma variável relacionada ao grau de dominação numa sociedade” (Fox, 1990: 10-12 em Sasaki, 2000: 66). Por esta ordem de ideias a aceitação e reprodução dos estereótipos atribuídos pela parte dominante (a sociedade de acolhimento), é um mecanismo de *integração* no estado-nação.

De facto, os “meridionais”, devido a um sentimento de inferioridade (falo do impacto que a migração teve) por relação à “cultura setentrional”, tiveram, para se *integrarem*, que adaptar a sua identidade à aceitação do estereótipo negativo que lhes foi imposto, humilhando-se ou, de qualquer forma, sentido-se marginalizados (daí a redescoberta das suas

raízes, superada a fase da integração forçada, tanto por parte daqueles que hoje são os representantes da primeira geração como por parte das seguintes gerações).

A diferença é que os novos imigrantes não são portadores deste "complexo de inferioridade" relativo à sua identidade que caracterizava os precedentes. À chegada a Itália, mantêm "forte" a sua identidade, reivindicando (de forma mais ou menos consciente) os seus direitos, ou seja, não pagando o preço da *integração* que lhe é proposto: o "abandono" dessa mesma identidade. E assim, são também eles vítimas de racismo, na medida em que, no confronto com uma identidade italiana dividida, a sua diferença torna-se, para alguns, sinónimo de "invasão".

Voltando à narrativa, pode-se ver como esta procura combater os discursos de senso-comum sobre a diferença (que a amalgamam numa única palavra que despersonaliza a pessoa do (i)migrante reduzindo-o a *extracomunitario*) – através do recurso à retórica da enumeração: o exagero para nominar a diversidade da diferença cultural ("Albaneses, marroquinos, senegaleses, chineses, filipinos, romenos, bengaleses, peruanos, nigerianos, moldavos, brasileiros, indianos, paquistaneses, tunisínos, somális, ucranianos e homens e mulheres de mais outros cinquenta países"). Neste caso, não é o tropo da invasão que está em causa, mas um mecanismo retórico que quase parece transformar a diversidade num menú gastronómico pronto a ser degustado por alguém ávido de "cultura".

Assim, também a premissa do "sonho do multiculturalismo" que está na base da construção desta narrativa, neste caso, acaba por permitir a reificação da diferenciação cultural na medida em que a construção da imagem de uma cidade multicultural na sua *essência*, se baseia na inversão dos estereótipos do senso-comum sobre esta. Assim, a *terronelfannullone* opõe-se o *artífice* do boom económico *trabalhador incansável*, ao *extracomunitario* opõe-se a figura do *migrante*, todos eles transformados em "turinenses", não sem antes terem enriquecido esta "alma alpina" com as suas cores, "mediterrânicas" ou de "um outro sul".

Partindo da premissa de que as identidades são negociáveis, porque a sua natureza é, na realidade, dinâmica, discursiva, construída historicamente, procurámos apresentar o contexto dado aos recém-chegados imigrantes relativamente à possibilidade de negociação identitária que tem por objectivo a sua *integração*.

Neste quadro, a negociação de identidades é feita unilateralmente, ou seja, não existe negociação, e por isso, no jogo entre identidade/alteridade, a dinâmica que se cria é reificadora da diferença: de um lado, os (i)migrantes são confrontados com os discursos do senso-comum, em que *integração* significa despir-se da sua cultura para se tornarem italianos, ou seja, em que esta está condenada à partida, pois é medida por relação aos mesmos mecanismos que constroem a identidade nacional.

Se, dentro da lógica do estado-nação, *integração* e *identidade* se tornam sinónimos, na medida em que o sentimento de pertença é alicerçado na *naturalização* da identidade que, por sua vez, legitima essa pertença ao estado-nação, então, por referência à imigração, *integração* no estado-nação passa a significar alteridade, tornando-se um ideal a ser medido por relação à (*natural*) identidade.

Do outro lado, aquilo que os espera são os discursos “de esquerda” preparados para combater o racismo do senso-comum - aquilo a que Turner chamou o “multiculturalismo da diferença” (Turner, 1993) - em que *integração* significa ainda conformidade a um estereótipo, através de mecanismos de “domesticação” da diferença como, no caso dos guias migrantes, a essencialização “positiva” da *cultura*, tornando-a objecto de curiosidade “gastronómica”.

## **1.2. Sujeitos migrantes e seu papel**

Relativamente a um nível de integração “ideal” estabelecido pela sociedade de “acolhimento”, no geral, os *guias migrantes* estão numa posição privilegiada no que diz respeito ao estereótipo da imagem do imigrante em Itália<sup>2</sup>: muitos deles são filhos, ou da “segunda geração” ou de casamentos “mistos”, têm graus de formação académica, outros têm um papel ativo como “mediadores culturais”<sup>3</sup> entre a sociedade italiana e a sua e/ou as várias comunidades de imigrantes.

Perceber quem são estes *guias migrantes*, tão heterogêneos entre si<sup>4</sup>, e como se

---

2 Dentro deste estereótipo geral (o do *extracomunitario*), existem outros estereótipos relativos à origens dos imigrantes que se constituem em termos do lugar que vêm ocupar no mundo do trabalho, que é também pensado em termos da divisão de género: no geral quando se pensa na comunidade peruana, pensa-se em “colfs”, isto é, empregadas domésticas, quanto a “africanos”, na prostituição associada a mulheres de origem nigeriana e em vendedores ambulantes associados a homens senegaleses; os “marroquinos” (que estão à parte dos “africanos”, uma vez que estes são identificados por traços “raciais”) na religião e criminalidade, último factor partilhado com os romenos.

3 Mediador Cultural tem estatuto de profissão em Itália, existem especializações e pós-graduações em mediação cultural e o tipo de empregadores são escolas, “centros de permanência temporária” ou hospitais.

4 No que se refere a índices como a faixa etária, género ou proveniência geográfica, e ainda relativamente às

enquadram no projeto – digamos que aquilo que os acomuna é mesmo um determinado “grau” de integração, que aliás, é também diverso entre eles - passa por expor as suas percepções e expectativas sobre o papel que lhes é atribuído neste contexto.

Os excertos de entrevistas que se seguem procuram exemplificar quais são estas percepções e expectativas. Estas foram realizadas depois dos primeiros três meses de observação participante, em que a minha relação com os *guias migrantes* se estabeleceu, desde o início, como uma relação de pares, entendida desta forma, por razões diversas, tanto de um lado como do outro e, assim, as entrevistas foram conduzidas bastante informalmente, na mesa de um café ou no local de trabalho de algumas destas pessoas.

As últimas duas citações são a minha “legendagem” livre daquilo que foram as respostas a uma entrevista “encomendada” por Viaggi Solidali de uma das futuras guias marroquinas e de outra chinesa, cujo conteúdo foi escolhido como modelo para o vídeo promocional dos *tours migrantes* realizado, aliás, antes do início do curso<sup>5</sup>.

Escolhi incluí-las juntamente com as entrevistas fruto do meu trabalho etnográfico, não para criar uma espécie de contraste entre uma suposta “autenticidade” da entrevista informal e aquela formal (pois as duas últimas pessoas às quais me refiro, me repetiram as mesmas coisas, em outros contextos informais) mas porque penso que aquilo que dizem vem de encontro à forma como o projeto acaba por construir o papel de *guia migrante*.

Escolhi, também, “pôr a falar” um “representante” de cada grupo de imigração. O projeto divide os participantes em cinco grandes áreas, como lhes chama, mais representativas das migrações em Turim: “área Maghreb”, principalmente Marrocos, “área África sub-sariana”, principalmente Senegal, “área andina”, principalmente Perú, “área Europa oriental”, principalmente Roménia e “área asiática”, principalmente China. Segui deliberadamente a lógica dos discursos e estrutura do projeto para destacar o objectivo por detrás desta estrutura – criar um produto no mercado do turismo cultural, em que a *diversidade* é, precisamente, uma mais valia.

A relação intersubjectiva que se estabeleceu com os “sujeitos migrantes” (daí a escolha da entrevista aberta em contexto informal) introduziu uma maior complexidade à análise da dinâmica entre as percepções destes sujeitos e a sua relação com as possibilidades e expectativas criadas pelo projeto, e introduziu densidade analítica à minha observação, uma

---

suas histórias de (i)migração e de vida, e às motivações e expectativas sobre o papel de “guias migrantes”.

<sup>5</sup> Disponível em [http://www.aldopavan.it/noimigranti/Porta\\_palazzo.htm](http://www.aldopavan.it/noimigranti/Porta_palazzo.htm).

vez que me apercebi em que medida este projecto é enformado pelas imaginações, competências e práticas dos actores nele envolvidos, e concomitantemente, o que é que está em jogo quando se fala em integração, neste contexto. Os sublinhados são meus.

P: Como é que vieste parar ao projeto?

R: Bem, **estou a fazer uma tese de doutoramento em antropologia** sobre o papel das mulheres na aldeia da minha mãe no Senegal (...), e por isso, já tinha ido a algumas conferências no Centro Intercultural e fui também aos seminários que introduziam a ideia do curso, depois o Francesco perguntou-me se não queria participar no curso para ser guia migrante e eu vim (...).

P: E o que é que estás a achar?

R: Como ideia é muito boa porque em Itália existe a necessidade de projetos assim porque se tem medo do diferente, mas ao mesmo tempo **parece-me um projeto, como dizer, que vai um bocado contra aquilo que são os seus objectivos**. Eles falaram de multiculturalismo, integração, etc, (...) **porque a integração agora está muito na moda, mas nos passeios há a tendência a diferenciar**, a guetizar, uma coisa que na realidade não é assim, a realidade é muito mais entrecruzada. Depois uma outra coisa, é que eu teria feito uma coisa muito mais interativa, por exemplo que o guia chinês aprendesse também as coisas do senegal e assim por diante. **Se calhar não se fez muito emergir esta coisa da mistura** (...).

P: Quais são as tuas expectativas, o que é que achas que pode sair do curso de formação?

R: Eu tenho muitas dúvidas, sobretudo, sobre aqueles que continuarão a trabalhar como guias, porque é preciso saber falar bem italiano, acho que nem todos poderão fazer estes passeios...e portanto, por exemplo, exclui-se a Najad...**sim, é um curso para imigrantes, mas para imigrantes integrados**. Outra coisa que emergiu no decorrer do curso, é que generalizam muito frequentemente, tipo o Senegal é muito diferente de norte a sul; muitas vezes muitos de nós interviemos para dizer, não, olha que não é bem assim...lembro o próprio Youssef que dizia, não, nós é assim...**falando com os outros marroquinos tinham perspectivas diferentes entre si**. Mimina (Senegal, 27 anos)

P: Porque é que resolveste entrar no curso de formação para ser guia migrante?

R: Eu era professora na Roménia...agora gosto muito daquilo que faço, poder ajudar os imigrantes que não podem ir a um hospital porque não têm documentos e espero que **tornar-me guia sirva para alertar e mudar um bocadinho a imagem que as pessoas têm dos imigrantes**, eu fui sempre muito bem recebida e gostava de poder falar sobre o meu país. Também porque ao início a minha filha tinha vergonha de falar ao telemóvel nos transportes públicos ou falar comigo, se estivéssemos no autocarros, em romeno, porque existe uma ideia de que os romenos são violentos ou agressivos e eu gostaria de poder **transmitir outra ideia, (...) também sobre os rom.**” Mirela (Roménia, 46 anos)

P: Como é que achas que está a correr até agora, era isto que estavas à espera quando vieste para o curso?

R: Se calhar existe um pouco **o perigo de simplificar**, de fazer uma divisão entre uma cultura e outra, e se calhar não falar da Itália...os conteúdos deviam estar mais misturados, até agora focalizou-se na cultura individual sem pensar nos encontros. Eu penso que eles o tenham centrado na comida..ok, **porque a comida é o meio mais imediato para conhecer uma outra cultura**, depois porque é um mercado....Mas se tu queres fazer uma coisa sobre o território ligada à realidade social de Turim e não refletir sobre a hibridação, sobre as segunda gerações, **não fica dito como é que esta culturas se encontram no contexto de Porta Palazzo, só que Porta Palazzo é um lugar de encontro**. Roberta (Itália, 26 anos)

Essadia (Marrocos, 33 anos): “Eu gostaria de mudar o que os **outros** pensam de **nós**, como comunidade marroquina, como estrangeiros, por causa de todas as dificuldades que temos e também por causa do medo que os outros têm desta zona, uma vez que vivemos aqui, também queremos que os outros vejam que **não é assim tão perigoso, assim tão mau**, por isso nós queremos que os outros também venham aqui e descubram esta parte de **Turim que é famosa** também por nossa causa, migrantes, nós **estrangeiros que lutamos por isso**.”

Rui (China, 28 anos): “Gosto bastante desta iniciativa porque é um modo para dar a conhecer **a minha cultura, o meu povo** e a nossa comunidade, porque, obviamente a parte que é sempre mostrada através dos jornais é, precisamente, aquela da confeção de roupa, do trabalho ilegal, da imigração clandestina, e depois, exatamente, existe todo o aspecto ligado à **cozinha, à filosofia e ao modo de viver chinês**. Na minha opinião, o facto de poder participar neste tipo de iniciativa, como guia migrante, portanto, **permite-nos exprimir-nos** e apresentar o nosso ponto de vista a todas as pessoas que estão curiosas para descobrir esta outra parte do mundo.”

A pergunta que esteve sempre presente ao longo do meu trabalho de campo era a de saber o quanto, tanto os destinatários do projeto como os seus organizadores, estavam conscientes da discrepância entre os pressupostos deste e a sua prática, discrepância essa que, desde o início do trabalho de campo, se me revelou como problemática.

Os pressupostos do projeto são aqueles do empowerment, ou seja, o projecto é fundado pela ideia de que o sujeito migrante é um elemento chave para a constituição de uma sociedade verdadeiramente multicultural, na medida em que possui uma mais valia

relacionada com a natureza híbrida da sua identidade. A ser assim, este seria um dos contextos que cria as condições necessárias para dar protagonismo a esta natureza do migrante que, no fundo, espelha aquilo que é também a natureza da cultura.

Porém, olhando para as práticas do projeto, estas me pareciam estar longe de corresponder àquilo que eram os seus objectivos. Quando o papel que é atribuído aos guias migrantes vem “de cima” e os encaixa num estereótipo (o de serem “porta-vozes” da sua cultura), empowerment torna-se sinónimo do processo de essencialização da cultura que está por detrás das práticas de turismo cultural do projeto.

Estas práticas são de, facto, alvo das críticas de alguns dos guias. Mimina, por exemplo, fala da discrepância que referi, deixando bem claro que o projeto “vai um bocado contra aquilo que são os seus objectivos”, exatamente devido ao “perigo de simplificar”, como enuncia Roberta.

Explicando que operação de simplificação é esta, os discursos de ambas são complementares: “porque a integração agora está muito na moda, mas nos passeios há a tendência a diferenciar” (Mimina), ou seja, primeiro a diversidade cultural dada pelas migrações tem que ser compartimentada pela recorrência à reificação da cultura (o guia marroquino é o “porta-voz” da cultura marroquina, o guia chinês da cultura chinesa, e assim por diante), assim, “não fica dito como é que estas culturas se encontram no contexto de Porta Palazzo, só que Porta Palazzo é um lugar de encontro” (Roberta); em segundo lugar, “porque a comida é o meio mais imediato para conhecer uma outra cultura” (Roberta), e assim, tendo já procedido à operação mental da essencialização, a cultura é ainda reduzida ao seu aspeto mais material, digamos, àquele que é, ao mesmo tempo, mais “inofensivo” e apelativo.

Mas as consequências desta discrepância (entre os pressupostos do projecto e a sua prática) ficam por avaliar, dado que muitos dos guias migrantes não têm esta perceção, eles partilham da mesma perspetiva essencializada sobre o significado de cultura, vivendo o seu papel como uma para ocasião para resgatar a sua identidade cultural dos estereótipos negativos a ela associados.

Assim, vêem o papel de guia como uma oportunidade de “alertar e mudar um bocadinho a imagem que as pessoas têm dos imigrantes” (Mirela), uma ocasião para, finalmente puderem exprimir-se e falar sobre a sua cultura, com letra grande (“a minha cultura, o meu povo; a cozinha, à filosofia e ao modo de viver chinês” [Rui]), e, continuando,

portanto, a situar-se no mesmo paradigma que vê a cultura como uma entidade monolítica.

Porém, um projeto que procura servir simultaneamente dois propósitos, um comercial, na sua dimensão de produto-oferta no âmbito do “turismo cultural e sustentável e/ou solidário”, o outro político, na sua, digamos, dimensão ontológica, e que, concomitantemente, põe em movimento uma série de diferentes expectativas por parte de uma série de diversos atores, não pode ser visto apenas através de uma só lente, dependendo da perspetiva, este adquire diversos sentidos. Por isso não podemos dizer que o que está em jogo é apenas mais um dos “multiculturalismo da diferença”, plasmado no processo *essencialização* da cultura para efeitos da sua “comercialização” operado através da prática do projeto, ou que, por oposição a isto, trata-se sim, de um exemplo de *empowerment*.

Assim, se se adota o ponto de vista dos sujeitos migrantes tendo em conta a diferença das suas expectativas e perceções, continua a não ser imediata a atribuição de um único sentido, no que diz respeito tanto às metas como às consequências do projeto. Pois se, para Mimina e Roberta é fácil terem uma perspetiva crítica e, conseqüentemente, o jogar com a sua identidade de migrante pode ser visto como uma essencialização identitária verdadeiramente estratégica, enquanto consciente, já para outras pessoas, como Mirela, por exemplo, ou mesmo Rui, o uso essencializado da sua identidade, é percebido e vivido como normal.

Mas, se o projecto é polissémico a partir de um ponto de vista dos sujeitos migrantes, ele não deixa de ser “curso para imigrantes, mas para imigrantes integrados” (Mimina), e assim, mesmo que o grau de integração seja variável, a constante não muda, do ponto de vista das práticas: integração é um pré-requisito para mais integração.

### **1.3. Migrações e representações mediáticas da diferença cultural**

“Termos mais antigos como 'marroquino', 'meridional', 'africano' ou 'cigano' que representam uma espécie de palimpsesto de várias práticas de exclusão do passado são aplicados muitas vezes de modo arbitrário a qualquer estrangeiro, quer seja iraniano ou senegalês, como no passado serviam para indicar calabreses ou sicilianos. Tais categorias são, até certo ponto, intercambiáveis”. (Maher, 1996: 126) (tradução livre do italiano).

Sob o ponto de vista da construção do projeto “guias migrantes” enquanto discurso, trata-se, não só de imaginar a identidade de “guia migrante”, mas também a identidade da



própria cidade, através da construção de um itinerário que a vê como “multicultural” ou “multiétnica” e cosmopolita. Antes de me concentrar nos discursos do projeto, que participam da disputa e da criação do espaço simbólico, e concomitantemente da mudança em curso, é importante perceber como é que este é enformado por outros que o precedem e que construíram simbolicamente o espaço sobre o qual, por sua vez, se baseia o imaginário do itinerário multicultural.

Antes de mais, faço uma breve digressão por aquilo que são as representações mediáticas do “outro”, principalmente as que se referem aos imigrantes estrangeiros, mas tendo em atenção o contexto representacional que as precede, e que, precisamente, é aquele que se refere ao “outro” dentro de casa – obviamente, adoptando sempre o ponto de vista do contexto referencial onde se situa o meu terreno: o norte de Itália. Depois disto, parto para a análise dos discursos mediáticos sobre os guias-migrantes e os passeios migrantes. Aquilo que os interliga, para além de serem representativos das perceções da “alteridade” veiculadas pelos media, é o facto de que participam ambos no processo de construção identitária.

Uma pesquisa levada a cabo pelo *Istituto Paralleli* (ver ponto 3.2 de 3 capítulo), durante todo o ano de 2009, realizada por docentes da Faculdade de Ciência Políticas da Universidade de Turim, sobre a relação dos media piemonteses com a “interculturalidade”, concluí que:

“a sociedade local vista através dos media de Piemonte continua fortemente atrasada face à intercultura, revelando-se pouco disponível para integrar as diferenças, também a nível da linguagem. O cidadão imigrante continua ainda a ser associado, prevalentemente, à dimensão da marginalidade social (...) e só esporadicamente se constata um empenho [por parte da linguagem mediática] para mudar de registo. Persiste um atraso e uma dificuldade cultural para 'normalizar' o discurso sobre o Outro e abater preconceitos” (Comunicado de Imprensa Paralleli, 2010).

Um dos aspetos desta pesquisa debruçou-se precisamente sobre o corpus linguístico utilizado para falar de intercultura e imigração: “extracomunitario” é o termo que identifica na linguagem dos media o (i)migrante, tendo normalmente uma conotação negativa que sugere um estado de alarmismo generalizado. “Extracomunitario” é ainda confundido, a nível linguístico, com outros termos como imigrante, clandestino, refugiado, ilegal, criando um nevoeiro semântico que contribui para o aumento da desconfiança do público. De facto, o

termo ganha protagonismo mediático quando associado a problemas de ordem pública e de segurança, ao passo que os casos de "inserção" e "integração" que são, aliás, a esmagadora maioria, são ignorados.

Este termo espelha uma *determinada* mundividência relativa às representações sobre a diferença cultural por parte do senso-comum italiano e contém ainda em si a dimensão histórica que tem que ser tida em conta quando falamos no(s) fenómeno(s) migratório(s). Poder-se-ia pensar que este racismo latente na palavra extracomunitario é referente ao atributo mais visível de identificação da diferença, a diferença da cor pele, ou pelo menos de traços somáticos em geral – mas quer venham de países não pertencentes à União Europeia (essa é a justificação para o uso do termo), quer venham de países que fazem parte desta, como é o caso da Roménia, por exemplo (e não me refiro ao caso rom), esta é a palavra que, basicamente, condensa a forma de representação da diferença cultural.

Assim, esta análise resultante do estudo sobre os media piemonteses, vem reforçar o argumento já apresentado no primeiro ponto sobre a construção da identidade italiana, ao afirmar que se nota “a formação de uma espécie de barreira entre italianos/imigrantes [a nível da utilização da linguagem], na qual se percebe uma vontade, para além de uma necessidade, de redefinir o significado identitário dos primeiros” (idem, 2010); também um outro estudo, desta vez de uma antropóloga, sobre as atitudes dos italianos – condicionadas e condicionantes da mediatização do fenómeno migratório - relativas à imigração em San Salvario (um dos bairros "multiétnicos" cenário dos *passeios migrantes*) com o título, já por si significativo, *uma obsessão com a diferença cultural*, coloca ainda o problema em termos da relação entre a classe social e o nível das representações: “não há dúvida de que no preconceito expresso relativamente aos estrangeiros [leia-se imigrantes] exista uma componente de defesa da própria posição de classe média, talvez apenas recentemente conquistada” (Mauritano 2002: 59-77 em Maher, 2005).

Portanto, a dimensão histórica das representações sobre alteridade, pode ser relevada a partir desta perspectiva da análise mediática, onde podemos ver “em prática” os reflexos, seja das dinâmicas de construção da identidade através da relação com a diferença, como das condições sociais e políticas que lhe fornecem o contexto.

A falta de atenção relativa aos exemplos de integração “positiva” é justificada pelos media piemonteses, interrogados no estudo conduzido pelo Istituto Paralleli, pela falta de

recursos económicos e por políticas públicas pouco atentas à questão da integração – porém, afirma-se que onde as políticas são mais atentas à questão, também os media têm um discurso mais atento.

Passando do nível regional ao local, e dos termos utilizados para construir a imagem do “outro”, para os termos que *territorializam/localizam* essa imagem, dando, por sua vez, aos espaços urbanos que esse “outro” veio “ocupar”, uma identidade - no que diz respeito aos media turinenses, Porta Palazzo detem o papel principal da atenção mediática no que se refere à problemática da imigração. Citando o trabalho de pesquisa de Semi acerca das representações dos media locais sobre a figura do imigrante, na análise que este faz de um ano (2003) de artigos sobre o tema, num total de 87, pelo menos um em cada sete artigos (um em cada quatro dias) falam de Porta Palazzo, “a sua esmagadora maioria, encontra-se nas páginas de crónica negra (...) [ou] a questão mediatizada do Islão (...)”. (Semi, 2010:42-43).

Se por um lado, Porta Palazzo é caracterizada a nível mediático como lugar perigoso, por causa da presença de imigrantes, por outro lado, a má fama do lugar começa a ser pontualmente substituída por uma outra imagem, por sua vez também estereotipada, ligada à imigração: a praça do mercado como lugar de encontro e troca intercultural. Assim, Porta Palazzo, está também no centro da narrativa de uma “nova Turim”, que ganha o estatuto de cidade global, onde o maior mercado aberto da Europa representa por excelência o símbolo do carácter multicultural desta cidade. Os artigos que dão notícia sobre os passeios migrantes, surgem assim como exemplo desta narrativa que conota a “interculturalidade” como uma mais valia a nível da narrativa identitária da cidade. Passo a analisar de seguida um corpus de artigos de vários jornais que consultei, conforme informação disponibilizada no site oficial de Viaggi Solidali<sup>6</sup>,

Se a praça, sobretudo de noite, é caracterizada no imaginário citadino pelo binómio estrangeiro-perigo, esta ideia é voltada do avesso no momento em que se fala da sua faceta diurna, ligada ao comércio mercantil, transformado no símbolo da troca cultural, do trabalho “lado a lado” entre os imigrantes do “passado” (os camponeses piemonteses que vendem no mercado os seus produtos) e do “presente” (os novos camponeses chineses que cultivam os campos piemonteses).

Neste caso, não se fala de *extracomunitario*, mas de *migrante*, seja no caso dos

---

6 Ver Anexos C,D,E,F,G,H,I,J,K,L,M

futuros guias como no dos comerciantes da praça: a respeito destes últimos sugere-se, em tons de depliant de agência de viagens, uma convivência entre autóctones e migrantes que se baseia na ética do trabalho, tão cara ao imaginário piemontês - “os camponeses piemonteses vendem os seus produtos lado a lado com os cultivadores chineses”. Sublinha-se, quanto aos guias, a sua formação: quase todos licenciados, trabalhadores, e com grande vontade de falar sobre a sua cultura através da oportunidade dada pelo projeto.

Porém, raramente nestes artigos é dada directamente a palavra aos protagonistas, “mediadores culturais de turismo responsável”, mas ao omnipresente Marletto (principal sócio de *Viaggi Solidalli*) que repete o slogan do migrante como “ponte entre culturas” e de Porta Palazzo como “lugar da intercultura”. A história de vida dos guias-migrantes é instrumental para transmitir a ideia de uma realidade de colaboração e troca, onde estes migrantes, “amostra” exemplar da sua cultura de origem, são colocados como exemplos virtuosos de imigração. Nenhum aceno às dificuldades, mas tanta vontade de integrar-se e de contar a sua história.

Portanto, a utilização da palavra cultura, continua ainda, como no caso do discurso negativo, a ser instrumental para conotar o imigrante, dotá-lo de uma identidade e oferecê-lo “de bandeja” ao discurso intercultural, com veia de marketing. A partir daqui, podemos perguntar se existe uma diferença real entre o discurso genérico do imigrante como perigoso e do migrante como “exemplar cultural” e sujeito-ponte-entre-culturas?

E que papel, do ponto de vista do público-alvo dos artigos, têm os “consumidores”, os “turistas”, os “autóctones” chamados a redescobrir a sua cidade para além dos estereótipos do bairro difícil e do imigrante ilegal? O papel de consumidores, precisamente. Partners do migrante no discurso reificador, têm também um papel definido: de curiosos relativamente às “culturas” que coloram Porta Palazzo, cidadãos tolerantes no que respeita o discurso da pluralidade religiosa, deixam-se guiar à descoberta dos dois bairros malafamados, atraídos pela ideia de “consumo cultural”, sob a forma de histórias acerca da comida e de lojas, mercearias, bazares “exóticos”.

Na representação mediática do projecto não é aplicado qualquer filtro: dos artigos que reproduzem entre aspas as palavras de Marletto àqueles que o reproduzem por outras palavras - os Romenos são todos talhantes e charcuteiros, os Maghrebinos vendedores de hortelã, os Chineses camponeses ou donos de lojas e restaurantes, num discurso que identifica a

“cultura” do migrante com a sua profissão. Um discurso simplificador para uso e consumo do “turista da casa”, convidado a superar medos e preconceitos, para se inebriar com as fragrâncias e perfumes de comida e dos sons das línguas de todo o mundo que ressoam na praça de Porta Palazzo.

Se os media são um meio omnipresente na veiculação e construção das duas imagens da alteridade – a do imigrante-extracomunitario-marginal-que-vive-num-espaco-perigoso e a do migrante-integrado-trabalhador-que-circula-num-espaco-cosmopolita, então eles dão-nos a possibilidade de olhar para as diferentes escalas da política *real* por detrás destas construções mediáticas.

A nível nacional, tanto no que se refere à questão da construção da identidade nacional, como ao verdadeiro movente da política - a economia - a primeira imagem parece ser a única possível num país onde a identidade é ainda dividida e hierarquizada entre norte/sul e onde a classe média que começa a emergir nos anos 60 é composta maioritariamente por aqueles que antes dos “extracomunitarios” ocupavam o seu lugar simbólico, mas também social. Ainda, onde o facto de que:

“a economia informal compreenda cerca de um terço dos postos de trabalho (...) e que muitos imigrantes sejam empregados neste sector, não consente, nem ao governo prever as necessidades do mercado de trabalho, nem aos estrangeiros, fazer projectos realistas, [em que a legislação em vigor sobre imigração] favorece o trabalho temporário, reduz a um ano o período de autorizações de permanência (...); invertendo a tendência dos imigrantes para a estabilização e para o insediamento, sem no entanto, desencorajar a presença de 'clandestinos'”, [de que a economia tem necessidade]”. (Malher, 2005: 118) (tradução livre do italiano).

Porém, ao nível das políticas locais – pelo menos no caso de Turim (mas não é este o único exemplo) – as respostas que vão de encontro à “integração” são vigentes, e assim encorajam-se artigos como aqueles que publicitam os passeios migrantes (mesmo que a nível regional estes ainda sejam a minoria, como aponta o estudo de Paralleli supracitado). Turim surge-nos como um exemplo de como as respostas dadas a um problema a nível local se interligam, mais do que com o nível nacional, com um nível transnacional (neste caso, as políticas europeias), que disponibilizam os financiamentos que estão por detrás do projecto específico a que nos referimos (os passeios migrantes), mas também, como iremos ver, por detrás da própria mudança de imagem da cidade.

## **2. Turismo cultural: cidade como lugar de construção identitária**

### **2.1. A Porta Palazzo de Viaggi Solidali**

“Porta Palazzo, Porta Pila, Bab al-Kassar, Adjamé marché e quem sabe quantos outros nomes nas múltiplas línguas do mundo tem esta praça. Línguas que hoje ressoam, nas ruas e nas casas dos bairros circundantes, escritas nos muros e nos letreiros das lojas, faladas por tantos migrantes que escolheram Porta Palazzo como casa ou local de trabalho. Assim como antes deles tinham feito outros migrantes, desembarcando dos comboios da região Meridional de Itália, à procura de sorte e de um posto de trabalho na fábrica. E antes ainda, os camponeses piemonteses, os mesmos camponeses que ainda hoje, vendem, debaixo da sua famosa “telheira”, os produtos dos campos e dos pastos. Lado a lado com os cultivadores chineses de couves e de beringelas, com os jovens vendedores de hortelã e com as senhoras marroquinas com os seus grandes sacos cheios de pão e mssemen acabados de sair do forno, com os talhantes e queijeiros romenos que cortam em fatias finas parizer e caçkaval, e com os pescadores sicilianos que gritam peixe, peixe fresco bella ragazza, num entrecruzar de sabores e perfumes que estonteia, num encontro de histórias de vida e de migrações que faz pensar. Tudo isto sob o olhar de igrejas e mesquitas, de associações e centros de encontro, de restaurantes e lojas voltados para a praça, janelas e portas abertas sobre um mundo em contínua mutação.

Passear hoje em Porta Palazzo, significa completar uma viagem no espaço e no tempo, viver uma experiência de multiculturalismo quotidiano que pode aproximar e dar a entender melhor, as dinâmicas da integração e da globalização que marcam o nosso mundo. Comidas, religiões e todo aquele complexo de saberes, hábitos e práticas a que chamamos cultura têm, em Porta Palazzo, um lugar privilegiado de encontro e troca que faz desta zona da cidade um verdadeiro laboratório ao ar livre de intercultura.

Ainda que as crónicas cidadinas e os preconceitos de muitos turinenses pintem o bairro como inseguro e degradado, Porta Palazzo com o seu mercado e o complexo de ruas e prédios que circundam a praça, apresenta-se como um lugar ideal para um turismo responsável e atento às temáticas culturais e sociais.” (ver Anexo B) (tradução livre do italiano).

É assim que começa a descrição da Porta Palazzo “turística”. E que retrato é este? As "catch frases" variam entre "A Porta do Palácio: à descoberta do mercado do mundo" (como está no projeto) e "A Volta ao Mundo numa Praça: Porta Palazzo" ou "Porta Palazzo: entre mercados, lojas, culturas e religiões" (como consta no material de divulgação produzido por Viaggi Solidali<sup>7</sup>). Assim, Porta Palazzo é construída através da imagem do mercado "o maior

---

7 Ver site oficial ([www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)) e Anexos N e O

mercado aberto da europa", sendo que neste sentido os termos são homologados e Porta Palazzo passa a ser sinónimo de mercado – quando na realidade é muito mais do que isso. Importa, então, perceber o que é que está a ser deixado de fora deste retrato, em função de que imagens ele se constroi e para dar lugar a quê, com quem e para quem é desenhado.

Neste recorte etnográfico, fala-se do percurso imaginado por Viaggi Solidalli, com o objetivo de dar a visão do projeto passeios migrantes sobre o que significa dar conhecer a “multiculturalidade” de Porta Palazzo. A etnografia, neste caso, passa por analisar o texto que imagina esse percurso – uma vez que é ele que serve de guião a toda a parte formativa e prática por detrás da realização dos efectivos passeios. Quem imagina o percurso é o antropólogo que está à frente do projeto – e portanto, este é um "texto" essencial para perceber o papel da antropologia enquanto instrumento na criação ad hoc de "projeto de desenvolvimento". Irei apenas destacar algumas das etapas de um mapa do passeio ideal, em que, em cada etapa se pretende, não só passear pelos espaços do multiculturalismo, mas sobretudo, entrar em contacto com as pessoas que “fazem” este espaço<sup>8</sup>.

Começa-se pela praça central onde, *“Um m'ssemen dourado custa apenas um euro, e é a senhora Fatima a explicar-nos a receita: 'precisas de farinha, água e sal, só isso. Amassas tudo junto e depois fazes bolinhas a que juntas um bocado de óleo'. A vida para Fatima, assim como para Nezha e Malika não é fácil, o risco de serem multadas e afastadas da praça é sempre alto, ainda que o seu pão seja o único que podemos encontrar sempre fresco mesmo depois do pôr do sol, quando as lojas fecham”*.

O percurso imaginário começa, portanto, com o encontro entre o guia (“ponte entre dois culturas”) e a figura “típica” da vendedora de pão marroquina, desdobrada em três: Fatima, Nezha e Malika. Repare-se na utilização do nome próprio como forma de humanizar esta figura: desta maneira o turista já não encontra a comum ideia de estrangeiro, mas Fatima, uma senhora real que, para além da sua origem, tem uma vida “que não é fácil”. Assim percebe-se que o ser " ponte entre duas culturas" significa que o guia deva estar suficientemente integrado na sua comunidade para ser capaz de colocar nas mãos do turista a vida real do imigrante, ou seja, trata-se aqui de imaginar um encontro casual entre o guia-migrante e uma venderora "ilegal", em que o primeiro está *naturalmente* familiarizado com a

---

<sup>8</sup> Apesar do texto original não estar em itálico, escolhemos destacá-lo aqui para diferenciar as citações do corpo do texto, evitando ao mesmo tempo cortá-las do corpo do texto, para efeitos de fluidez de leitura.

segunda para poder "apresentá-la" ao turista.

A seguir ao encontro “casual” no contexto informal da praça, vem um encontro programado: “*encontramo-nos a dois passos da Mesquita da Paz, o ponto de referência mais importante para os muçulmanos em Turim (...) quem não professa a fé islâmica pode também entrar na mesquita (...) avisando previamente o responsável. Foi isso que fizemos nós, marcando previamente um encontro com o imam Abdelaziz Khounati: 'Estão a ver aquelas pessoas vestidas de branco?', diz-nos indicando um grupo de pessoas paradas em frente à mesquita. 'Estão prestes a partir em peregrinação a Meca. O número de muçulmanos em Turim está sempre a aumentar, mas de momento ainda não temos uma verdadeira mesquita. (...) Este lugar chama-se Mesquita da Paz exactamente porque nós acreditamos na troca recíproca e na integração entre cristãos e muçulmanos.'* ”. Dentro da moldura do *passeio migrante*, a visita à mesquita transforma-se em algo de extraordinário: algo parecido a uma espécie de amostra de vida, como se a imagem fosse aquela do tronco cortado de uma árvore em que podemos ver todos os seus "anéis" – neste caso vemos o "coração da religião muçulmana", homens vestidos de branco, a simbólica partida para Meca, tudo mediado pelo disponível imam que, através de marcação, se presta a uma “tradução cultural”.

Saindo do “mundo islâmico”, “*é suficiente atravessar-se a rua para imergir num mundo totalmente diferente. Acontece, frequentemente, em Porta Palazzo e esta não é exceção, deixando o Norte de África atrás das costas, em dois passos encontramo-nos debaixo do 'telhado dos camponeses' que desde sempre hospeda os cultivadores directos da província de Turim (...)*” - repare-se que Porta Palazzo começa a transformar-se numa espécie de “país das maravilhas” onde é suficiente atravessar, neste caso uma rua e não uma porta, para encontrar uma outra dimensão; porém, ao mesmo tempo que se dá uma dimensão fantástica ao espaço, nega-se-lhe a sua realidade: o cruzamento desordenado e vivo das pessoas que o animam.

“*Mais uma vez, basta abrir uma porta [aqui já é uma porta!] para se ser catapultado para um outro dos tantos mundos de Porta Palazzo. Do mercado dos camponeses, piemonteses ou chineses, uma porta aberta conduz-nos de facto ao interior da antiga 'telheira do relógio', onde encontramos outros odores, outros sabores e outras histórias de imigração. A língua em que estão escritos os cartazes postos nos chouriços e queijos não engana: sunca, salam de Sibiu, salam Parizer, salam Bucaresti, cascaval. Estamos na*



*Roménia*”. “A migração romena, assim como as imigrações que envolvem outros países da Europa oriental como a Moldávia ou a Ucrânia, é uma migração transnacional, ou seja, que não prevê um distanciamento do país de origem e um exclusivo sedimento em Itália, mas viagens e atividades contínuas entre os dois países (...) como nos conta Tanya, trabalhadora moldava que faz compras em Porta Palazzo para si e para o idoso de que toma conta: ‘Aqui no mercado compro comida romena para mim, mas também produtos italianos para mandar para casa. Para trabalhar em Turim, deixei na Moldávia o meu marido, os meus filhos e o meu pai, gosto de poder enviar-lhes todos os meses comida e coisas italianas de boa qualidade’”.

A paragem na “Roménia” é bastante curiosa para quem não esteja familiarizado com o conceito de "transnacional" (como será o caso da maioria dos turistas e dos guias-migrantes que frequentaram o curso). Como se poderá, então, interpretar esta descrição? Que o transnacionalismo significa continuar a manter uma relação com o próprio país de origem e com o resto da família que ali ficou, através neste caso, da troca de produtos alimentares entre dois países? Então, perguntamo-nos se será só a migração da Europa oriental que é transnacional em Turim.

Deixa-se esta parte do percurso, para passar à etapa seguinte e atravessar a zona do mercado aberto orti-frutífero, e aqui, é-se envolvido numa “*experiência multi-sensorial verdadeiramente única no seu género: todos os sentidos, desde a audição, à visão, ao palato, ao olfato até ao tacto vêm-se envolvidos e solicitados pela sucessão de bancas de fruta e verdura que se estendem até à outra extremidade da praça*”. A atitude que o guia migrante deverá ter em relação às pessoas da “sua comunidade” que encontra “casualmente”, estende-se, neste ponto, à diversidade tout court, à variedade de sabores, odores, sensações que a praça emana, ou seja, o guia já não deverá ser apenas ponte entre duas culturas, mas também uma espécie de mediador dos sentidos. Neste momento, a diversidade desencarna-se das pessoas físicas para se transformar em sensação omnipresente, que o guia deve ser capaz de reconhecer e transmitir ao turista.

Depois da imersão dos sentidos na “diversidade”, passamos à etapa seguinte que se prende com a história de migração interna e, mais uma vez, “*são suficientes quatro degraus e poucos passos entre as bancas cobertas para ser transportados ao coração do Mediterrâneo, para um desses pequenos portos onde os barcos dos pescadores atracam de manhã depois de*

*uma longa noite de pesca*”. De migração, porém, já nem se fala. Aqui a referência é à tradição narrativa do romance realista (talvez porque muitas vezes a paisagem eleita do realismo, na literatura italiana, é o sul do país?), que assim, de repente, se substitui a uma realidade contemporânea e cosmopolita.

Mais uma etapa do passeio e entra-se na loja de um comerciante marroquino – outro dos principais objetivos deste é dar a conhecer o comércio “multiétnico” - e assim, “*é Hassan quem nos guia entre os seus tecidos: 'Em árabe o véu chama-se Hijab. Pode ser de diversas cores e pode-se usar de diversos modos, cada país tem uma tradição diversa. Na Turquia, no Iraque ou em Marrocos, podes ver véus completamente diferentes*”. Nada mais ideal do que uma loja de véus com um dono simpático e aberto para receber as pessoas e falar-lhes da sua cultura. Entre a mesquita e os talhos islâmicos esta loja pode ser um pretexto para invocar umas das mais polémicas temáticas quando se pensa em religião islâmica: o véu. De qualquer forma sempre através de uma abordagem “light”: diversas cores, diversas tradições, uma descrição harmoniosa, sem nenhuma referência a qualquer tipo de tensão.

Quase no final do percurso chega-se à “etapa-chinesa”, onde se assiste a uma interessante cena: “*entre as lojas chinesas, existe uma em particular onde a proprietária é gentil com os clientes mas grita sempre com o seu empregado. Ele é um rapaz senegalês e é engraçado quando ambos se irritam porque não falam bem italiano... ele percebe uma coisa, ela outra! Para melhor servir a clientela africana, há até de entre os comerciantes chineses quem decidiu aprender as línguas desses continente. É o caso de Xia Chu, a jovem filha dos proprietários de um dos 'china-markets' da zona: 'Eu tenho dezasseis anos e estou em Itália só há três', diz-nos 'na escola os professores zangam-se se não falo bem italiano, mas para ajudar os meus pais na loja tive que aprender também wolof, para falar com os clientes senegaleses, e depois também palavras na língua dos nigerianos, que nem sei como se chama*”. Neste ponto do percurso imaginário, é criado um autêntico quadro etnográfico, como numa matriosca, na loja chinesa encontramos o empregado senegalês, depois do qual temos a filha da dona que estuda italiano e wolof. Parece uma sitcom, onde em lugar da ideia de divisão e desconfiança, temos a descrição de discussões e mal-entendidos linguísticos que dão lugar a risadas, ganhando assim a simpatia do espectador.

## **2.2. San Salvario e Porta Palazzo: espaços simbólicos da cidade “extra-comunitária” e da cidade “multicultural”**

“(…) os bairros surgem-nos como lugares reais e imaginados, intrinsecamente articulados com outras unidades sociais (...). Pode-se, pois, perguntar: será o bairro um lugar intermédio entre essas pequenas unidades de moradores e unidades mais vastas? Ou será uma entidade virtual, não passando de uma tradição inventada e produzida por entidades alheias aos seus habitantes, com um valor simbólico indiscutível para os próprios habitantes embora sem correspondência a outros colectivos localmente estruturados?

Permeáveis e, contudo, identificáveis, [os bairros](...) também nas imagens resultantes de uma bricolage coproduzida endógena e exogenamente; e, sobretudo, como participantes activos na permanente construção cultural das variadas mitografias, imagens e narrativas que cada cidade escolhe para se vestir (...)” (Cordeiro e Firmino da Costa, 2003: 60-61)

Não é por acaso que os passeios migrantes têm como palco San Salvario e Porta Palazzo, estes são os bairros onde o fenómeno das migrações, traduzido em concentração espacial de imigrantes, é mais *visível* - e por esta razão, têm sido nos últimos anos os dois espaços da cidade mais disputados no que respeita à “construção cultural das variadas mitografias, imagens e narrativas que cada cidade escolhe para se vestir”, uma vez que estão também intimamente relacionados com o centro da cidade.

Ambos, pelo menos desde há uma década, são geralmente associados à ideia de “conflito interétnico” e de presença estrangeira, na sua faceta dupla de fascinação exótica e de distância cultural. Em ambos estão localizadas várias salas de oração mulçulmanas, restaurantes ou bares com nome árabe, ambos têm aguerridos “comités de moradores” também chamados “comité espontâneo”<sup>9</sup>, e “empreendedores morais” e políticos que intervêm neles. Ambos são espaços onde está em ato uma mudança social provocada pelas migrações, incubadora de novas formas de cidadania, onde os conceitos de integração cultural, de multiculturalismo, e construção identitária da própria cidade são disputados pelas imagens,

---

9 “(...) apresentam-se como expressão dos cidadãos (...) são organizações não hierarquicas e flexíveis, independentes dos partidos, interclassistas, mas com leadership de classe média, radicados localmente, com formas de mobilização descontínua, que podem reunir centenas de pessoas para uma assembleia para depois reduzir-se aos seus promotores. Avançam com reivindicações particularistas, muitas vezes contra iniciativas e interventos públicos. (...). São formas de construção de identidade – como aquela que primeiro era inexistente em San Salvario (Chiarla, 1998). São muito eficazes para chamar à atenção sobre problemas (...) a sua fraqueza: a visibilidade mediática esgota-se rapidamente e renová-la leva a usar tons cada vez mais exasperantes” (Allasino, Bobbio e Neri, 2000: 29).

pelas práticas e discursos de jornalistas, políticos, sociedade civil e investigadores sociais.

A premissa de que parto é a de que existem duas imagens em conflito quando analisamos os diversos factores que participam na construção identitária destes dois bairros, facto que se prende com as posições de diferentes agentes sobre a questão da imigração.

Irei, então, em primeiro lugar, enquadrar um pouco da história que determina a presente construção e produção social destes espaços: das “crises urbanas” que confirmaram e ao mesmo tempo construíram a “má imagem” destes bairros, até às políticas de requalificação e ao processo de gentrificação, desencadeados como resposta a essas crises, e que fizeram com que Turim se tornasse cidade-modelo relativamente a políticas “multiculturais” no contexto nacional.

Nos últimos vinte anos Turim tem vivido mudanças radicais sob numerosos pontos de vista. Aquele mais imediato prende-se com a transição da sua condição de leader europeu da indústria mecânica, a uma outra condição que é denominada de diversas formas: em ciências sociais, cidade pós-fordista, pós-industrial, pós-moderna, global; no contexto local, o termo eleito é, na maioria das vezes, cidade pós-fordista, talvez devido à forte identidade de cidade industrial e operária que Turim vestiu durante tanto tempo.

No decorrer dos anos oitenta, com o processo de desindustrialização, perderam-se em Turim 65 mil postos de trabalho na indústria, atingindo, assim, o desemprego maioritariamente, a classe operária e, se acrescentarmos os números da área metropolitana, atinge-se os 89 mil (Maggi e Piperno, 1999 em Semi, 2010) – sendo que a evolução demográfica acompanhou este processo: de 1974 a 1999, Turim perdeu quase 300 mil cidadãos. Surgiram novos *issues* públicos, alterou-se a relação da cidade com o sistema económico local, nacional e internacional, diversificou-se o mercado de trabalho, está a mudar a estrutura física, demográfica e social de uma cidade que, muito sumariamente, pretende redescobrir (e reescrever) a própria história e investe na capacidade de produzir qualquer coisa que não sejam automóveis.

Ao mesmo tempo, esta mudança é acompanhada pelo “boom” da chegada da migração internacional à cidade. Assim, no final dos anos noventa, uma complexa e, por vezes, conflitual relação entre a população autóctone, instituições e população imigrante, desencadeia uma série de identificáveis “crises urbanas”, que tiveram palco nos dois bairros mais “célebres” da cidade – este é o momento espacialmente e temporalmente definido que

escolhi para integrar o conjunto destes fragmentos de mudança.

Uma pesquisa do IRES<sup>10</sup> Piemonte oferece-nos uma análise detalhada das reacções das instituições locais àquilo que os autores do estudo chamam uma “crise urbana” nestes bairros (Allasino, Bobbio e Neri, 2000), para assinalar um específico momento de tensão entre os cidadãos e as instituições que levou a uma mudança no rumo das políticas cidadinas. Tomo assim, como fonte principal esta análise, uma vez que esta se tornou, sem dúvida, no principal ponto de referência que todos os outros autores que se debruçaram sobre esta questão passaram, posteriormente, a adoptar – sendo que o termo “crise urbana” é sempre o utilizado para referir este momento específico da narrativa histórica da cidade.

O conceito de “crises urbanas” é definido como um “momento de conflito que suspende o normal fluxo de significado entre os atores” (Allasino, Bobbio e Neri, 2000) – que, neste caso, projetam no problema da imigração problemas gerais que se prendem com a integração local:

“As crises urbanas não são apenas fenómenos que é necessário explicar ou interpretar. São também potentes factores de mudança. Estas oferecem aos actores envolvidos, uma oportunidade para redefinir as próprias estratégias. Mobilizam as mais diversas forças na procura de respostas, formas de intervir, medidas, remédios. Deste ponto de vista, já não importa perguntar-se de onde surgem as crises, importa perguntar-se para onde é que elas vão. (...) As crises urbanas podem ser consideradas através dos efeitos que conseguem produzir e das políticas que conseguem acionar. Enquanto potenciais agentes de mudança, aquilo que interessa é 'o que é que acontece depois’” (Allasino, Bobbio e Neri, 2000: 8).

Assim, a natureza e as formas das transformações urbanas que se seguem ao rebentar de uma crise podem ser interessantes para indagar, seja a problemática do multiculturalismo, seja as formas de relação social que se estruturam à volta deste. Portanto, o conceito de crise urbana é importante na medida em que a leitura das mudanças que fazem destes bairros aquilo que são hoje, passa por contextualizar essa mudança como uma reacção e resposta a este acontecimento.

---

<sup>10</sup> IRES Piemonte é um instituto de pesquisa que desenvolve as suas atividades no campo sócio-económico e territorial, fornecendo um suporte à ação programativa da Região de Piemonte e de outras instituições e entidades locais piemontesas.

### **San Salvario e Porta Palazzo, que “crise urbana”?**

Estudos precedentes sugeriam já que o mal-estar entre residentes italianos e estrangeiros emergia a nível do bairro, e não a propósito do sector do trabalho, contrariando as opiniões difusas na época. Porém, é o ano de 1995 que é assinalado pelos autores como aquele que marca uma viragem nas políticas turinenses relativas à gestão de conflitos ligados aos problemas da imigração – pois é nesta data que “rebentam” as “*crises urbanas*”.

Se estas se relacionam mais com a mudança que vêm activar do que com o mau estar na sua origem, todos os atores concordam na atribuição de um “salto de qualidade” relativo a estas políticas, a um evento específico que abre o “*caso San Salvario*” - curiosamente, um evento exclusivamente mediático - uma entrevista que o páraço do bairro dá à *Stampa* a 13 de Setembro de 1995 (jornal diário nacional com sede em Turim, o terceiro mais vendido no país), com um título eficaz e preocupante “*Vontade de spranghe*”<sup>11</sup> [*de bater violentamente*] a *San Salvario*” (partindo esta vontade dos “autóctones” contra os estrangeiros). O alarme lançado pelo sacerdote teve o efeito paradoxal de acender os protestos, constituindo-se o “Comité Espontâneo” do bairro, que une os protagonistas de iniciativas precedentes, ao mesmo tempo que exige uma atitude por parte da Câmara Municipal da cidade.

Os enviados especiais dos media nacionais e internacionais que vêm fazer o reconhecimento do bairro-símbolo à espera de encontrar algo semelhante a um Bronx, ficam surpreendidos. San Salvario encontra-se em pleno centro de Turim, entre a estação de Porta Nuova e o parque Valentino, com o seu fabuloso castelo setecentista, sede da Faculdade de Arquitectura, formado por edifícios senhoris de meados de 1800, com a Sinagoga e o templo Valdese, o colégio universitário de Via Galliari e no seu coração, o frequentadíssimo mercado de Via Madama Cristina – ou seja, nada a ver com o estereótipo da periferia degradada ou guetizada.

Porém, olhando com mais atenção, os sinais do mal-estar são facilmente perceptíveis: a presença dos imigrantes é bastante visível, porque muito concentrada; à noite são os traficantes que controlam as principais ruas; os pórticos de Via Nizza (entrada no bairro para quem vem da estação) estão, de noite e de dia, ocupados por prostitutas e seus “agentes” e pode-se facilmente assistir a cenas de violência (esta descrição consta já dos anais da história

---

<sup>11</sup> Este é um termo que ficou conotado pela história de violência dos anos 70 em Itália, em que jovens pertencentes a fações políticas opostas chegavam a confrontar-se violentamente utilizando bastões de ferro (*spranghe*) em organizadas missões punitivas de agressão contra os seus rivais.

de San Salvario, sendo reproduzida e confirmada tanto pelo discurso oficial das instituições, moradores do bairro mais insuspeitos de racismo, como é, aliás, o caso do seu páraço).

No mesmo período, o caso de Porta Palazzo, onde a situação, a julgar por aquilo que dizem todos os observadores, é bastante mais grave e complexa (Ciscene, 1997), é associado àquele de San Salvario: Porta Palazzo, também este, se encontra no centro histórico da cidade (do lado oposto), a dois passos do Palácio Real e da Câmara Municipal, dominado pela vastíssima Piazza della Repubblica, espaço para o maior mercado da cidade (em parte ao ar livre, e em parte coberto, com vários pavilhões), frequentado diariamente por 40.000 pessoas (dados fornecidos pela própria Câmara). Ao sábado, nas ruas adjacentes, tem lugar a “feira da ladra” (o Balôn); ao domingo, a praça é o lugar de encontro habitual de numerosas comunidades de imigrantes (como já o era, nos anos sessenta, para os imigrantes sardos ou sicilianos). Em toda a sua volta aumenta continuamente o número de inquilinos estrangeiros a viver em casas particularmente degradadas e em condições de sobrelotação. Alguns quarteirões são controlados por grupos que se dedicam a toda uma série de tráficos ilegais, em parte ligados à actividade do mercado, em parte ligados à droga e à prostituição. Os protestos dos “autóctones” são raivosos e fragmentados, pois existem dezenas de comités de cidadãos, em continuo movimento, que representam instâncias atomizadas: os moradores de uma determinada rua, os vendedores de um determinado sector, cada um defendendo de forma aguerrida, os seus próprios interesses.

### **As políticas que se seguiram: transformação de San Salvario e Porta Palazzo**

No curso de cinco a seis anos, a face destes dois bairros mudou completamente, sendo que as soluções para problemas identificados foram activadas através de quatro tipos de respostas que os autores (Allasino, Bobbio e Neri, 2000) identificam como “fileiras temáticas” ( as quais resultam de outras quatro narrativas na base da interpretação do problema), a partir das quais se desenharam as políticas públicas que irei resumir.

A primeira prende-se com a segurança e parte da narração dos “autóctones”, protagonistas dos protestos. Nesta ótica, as crises são interpretadas como um problema de ordem pública em que é necessário atuar no sentido de um maior controlo sobre o território, reprimindo comportamentos julgados como desviantes. nos sítios mais “quentes” dos dois bairros foram colocadas telecâmaras ligadas à central da polícia, que por outro lado, patrulha com frequência estas zonas.

Em segundo lugar, a interpretação da crise passa pela premissa de que a conflitualidade é exarcebada pela degradação das estruturas urbanas que dão espaço ao desenvolvimento dessas actividades “desviantes”, como o tráfico de droga; assim, apostou-se fortemente na requalificação urbana e na criação de infraestruturas – aqui chama-se a atenção para o facto de que “*a resposta da administração da cidade [foi] essencialmente urbanística*”, com grandes obras públicas que mudaram a face deste bairros, como por exemplo a construção de um parque de estacionamento subterrâneo em San Salvario, a cobertura do seu mercado aberto a a limitação do trânsito naquela zona.

Em terceiro lugar, identifica-se a “fileira temática” dos serviços sociais, iniciativas interculturais e mediação de conflitos - claramente subjacente a isto está o reconhecimento de que a crise é originada por problemáticas sociais. Neste caso, são identificados três tipos de resposta, com diferentes níveis de intervenção por parte das instituições políticas e de instituições da sociedade civil. No que diz respeito a intervenções de apoio a sujeitos marginalizados ou em risco (neste caso, a população imigrante destes dois bairros), ao contrário daquilo que se passou com a segurança e com intervenções infra-estruturais, não são elaboradas respostas ad hoc, uma vez que antes da crise já existiam numerosos serviços que continuaram a ser considerados adequados – porém, a não intervenção neste sentido, prender-se-à, sobretudo, com o facto de que, o que as crises vieram demonstrar foi um descontentamento por parte dos italianos, e não dos imigrantes, foram os primeiros, e não os segundos, a apresentarem-se como vítimas e a exigir alguma forma de intervenção. Aliás, uma das principais acusações contra o poder político local era precisamente a de que este teria fornecido bastantes serviços aos “extracomunitarios”, beneficiando a sua entrada e “instalação” na cidade.

Assim, foi outra problemática de “tipo social” que se revelou mais pertinente no concernente à natureza da crise - a da convivência entre italianos e imigrantes - e à qual, portanto, foram dadas respostas. Com o decorrer do tempo, foi ainda dada outra leitura à natureza social da mesma, que a interpreta, não como uma consequência da presença ameaçadora dos imigrantes (como pretendiam os “comités espontâneos” de cidadãos indignados), ou como consequência das dificuldades de convivência entre italianos e estrangeiros, mas como uma consequência do baixo nível de integração social dos próprios italianos.



O mal estar social que se exprimiu da parte dos italianos através do grito por “Segurança!” repetido por dezenas de Comitês Cívicos, não só em Turim, mas em toda a Itália, segundo a opinião de Maher (2005), está ligado à frustração das esperanças coletivas cultivadas depois da Segunda Guerra, em que os migrantes do sul do país, ex-operários turinenses, que trabalharam durante anos num “clima áspero e hostil”, com a esperança de obter um futuro melhor para os seus filhos, viram os seus sonhos frustrados pelo declínio industrial da cidade. Maher recorre aos conceitos de “*crisp*” e “*fuzzy*” na análise etnográfica que faz da percepção dos espaços urbanos destes dois bairros por parte desta população, que aliás, veio habitá-los à época da sua experiência migratória, para explicar este fenómeno de mal estar social: a degradação destes bairros, invadidos pelo tráfico de droga, foi acompanhada pelo desaparecimento de instrumentos informais de resolução de conflitos, baseados nas relações de vizinhança e de parentesco, que se encontram em crise em bairros socialmente diversificados e em continua transformação – assim, desaparece a distinção “*crisp*” (nítida), pelo menos no que se refere àquela imaginada, entre o ambiente familiar que é o espaço onde se vive e aquele que é o ambiente da desordem social ligado à ilegalidade. A confusão entre espaços dotados de diversas “qualidades” dá lugar a imagens de insegurança, contaminação e perigo, portanto, aquilo que é familiar é, ao mesmo tempo, estranho, tornando-se “*fuzzy*” (desfocado) (Maher, 2005).

Basta pensar na dimensão “mesmo andar de um prédio”, para definir esta contração do espaço familiar: num tempo em que os vizinhos do mesmo prédio, da mesma rua, do mesmo bairro, se conheciam e reconheciam como parte de uma rede de solidariedade. Gradualmente, no meio urbano, a dimensão deste “raio de confiança” restringiu-se quase até à porta de casa, chegando a isolar as pessoas às vezes do próprio vizinho da frente, aumentando, portanto, a solidão e o peso da influência dos media (em particular da televisão) que primem, para fins de controlo social, sobre a tecla do medo e da segurança.

Outra das temáticas identificadas como *policies* que surgiram no rescaldo da crise é a das políticas para o desenvolvimento, que se baseiam na ideia de que a recuperação das áreas degradadas se possa ligar com o relançamento das actividades comerciais nos bairros. Em Porta Palazzo, através da redefinição dos espaços e das modalidades de venda no Bâlon e o planeamento de novos sistemas de bancas no mercado aberto da Piazza della Repubblica e da constituição de uma cooperativa de gestão do mercado orto-frutífero. Em San Salvario,

pensou-se na criação de uma Agência de Desenvolvimento Local com a tarefa de oferecer assistência aos residentes, mas sobretudo a comerciantes e artesãos locais, encontrando-se estes últimos, aliás, entre os mais afectados pela criminalidade e, conseqüentemente, sendo os mais activos dentro dos comités de cidadãos.

Para além destas respostas que partem de uma visão unilateral do problema, emergiram ainda respostas que visam integrar medidas de diversos tipos, ou seja, respostas de tipo multidisciplinar. Nesta óptica nasce, para a área de Porta Palazzo o projeto The Gate - o mais emblemático e mediático de entre todas as medidas e respostas que transformaram o território – que se divide em cinco áreas de intervenção: segurança (mais uma vez), comércio, “vivibilidade” no bairro, problemas energéticos e ambientais e relações sociais. Também a já mencionada Agência de Desenvolvimento Local de San Salvario é fruto de uma iniciativa multidisciplinar que se debruça sobre outras três áreas (“laços sociais”, “gestão do território” e “objetivo trabalho”).

### **A imagem é construída por diferentes actores – as duas imagens de San Salvario e Porta Palazzo**

As crises urbanas e o processo de resposta que se lhes seguiu dão-nos duas imagens destes bairros, que são construídas por vários atores; por vezes estas duas imagens cruzam-se e os diferentes atores partilham perceções e conceções do espaço, outras vezes, estas opõem-se. O nosso argumento é o de que uma imagem não anula a outra, e uma e outra continuam a ser actualizadas de formas diferentes, em diferentes contextos, por diferentes actores, sendo que, de forma geral, se justapõem, coexistindo em simultâneo, e os mesmos atores podem recorrer a uma ou a outra, conforme a situação.

Exemplo disto é precisamente o discurso e a prática dos passeios migrantes, que enquanto tal, actualizam contemporaneamente quer uma imagem, quer outra. Consideremos, por exemplo, o seu objetivo base de contribuir para melhorar a imagem e as relações da população italiana relativamente aos imigrantes (aquilo que Allasino, Bobbio e Neri [2000] referem como o segundo momento interpretativo da natureza social da crise urbana) – dar a *volta ao mundo numa praça*, para conhecer as diversas culturas “dentro de casa”, atualiza a imagem da cidade-modelo da resolução de conflitos, que foi capaz de responder às tensões “interétnicas”, tornando-se cosmopolita e tolerante, ao mesmo tempo que mantém presente e

faz recurso à retórica de senso-comum do medo do estrangeiro e dos espaços que este ocupa, enquanto se propõe combatê-lo.

Os próprios guias-migrantes têm bem presente esta “má imagem” que, duplamente, recaí(u) sobre estes espaços e sobre a figura abstrata do “imigrante”, nas próprias palavras de muitos deles (lembremo-nos das palavras de uma das guias, Essadia, na entrevista que lhe foi feita por um jornalista: “Eu gostaria de mudar o que os outros pensam de nós (...) também queremos que os outros vejam que não é assim tão perigoso, assim tão mau [Porta Palazzo]”). É através desta percepção dos atores que podemos constatar o quanto, no fundo, a imagem dos espaços e dos imigrantes como “extracomunitarios” ainda subjaz e subsiste (também um olhar não focado na escala do ator, mas que abre mais a lente pode constatá-lo olhando, por exemplo, para os resultados eleitorais de partidos como a Lega Nord), nas representações destes espaços, apesar de, a nível de *policies* locais e europeias que predendem minimizar o “problema da imigração”, se ter activado um processo de construção identitária baseado no “multiculturalismo”.

Podemos dizer que este projeto de turismo entra na categoria dos “paladinos das relações interétnicas”, sempre citando os mesmos autores, uma vez que, ao pretender modificar a imagem que os italianos têm da população imigrante, se parte precisamente da ideia de que o problema esteja nas relações “interétnicas” - ou então, esta é apenas a esfera de atuação que pode ter, neste âmbito, uma agência de viagem de turismo responsável?

Porém, se considerarmos a perspectiva dos sujeitos migrantes, podemos considerar o projeto como um dos veículos, dadas as condições contextuais, que dá voz a estes atores – que neste caso, podem realmente – até determinada e limitada medida – ser porta-vozes da categoria “imigrantes” em geral. Visto que durante todo o processo eles (imigrantes, em geral) praticamente não tiveram voz, dadas as objectivas condições que tornaram (e tornam ainda) difícil o seu poder de mobilização: em primeiro lugar porque, temendo acusações de racismo e intolerância que colocasse o imigrante como vítima desta situação, os comités de cidadãos, sublinhavam que os seus protestos eram dirigidos aos imigrantes “maus” - traficantes de droga e fautores de outras actividades criminosas - o que, por outro lado, permitia aos próprios “imigrantes” “destacar-se” desse grupo, senão até concordar com as razões dos protestos. Por outro lado, os imigrantes são um grupo muito heterogéneo, no que respeita à sua origem, condição social, para além de terem escarços recursos políticos, não tendo, portanto,

participado neste processo de mudança em termos de políticas para a resolução de conflitos que puseram em movimento um processo de transformação refletido na produção social do espaço da cidade.

### **2.3. Viaggi Solidali e guias migrantes em San Salvario**

Este recorte etnográfico procura, desta vez, dar destaque a San Salvario, como espaço imaginado e vivido pelo discurso do projeto e pelas práticas e sentido que a este lhes atribuíram os guias migrantes. Visto que anteriormente escolhi falar de Porta Palazzo através da análise do percurso imaginado que dá forma aos passeios migrantes, desta vez pretendo confrontar a prática em campo de um passeio a San Salvario realizado por Viaggi Solidali (que pretendia, como o itinerário imaginado para Porta Palazzo servir como instrumento de formação), com a vivência real no *terreno*, desta vez dos próprios actores pensados como protagonistas do projecto, os guias-migrantes, precisamente.

Assim, as vinhetas etnográficas que se seguem, acompanham duas incursões ao terreno, que ilustram dois momentos do processo de formação dos guias: na primeira os guias migrantes seguem um passeio cultural organizado por Viaggi Solidali de modo a assimilar os mecanismos da “profissão”; na segunda, acompanho um grupo de guias, no seu trabalho de campo, uma vez que lhes é pedido, segundo as exigências do projecto, para traçar um percurso “etno-comercial” dentro do bairro.

O sentido de continuidade entre estas duas vinhetas é dado pelas questões que levava para o terreno. Quando fui para o terreno, no primeiro momento, a curiosidade era de ver como se traduzia na prática a imaginação por trás dos passeios culturais e na segunda; na segunda vinheta, já tinha as inquietações dadas pela primeira e pelo que pude observar do curso, bem como uma noção da forma como os guias viviam o seu papel, por isso na segunda, mais do que curiosidade era a esperança de que o contacto com a realidade do terreno adensasse o sentido ao seu papel, podendo alterar-lhe a forma, fazendo-os, de qualquer modo, tornar-se verdadeiramente protagonistas.

A San Salvario imaginada por Viaggi Solidali é uma área de pouco mais que dez ruas no seu total, entre paralelas e perpendiculares limitadas pela estação ferroviária de Porta Nuova (porta de entrada simbólica das migrações em Turim<sup>12</sup>), pelo Parque mais emblemático

12 A metáfora da casa relativa à cidade de Turim torna-se uma recorrência discursiva ao longo das sessões do curso, sendo que este, enquanto “projeto de desenvolvimento” tem as suas origens, justamente nesta metáfora: na

da cidade oitocentista (porque lugar das Grandes Exposições Mundiais e sede da Faculdade de Medicina e de Ciências da cidade, bem como da Residência Real), a norte e a sul, sendo que a este e oeste è atravessada por uma das avenidas-artéria da cidade, e pela avenida-artéria do bairro, que separa o seu coração comercial da sua área mais habitacional.

O pequeno quadrado a ser “explorado”, é o mesmo que em tempos contribuiu para a construção da “má imagem” do bairro, onde a presença do extracomunitario era mais concentrada, e hoje é aquele onde a presença da “multicultura” apresenta agora o seu melhor lado visível, a par da gentrificação crescente desta zona. A forma que Viaggi Solidali propõe como modelo narrativo para a construção identitária desta zona, passa ainda por lhe atribuir uma *vocação natural* para receber os recém-chegados à cidade, explicativa do seu caráter de “bairro de imigração”.

#### **Viaggi Solidali – passeio em San Salvario** (Notas de caderno de campo em 15.04.2010)

São 15 horas, chego à saída do metro em frente à estação de Porta Nuova, vejo José e Angelo (José é peruano e Angelo vem da Guatemala). Avistamos, do outro lado, Francesco e o grupo de turistas, os guias Najad com a filha e Mirela, todos debaixo dos famosos pórticos de Via Nizza (famosos porque lugar de prostituição e de comércio ilegais, tanto à luz do dia como à noite), na esquina que já se tornou ponto de venda oficial (também de dia e de noite) do senhor marroquino e da sua mulher, que ali vendem o pão que fazem e que me cumprimentam sempre porque passo todos os dias no meu caminho de casa.

Francesco chama-nos à parte para nos dizer como temos de nos apresentar: de onde vimos, e há quanto tempo estamos em Turim será suficiente; diz-nos ainda que este passeio não será muito orientado para a parte “multicultural” de San Salvario, porque o grupo estava interessado na cultura judaico-cristã do bairro. Queriam ir à paróquia, falar com Dom Pier Gallo (que se tornou famoso com o livro *Vi Racconto San Salvario* [Vou-vos contar San Salvario]), e depois faríamos uma visita guiada à sinagoga<sup>13</sup> (sempre vigiada pela guarda alpina e inacessível). Eles, os turistas, são um grupo de reformados de um banco, que vieram fazer um “passeio cultural”.

---

nossa primeira conversa-entrevista acerca do projeto, Francesco, diz-me que “*a ideia dos itinerários migrantes e da volta ao mundo numa praça partiu da leitura, no contexto de um curso de língua no Centro Interculturale do livro de um escritor turinense, Torino è casa mia* [Turim é a minha casa]” (Culiccia, 2005), tendo, a partir do contexto do mesmo curso e desta ideia, sido editado *Torino è casa nostra* (Turim é a nossa casa) - com a coordenação do mesmo Francesco e com prefácio do presidente da Câmara à época, por uma editora local especializada em livros de escritores migrantes turinenses.

<sup>13</sup> Escolhemos não incluir esta parte na descrição etnográfica do passeio, uma vez que nos *passeios migrantes* a sinagoga não será um ponto de passagem; a diáspora judaica é um capítulo à parte na história de Itália e Piemonte.

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

Fazem-se as apresentações, sempre guidas por Francesco: os turistas são informados de que os passeios “culturais” dentro em breve passarão a ter uma dimensão “inter, multi-cultural”, sendo esse o motivo de nós estarmos ali.

José diz que está em Turim há sete anos, que trabalha numa associação latino-americana, veio do Perù para se juntar à família e que gostaria muito de dar a conhecer a “cultura peruana” e “latino-americana”; Angelo diz que está em Itália há mais de 10 anos, trabalha como fotógrafo e vem da Guatemala (iria ouvi-lo várias vezes dizer que não gosta do rótulo de “latino-americano”, que não gosta do seu país e que não se sente identificado com a “cultura latina”); Najad vem de Marrocos e vive em Italia há três anos e trabalha como assistente familiar; Mirela vem da Roménia, está em Itália há cinco anos e diz que é mediadora cultural.

Depois apresento-me eu, como uma estudante de antropologia, que está ali para fazer uma tese sobre aquele projeto, em Turim há uns meses e que venho de Portugal. Naquele momento, ganho mais uma vez consciência do meu duplo estatuto, aos olhos dos turistas, não sou uma (i)migrante, sou uma estudante de intercâmbio, e perante os “guias migrantes”, apesar de ser uma estudante de intercâmbio, sou estrangeira como eles, tenho “pronúncia” como eles – aliás, muitos deles me sugeriram ou perguntaram, durante todo o processo em que os acompanhei porque é que não me tornava também “guia”: para eles, aspirante a antropóloga, estudante de intercâmbio, observadora participante eram apenas mais valias pessoais, o que contava, no final de contas, era que também eu podia “contar” a minha cultura (...).

Iniciamos o passeio entrando em San Salvario pelos pórticos de Via Nizza que percorremos rapidamente - sem notar o casal de senhores idosos que vende o pão marroquino, as prostitutas italianas que sofrem a concorrência, que as separa por escassos metros, das nigerianas e senegalesas, os vários kebab's onde se reúnem jovens marroquinos ou os bares onde se encontram os senhores que tutelam a segurança de italianas e africanas que marcam o seu ponto ali em frente...passamos por tudo isto como se não estivesse lá e adentramo-nos pelas ruas do bairro, onde agora, depois de ignorar mais uma vez aquela que é uma das maiores mesquitas improvisadas de Turim (situa-se no interior de mais um dos prédios de habitação da zona, onde o espaço de uma enorme cave é alugado para o efeito) -, paramos em frente à Igreja do famoso Dom Pier Gallo.

Fico a pensar até que ponto este é um passeio feito por medida, e pergunto-me se os passeios migrantes também o irão ser ou não. Em frente à igreja, porém, eis que algo não passa despercebido aos olhos dos turistas: um ponto informativo da Lega Nord, onde na porta se pode ler em tinta negra de graffiti “racistas”.

Encorajados pela curiosidade que este local suscita, começam imediatamente por pedir ao padre para falar sobre a situação “multicultural” do bairro. Assim, tenho a oportunidade de ouvir da

própria boca da figura símbolo da tolerância religiosa, que tanto se sublinha na caracterização do bairro, aquilo que sucedia na época dos grandes distúrbios causados pela imigração: “há dez anos atrás, o bairro era atravessado por fortes tensões, as pessoas viviam no mesmo bairro mas não se conheciam. Não foi fácil. O primeiro passo foi denunciar a degradação das condições, a violência, deste modo rompeu-se o véu de indiferença que fazia com que a situação fosse percebida como irreversível. Depois, as instituições começaram a olhar para a questão com outros olhos, e ainda bem que isso aconteceu, porque muitos estavam prontos a fazer justiça pelas próprias mãos... depois dos comités exasperados, começou-se também a dialogar entre representantes das várias comunidades religiosas presentes no bairro. Ainda existe muito que fazer, existem em San Salvario, só na minha paróquia vejo o exemplo, mais crianças com pais não italianos, mas que já nasceram aqui do que crianças filhas de italianos, a sociedade está a mudar de facto...”.

Encaminhamo-nos para a Agência de Desenvolvimento Local – Francesco faz notar os talhos halal (agora que já se falou em islão?). Na agência somos recebidos pelo responsável, Arnaldo (que os guias e eu já conhecemos, do seminário do curso de formação dedicado a San Salvario - descubro não haver diferença no discurso, as coisas que são ditas na formação dos guias, vão ser aquelas ditas aos “turistas”).

Esta será, no percurso turístico da zona, ponto de passagem obrigatório para o turista, onde o mesmo responsável, Roberto, fará a apresentação em linhas gerais da agência, dos projetos que esta promove e suporta, bem como do contexto em que esta surge.<sup>14</sup>: “a agência de Desenvolvimento Local sediou-se em San Salvario em 1999, numa fase difícil da vida do bairro. Entre os aspectos mais problemáticos existia – e existe ainda, em parte – a “má imagem de San salvario” que deriva dos factos de crónica, que os media frequentemente amplificam, demonstrando não ter um conhecimento aprofundado do bairro”, Roberto continua “...começa no bairro o fenómeno do sediamiento ilegal, não governado, a percepção por parte dos seus habitantes da insegurança, os factos de crónica todos os dias nas páginas dos jornais sensacionalistas locais mas também dos outros jornais; começam, enfim, os “comissões de segurança”, “rondas” levadas a cabo pelos habitantes do bairro. É neste contexto que, no final desta década, nasce a agência de desenvolvimento local e com ela os projectos que contribuiriam para diminuir a insegurança no bairro (...)”.

---

14 O facto da Agência de Desenvolvimento Local de San Salvario ser ponto de passagem obrigatório dos passeios turísticos não é dito, claramente, aquando da intervenção do seu responsável no seminário de curso a que é chamado a intervir, mas vai-se tornando claro à medida em que os passeios turísticos-piloto tomam lugar; nesta fase, os passeios são guiados apenas pelo responsável do projecto, Francesco, onde os formandos participam, apresentando-se aos grupos de turistas como futuros guias migrantes, sendo que são de qualquer forma promovidos e publicitados pela agência *Viaggi Solidali* como “passeios culturais”. Aqueles que tivemos oportunidade de seguir, tiveram como público “grupos recreativos” de reformados do sector bancário.

**Os guias “latino-americanos”<sup>15</sup> em San Salvario** (notas de caderno de campo em 26.05.10)

Encontro-me com José, Angelo e Nuvia (que vem da Colômbia e em Turim estuda economia e trabalha como assistente de um idoso), começamos a percorrer a área do pequeno quadrado de ruas entrecruzadas que é o centro da San Salvario “etno-comercial”. José e Nuvia entram em todas as lojas que são geridas por imigrantes (ali, se desenhássemos um mapa, todo o comércio está, de facto, nas mãos de imigrantes), independentemente, destas serem lojas de reparação de frigoríficos ou “lojas dos 300” chinesas; mesmo dando-se conta da estranheza que causam nos comerciantes, entrando pelas suas lojas adentro a perguntar há quanto tempo têm o negócio aberto, quem são os seus fornecedores, de onde é que vêm e como, e os produtos “étnicos” que vendem.

Muitos dos comerciantes mal falam italiano, não percebem o objectivo daquelas perguntas – têm que ser assegurados várias vezes de que não estão a falar com pessoas das finanças ou de algum organismo público que se ocupa do controlo do comércio ou da imigração. José e Nuvia dizem-lhes que eles também são imigrantes, que estão a fazer um curso para serem “guias turísticos” e que aquilo é para depois poderem promover os seus negócios, que depois vão trazer “turistas” para dentro das suas lojas e que vai ser bom para eles, aí as pessoas abrem-se mais um pouco, mas sempre com alguma de desconfiança por não perceberem muito bem porque que é que eles tiram tantos apontamentos sobre os rótulos das embalagens de especiarias e outros produtos “exóticos” (...).

O objectivo do projecto, e aquilo que Francesco disse antes de mandar os guias para o terreno, não se prende, de todo, com o levantamento exaustivo do comércio migrante; evidentemente que num percurso turístico à San Salvario do empreendedorismo “multiétnico”, o objectivo não é levar os turistas a comer o kebab que podem encontrar por toda a cidade.

Seria ridículo, se nesta altura, ainda pensasse o meu papel, em termos teóricos, como de observadora “neutra”, mas no momento, não são as considerações teóricas que me levam a

15 Era previsto que todos os guias fossem ao terreno – Porta Palazzo e San Salvario – para isto, Francesco subdivide-os em grupos segundo a sua proveniência geográfica, dentro desta, cada um foi livre se associar. Na prática, quem se reuniu como grupo, segundo a classificação das “áreas geográficas” propostas pelo desenho do projecto, acabaram por ser apenas as pessoas da área “latino-americana” que, ironicamente, foi quem mais problemas deu ao coordenador do projecto, visto que, estando em vantagem numérica em relação aos participantes das outras áreas geográficas acabaram por formar dois grupos que rivalizavam um pouco entre si (daí os problemas do coordenador). Os outros supostos grupos, fragmentaram-se mais ainda, acabando por compor-se por pares, ou mesmo por trabalhar individualmente, isto devido a diversas razões, tanto de ordem prática (alguns dos grupos já eram de 2 ou 3 pessoas), como pessoal de cada um. Assim, acabei por ter oportunidade de acompanhar apenas um dos grupos da “américa latina” (aquele que realmente funcionava como tal), pois o outro, era constituído por dois jovens estudantes universitários e uma outra pessoa que foi trazida para o projeto por Francesco e que desempenhava, neste contexto, o papel de sua secretária. Isto para dizer que, no que toca ao trabalho de campo deste “grupo”, este foi fundamentalmente feito por esta última pessoa, a qual assumiu um pouco o papel, também devido à diferença de idades, de responsável pelas outras duas.



“participar” e a tentar fazê-los questionar sobre a finalidade de entrarem em determinados tipos de lojas, que não têm qualquer significado em termos dos objetivos do “itinerário” turístico, mas, em vez disso, estão preocupados em fazer “os trabalhos de casa” bem – também porque, segundo a sua perspectiva, o outro grupo de “latino-americanos” que já tinha ido a San Salvario fazer a sua pesquisa, tinha “coberto” as zonas comerciais mais “iconográficas” da zona, como o restaurante peruano, ponto de encontro e de “rede” da comunidade peruana em Turim, por exemplo, e a eles cabia “contra-atacar” com o levantamento exaustivo de lojas e produtos.

De repente, o trabalho de pesquisa por produtos “étnicos” em San Salvario, ganha outras proporções, quando à porta de uma loja de reparação de frigoríficos, encontramos aquele que vai assumir o papel de “guia migrante” dos “guias migrantes”: quando José entra na loja, quem está lá não é o dono, mas sim Z (originário da costa do marfim), alcoolizado e maltrapilho, quase que entra numa briga com Angelo que reage mal à pergunta sobre a sua nacionalidade, o desentendimento não chegou a vias de facto porque estava lá José, que com diplomacia consegue acalmar os ânimos. Z então, decide que somos pessoas que ele quer ajudar, daqui para a frente é ele quem nos vai conduzir pelo bairro imigrante, quer nós queiramos ou não – ele tinha agora encontrado uma missão para preencher a sua tarde!

E, de facto, quando ele nos começa a chamar para ir atrás de si “querem falar sobre nós, sobre a imigração, venham comigo, vou apresentar-vos aos meus amigos”, passando a esquina em frente à mesquita-cave-alugada, onde está o bar ponto de paragem de mais pessoas sem trabalho e talvez também sem documentos, continua “... eles querem falar sobre nós, sobre o bairro, querem falar sobre a situação dos imigrantes e eu estou a mostrar-lhes as coisas!”, não é sem resistência que o grupo se deixa guiar. Nesta altura, Marta, atrasada, junta-se ao grupo, e é ela o elemento de maior resistência – José, está entre o sentir-se incomodado com o desconforto que Z, quer pela sua aparência quer pelo seu modo, que pode ser visto como agressivo, causa em Marta, e a curiosidade, diria, de ver até onde nos leva a situação, até porque, guiados por Z, começamos, de facto, a ter um contacto com a realidade do bairro que vai além da identificação de produtos alimentícios (...).

Z atravessa a rua, do bar da esquina até à barbearia marroquina ao lado da mesquita, sempre anunciando a nossa presença a alta voz para quem está parado de um e de outro lado da rua, à porta daqueles que são lugares de encontro, de estabelecimento e reprodução daquilo que os antropólogos chamam de “redes” de contacto. José, sempre no seu papel de porta-voz do grupo, relativiza as palavras de Z, mas apenas no sentido em que, tendo sido apresentado ao dono da barbearia, lhe deve explicar os passeios migrantes.

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

Não é que José procure contradizer o discurso de Z, quando ele espalha como que a boa nova pelo bairro, dizendo que há alguém que quer falar sobre a situação da imigração, chegando até a apresentar-nos como jornalistas. José, claro está, procura, desfazer os mal entendidos sobre este último facto - mas depois continua em frente, a fazer perguntas, a tentar recolher o mais informação possível, questionando o barbeiro sobre lojas de produtos marroquinos, para obter o melhor inventário sobre especiarias e tajins e afins.

Depois de passarmos pelo clube de video africano, seguimos para o cabeleireiro africano, sempre atrás do frenético ritmo de Z, em busca do dono da drogaria/loja de panelas marroquino, (a primeira porta interior que se abre! a do cabeleireiro que não é um estabelecimento aberto para a rua, mas apenas para a rede de amigos e conhecidos). E como o dono da loja não há maneira de ser avistado, passamos a um kebab que é como se fosse uma “tasca” pelo seu tamanho e ambiente escuro, onde Marta saca do seu caderno de notas e aproveita para fazer uma longa entrevista sobre o kebab, ao estilo da rota dos produtos, perante a incredulidade do dono que lhe vai respondendo àquilo que percebe do italiano ou das perguntas (e ninguém sabe realmente o que ele pode ou não perceber em italiano...), movido mais pelo espanto que pela vontade.

A seguir ficamos a conhecer a cozinha dos pobres – onde assistimos a uma cena de amor e ciúme entre Z e uma das mulheres cujo local de trabalho são os famosos pórticos de via Nizza. Tentando escapar mais uma vez, e já tendo perdido José, que ficou para trás a falar com algum outro dono de loja de produtos alimentícios, ou talvez com o tão procurado dono da loja de panelas, eis que, depois de mais uma tentativa falhada de escapar à vontade de Z em nos guiar, Marta e Núbia se rendem ao nosso guia, quando ele nos abre a porta, daquelas de cave de prédio que para entrar se descem umas escadinhas, a um tesouro escondido na zona para lá dos limites do quadrado imaginário da San Salvario “multi-kulti”: um alfaiate que faz vestidos tradicionais africanos à medida!

Dir-se-ia que o cenário as faria querer, ainda mais, fugir – uma cave escura, sem janelas, completamente atafalhada de tecidos e roupa e máquinas de costura onde ao fundo se via uma cama e uma minúscula cozinha -, mas fomos tão gentilmente recebidas, e de facto, os vestidos e as cores e o facto de serem feitos sob encomenda, à medida justa, estabeleceram a harmonia no grupo, Marta esqueceu o seu caderno de registo, Núbia perdeu-se a folhear os intermináveis catálogos de modelos e ficámos a conhecer um pouco da história que unia aqueles dois homens (...).

Desta duas situações de carácter formativo, apesar de serem tão diversas e se passarem em tempos diferentes do percurso de formação, ressalta o cariz fechado do projeto e a forma como a sua dimensão de produto comercial enforma o papel que é dado aos guias migrantes. Mesmo que a primeira situação não corresponda àquilo que serão os passeios migrantes, podemos já perceber em que medida é que a dimensão multicultural de San Salvario é

pensada. De facto, a primeira vinheta etnográfica, vem-nos confirmar esta suspeita: se, no que se refere à “inter-religiosidade”, esta é abordada de forma ligeira e através da mediação dos seus “representantes oficiais”, também a “inter-culturalidade” deverá ser tratada da mesma forma, assim, na segunda vinheta, podemos ver através de que imagens o percurso irá ser construído.

Quando os guias partem para o terreno, eles vão “incumbidos” por Francesco de fazer uma espécie de levantamento dos produtos e lojas ligadas à presença imigrante, com o objetivo de tentar traçar a sua rota, desde o produtor ao consumidor, uma vez que estamos quase no final da formação e, na semana seguinte, haverá uma sessão com os responsáveis pela agrobiodiversidade que querem ver este tipo de resultado.

De discurso imaginado sobre/para a realidade, o projecto acaba por ser um guião daquilo que é o realismo das condições estabelecidas para a sua persecução e, concomitantemente, dos processos hegemónicos por detrás dos mecanismos da “integração”. Portanto, não é por acaso que, sem esta contextualização daquilo que está por detrás da febre de listar produtos, a descrição etnográfica faz com que estas pessoas resultem, no mínimo, estranhas.

De facto, no que diz respeito aos “guias migrantes” enquanto pessoas reais e não identidades imaginadas, podemos ler o nosso locus de observação (a forma como estes interpretam e actuam sobre as imaginações implícitas ao projeto) como um “etnodrama” (Appadurai, 2004), uma vez que mais do que serem agentes no processo de negociação da identidade, eles agem sim, mas através dos condicionalismos que acabam por enformar as suas práticas de “negociação identitária”. Neste caso, ficamos apenas com o empobrecimento da imaginação quando posta à prova pelas estruturas do real em que está presa.

### **3. Mercantilização cultural como estratégia de integração positiva na disputa política de representações sobre migração**

#### **3.1. Gentrificação e migração: a moda do “bairro étnico”**

Neste ponto, falamos de gentrificação do consumo – que incidiu precisamente sobre os espaços "multiculturais" de Porta Palazzo e San Salvario - na medida em que o peso dado, pelo poder político local, às relações comerciais na constituição de um tecido multicultural é essencial para enquadrar, senão para a própria existência, do meu terreno.

Neste sentido, respostas dadas às "crises urbanas" são sinónimo de um processo de gentrificação dos bairros em questão, que por sua vez, está ligado à vontade de uma série de decisores políticos aliada ao sentido de "timing" de vários empreendedores que souberam colher a oportunidade oferecida pela situação. Um dos vetores dessa gentrificação foi, precisamente nestes bairros, aproveitar aquilo que eles tinham para oferecer – a imagem da diversidade cultural – transformando-a de fator de tensão social, de conflito e de medo, em produto de luxo, para consumo de uma classe média alta, paladina da "tolerância". O que é certo é que a imagem e o uso social do espaço, de facto, mudou rapidamente nestes bairros.

O conceito de gentrificação aparece nas ciências sociais em 1964, com a publicação de *Introduction to London: Aspects of Change*, de Ruth Glass e indica “the process of renewal and rebuilding accompanying the influx of middle-class or affluent people into deteriorating areas that often displaces earlier usual poorer residents”. (Webster, 1964 em Semi, 2010 ). Recentemente, porém, tem sido dada uma atenção particular a um outro aspecto, aquele do consumo ligado à gentrificação - por esta razão alguns autores convidam ao estudo da gentrificação do lado da procura ou falam de “gentrificação do consumo”, de forma a distingui-la daquela residencial. Como recorda Zukin: “(...) no final dos anos noventa, o consumo é concebido, seja como meio, seja como motor da mudança social urbana” (Zukin, 1998 em Semi, 2010). Por detrás do fenómeno da gentrificação, da passagem de um tipo de residência a um outro e/ou de um tipo de consumo do espaço a um outro - geralmente estes dois factores são concomitantes - estão uma série de decisores políticos, investidores privados e profissionais que participam nesta criação do espaço, que não é de forma alguma espontânea e automática; como disseram Lefevre ou Harvey, o espaço é um produto social, na medida em que reflete as mudanças do sistema produtivo, sendo que é ele mesmo parte do sistema de produção.

Em Turim, os fenómenos da gentrificação e da migração encontram-se nesta trajetória em que a chegada da "alteridade" a um contexto urbano é concomitante ao facto do consumo passar a ser conotado culturalmente, ou melhor, quando todas as coisas ganham um valor comercial (a guerra é outro exemplo disto) – no contexto estrutural e estruturante da economia neoliberal.

Assim, a chegada progressiva de população estrangeira à cidade e aos bairros de San Salvario e Porta Palazzo, acontece ao mesmo tempo que se assiste a uma transição na vida quotidiana que explica a ativação destes “produtores do espaço” no sentido de mudar a imagem da cidade. No início dos anos noventa, o centro histórico torna-se num setting decisivo para oferecer uma imagem da cidade renovada e atrativa, no sentido do lançamento de uma economia de turismo, vista como uma das possíveis saídas do buraco negro do fordismo turinense e das "crises urbanas".

Portanto, a gentrificação do consumo torna-se num veículo de mudança social, inscrevendo-se num processo de “mercantilização da cultura popular” e da sua consequente “fetichização”, que acontece, hoje em dia, um pouco por todo o lado do mundo (Simon, 1995:184). A “cidade” e o “bairro” (leia-se quem os produz do alto) já não se revêem na imagem de Porta Palazzo – enquanto parte integrante do seu centro histórico – como bairro pobre e marginal, assim surgem numerosas lojas “étnicas”, geridas seja por italianos, seja por estrangeiros, que puseram em circulação produtos e mercadorias “diferentes”, em que o fenómeno das migrações é integrado a partir da projeção da imagem da cidade cosmopolita, através da encenação do “multiculturalismo” de forma comercial (Semi, 2010).

Com a etnicização do comércio, aponta-se decididamente para uma mudança do olhar dominante sobre a população estrangeira, à luz da reavaliação do conceito de “diferença” e da consequente apreciação por aquilo que se supõe que a diferença produza: mercadorias diferentes e “autênticas”. Assim, os bairros “gentrificados” viram surgir, em pouco espaço de tempo, numerosos bares, lojas, centros culturais “étnicos”, “tradicionais” ou com um nome “exótico”, destinados a um público cada vez mais vasto, mas ainda, de certa forma, de elite.

Porém, sem um suporte discursivo e as imagens necessárias para o fazer funcionar, este consumo da alteridade como forma de integração e como estratégia de “apaziguamento” social não seria possível. Aqui entra em ação o papel dos media e de alguns “empreendedores morais” que atuam directamente no terreno.

O Chef Kumalé, é um exemplo desta “empreendedorismo moral” hiper mediatizada, que opera no sentido da aceitação e normalização das diferenças culturais: autodenominando-se “gastronomade”, Vittorio Castellani (o homem por detrás do “personagem”) começa a divulgar o “gosto multicultural” com um programa numa rádio histórica turinense – a rúbrica chama-se sugestivamente *cous cous clan* - à base de receitas étnicas e trocadilhos, do qual o seu próprio nome é exemplo (aproveitando a assonância entre o dialeto piemontês para dizer “como está?” [kum' alé?], e a onomatopeia de sabor africano).

Chef Kumalé transformou-se, efectivamente, num fenómeno de sucesso graças ao pass-partout da comida, tornando-se um embaixador da “intercultural”, e os seus projetos ganham cada vez mais uma dimensão política, seja através de tomadas de posição oficiais<sup>16</sup>, seja através de projetos com carácter de “pedagogia intercultural”. Significativamente, um destes projetos foi a criação de *passeios turísticos* aos sítios da restauração étnica de San Salvario e Porta Palazzo, destinados a um público turinense, de classe média, com um gosto requintado pela cozinha étnica. O Chef Kumalé, no início do próprio projeto de pedagogia intercultural, convidou as pessoas a descobrir autonomamente o mundo da interculturalidade. Entre a criatividade empreendedora e as dificuldades em conseguir que o processo decorresse de forma “natural”, Vittorio Castellani tem uma ideia: propor visitas guiadas ao bairro multiétnico, uma vez que:

"dei-me conta que depois, às pessoas, quando lhes dava a morada, perguntavam onde comprar estes produtos, e as mandava a Porta Palazzo ou a San Salvario, e as pessoas voltavam chocadas, dizendo 'Mas onde é que nos mandaste? És maluco', 'estão ali todos eles', 'é perigoso', 'nós italianos, ali, não podemos entrar' e coisas do género" (entrevista por Semi, 2010: 227) (tradução livre do italiano).

Concomitantemente à sua trajectória, desenvolve-se em Piemonte, primeiro em Bra, e depois em Turim, uma iniciativa económica e cultural de promoção dos produtos “tradicionais” denominada Slow Food. Esta promove feiras e encontros, constitui consórcios e cooperativas para relançar produtos alimentares de alta qualidade e que respeitam os

---

<sup>16</sup> O manifesto do “cous cous clan”, documento que demonstra a sua tomada de posição política contra todas as formas de protecionismo e xenofobia: «Os xenófobos que gritam nos seus comícios 'polenta sim, couscous não' [refere-se à Lega Nord] – não são mais do que ignorantes e esquecem-se que o milho não é um produto típico da Padania, mas da América Central. Disponível em <http://www.libreidee.org>, consultado pela última vez em 23 de Outubro de 2011.

métodos tradicionais e naturais. Slow Food desenvolve-se ao mesmo tempo que a actividade do Chef Kumalé e ambos constituem, em graus diversos, dois modos de produção de um saber inovador que repropõe, em tom refinado e elitista, a nova “fetichização das culturas populares”.

A união e as intensas relações entre Vittorio Castellani e o staff de Slow Food imprimem ao processo de descoberta do exotismo quotidiano uma nova velocidade: o primeiro promovendo a partir de baixo, os segundos desde o alto, uma renovada visão seja da diversidade, seja da cultura popular local.

Este exemplo serve para mostrar em que medida é apropriado falar da construção de uma cena multicultural: fazendo circular as representações que acompanham e completam uma nova oferta comercial e cultural, é veiculada uma imagem do bairro que pode começar a estender-se para lá do território focalizado. Assim,

“no início de 2000, portanto, no 'Quadrilátero Romano', [a área gentrificada de Porta Palazzo], circulam comerciantes, empreendedores morais e consumidores, todos reunidos à volta da mesa do consumo da diferença, enquanto nas páginas da Stampa e na televisão se começa a diferenciar esta parte de Porta Palazzo do seu todo" (Semi, 2010) (tradução livre do italiano).

### **3.2. Os agentes institucionais da mercantilização da cultura**

Partindo daquilo que penso estar na base do pensamento antropológico, uma vontade e capacidade de crítica em relação ao mundo que nos rodeia, parece-me ser importante revelar quem são os agentes do projeto que constitui o meu *terreno*, enquanto recorte de realidade - a partir do qual me coloco para acionar esse engajamento com o mundo que é pilar ontológico da disciplina. Portanto, revelar quem são esses agentes institucionais e como se relacionam entre si, tem por objectivo pensar sobre as agendas públicas e políticas que procuram resolver os problemas ligados às migrações.

Assim, através da atuação dos seus agentes, podemos ver o projeto passeios migrantes como um exemplo de como se podem relacionar entre si os vários níveis do poder (entendido como um todo que engloba as esferas interdependentes do político, económico, social, cultural) – neste caso, do poder atribuído a instituições não governamentais (as tão controversas ONG's) -, o qual procura accionar, a partir do alto, mecanismos de mudança social.

O percurso formativo dos “jovens migrantes” foi organizado graças ao apoio (entenda-se económico) do programa IFAD “*agrobiodiversidade, culturas e desenvolvimento local*”, promovido por duas ONG's italianas: Acra e Ucodep, e pela iniciativa *Fondazioni4Africa*, no que diz respeito aos migrantes senegaleses. Acrescenta-se ainda a colaboração com o *Istituto Paralleli* e o *Centro Interculturale* da cidade de Turim.

“A ideia é do jovem antropólogo Francesco Vietti que traçou no terreno as etapas [dos passeios migrantes] junto de lojas, bancas de mercado, igrejas, mesquitas, sedes de associações e a sinagoga. E de Enrico Marletto da agência de Viaggi Solidali que contribuiu com a organização e que acreditou no projeto” (esta citação está disponível no site oficial de Viaggi Solidali<sup>17</sup>, tradução livre do italiano).

Quem são todos estes agentes e em que medida estão implicados na concretização, seja a nível de práticas, seja a nível de discursos, que enformam o projeto? À medida que vamos “subindo” numa escala crescente, relativamente à dimensão institucional dos agentes, mais obscuro parece ser o sentido da relação entre aquilo que são as suas agendas específicas de objetivos e aqueles do projeto – o que é, no mínimo, curioso.

Senão, vejamos, Istituto Paralleli – Instituto euromediterrânico do Norte Oeste é uma “associação de associações” sem fins lucrativos, fundado em Turim, em 2005, pela iniciativa de um ex-parlamentar europeu e de algumas associações locais, financiado pela Companhia de São Paulo, pela Região de Piemonte, pela Câmara Municipal da cidade, pela Província de Turim; a sua actividade insere-se no processo de parceria euro-mediterrânica iniciado pela União Europeia, em Barcelona, em 1995, sendo posteriormente reforçado pela “União do Mediterrâneo”, em 2008. “Cultura, Economia e Turismo, Imigração, Media e Políticas euromediterrânicas”, são as suas áreas de trabalho eleitas, sendo o seu principal objetivo o de promover “o diálogo cultural, social, político entre as sociedades dos países das muitas costas do Mediterrâneo, com a finalidade de favorecer e ativar relações económicas mais sólidas, orientadas para a sustentabilidade, dando particular atenção ao co-desenvolvimento”. (citação disponível no site oficial de Istituto Paralleli<sup>18</sup>). Para isto, propõem-se a:

“criar e apoiar networkings, valorizar o melhor da investigação, de forma a sugerir as mais eficazes políticas a atores locais, nacionais, internacionais”. Entre “as conquistas de Paralleli, estão o acesso a fundos europeus nos vários sectores Euro-Med. Paralleli é partner do projecto europeu “Mare nostrum” (...) financiado pela comissão europeia”. (idem)

17 [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)

18 [www.paralleli.org](http://www.paralleli.org)



A ligação mais imediata de Paralleli ao projeto é o facto de disponibilizar as instalações da sua sede em Porta Palazzo para a realização do curso formativo, mas o sentido desta relação é dado pelo espaço simbólico de Porta Palazzo – através do seu mercado: aos guias migrantes cabe a promoção, em primeira pessoa, dos produtos “étnicos” que se encontram no mercado, assim, a sua “estreia” é feita aquando da realização do Torino Food Market Festival, um dos projetos patrocinados pela Med-Emporium, no contexto da iniciativa MED da União Europeia, dentro da qual se enquadra Paralleli, projecto lançado pela Conservatoria del Piemonte e pela Conservatoire des Cuisines Méditerranéennes que, por sua vez, também se enquadram no mesmo programa de financiamento europeu.

Porém, em termos de financiamento e de intervenção no projeto, foi o programa “*Agrobiodiversidade, culturas e desenvolvimento local*” a contribuir com a maior fatia. Este programa é financiado pelo IFAD (Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola) e pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, que depois é promovido pelas ONG's italianas Acra e Oxfam Itália. Este tem como objectivo:

“contribuir para a mitigação do processo de marginalização dos agricultores pobres e dos migrantes de Marrocos, Senegal e Equador [países onde a Oxfam Itália desenvolve projectos de desenvolvimento em parceria com a Biodiversity International] através da valorização de culturas locais 'esquecidas', as chamadas espécies negligênciadas ou sub-utilizadas” (citação disponível no site oficial<sup>19</sup>).

Assim, em Itália, a agenda deste programa prende-se com o melhoramento da comercialização dos produtos derivados das referidas espécies através da rede de comércio eco-solidário, promovendo este tipo de oferta, usando o turismo responsável como meio, e pela participação em eventos e exposições procura “valorizar a presença da diáspora destes três países em Itália através de percursos de formação, reforçar a rede de produtores a nível nacional e internacional” (idem). Mais uma vez os caminhos institucionais cruzam-se no quadro do Torino Food Market Festival, através da colaboração da *Agrobiodiversidade* e Slow Food com os guias migrantes, na condição de “acompanhantes de turismo responsável”.

No que diz respeito ao papel desempenhado pelos vários agentes, a nível da influência de uma agenda na formatação do discurso que sustenta os passeios migrantes e da formação dos guias para uma prática desse discurso, foram os responsáveis pela *Agrobiodiversidade* a influir mais marcadamente sobre este. Facto que se traduziu numa visibilidade *in locu* dos

---

19 [www.agrobiodiversita.it](http://www.agrobiodiversita.it)

seus representantes, seja porque integraram as sessões formativas do curso, seja porque o logotipo de *Agrobiodiversidade* está presente em todas as bruchuras de promoção dos passeios migrantes e ainda nos próprios materiais “internos” que serviam de suporte “teórico” à formação dos guias, e ainda no próprio passeio que marcou a estreia oficial.

De facto, dois dos momentos mais emblemáticos que evidenciam a existência e intervenção de uma agenda foram protagonizados por estes actores: à parte as sessões formativas, pouco antes da estreia no Food Market Festival, foi marcada uma sessão extraordinária em que os guias tinham que apresentar aos responsáveis pela *Agrobiodiversidade* – não um percurso, ou os conteúdos que iriam transmitir – mas os produtos gastronómicos de que iriam falar nos passeios migrantes. Antes desta sessão, portanto, foram instruídos por Francesco a ir para o “terreno”<sup>20</sup>, procurar perceber a rota dos produtos (do produtor ao consumidor), sendo que os produtos de que deveriam falar já estavam escolhidos à partida, como no caso do Senegal, por exemplo, no qual falar do baobab seria obrigatório.

Tanto que o segundo momento se prende precisamente com este facto: aquele que entre os migrantes senegaleses falava melhor italiano, foi escolhido para apresentar o baobab durante o passeio de estreia feito ad hoc para os jornalistas que foram chamados a escrever sobre este evento. Aliás, este facto só foi trazido ao conhecimento dos outros guias no próprio momento do passeio. Enquanto estes falavam no máximo dez minutos, tentando fazer um apanhado que ia dos vários produtos que tinham para apresentar até aos números das suas comunidades de origem em Turim, a parte dedicada ao baobab ocupava em termos de duração praticamente um quarto do passeio. Para além disso, os mesmos representantes de *Agrobiodiversidade* estavam presentes naquele momento, deixando espaço para o “guia-migrante” falar apenas depois da apresentação do seu programa.

Quanto a Viaggi Solidali - uma agência de “turismo responsável”, com estatuto de cooperativa social – é, no fundo, quem dá “a cara” pelo projecto dos passeios-migrantes, na qualidade de entidade ideadora, organizadora e futura empregadora dos guias, e no que diz respeito ao envolvimento dos seus responsáveis na concretização do projeto, podemos recorrer à metáfora do cinema para dizer que Vietti é o realizador, e Marletto o produtor, um e outro completando-se no que respeita à actuação do projecto.

---

20 Esta experiência está descrita no 3 ponto do II. Capítulo.

Marletto na qualidade de membro da Associação de Turismo Responsável em Itália, aciona redes e contactos no sentido da obtenção de financiamento, bem como do reconhecimento estatutário (político-legislativo) de uma nova figura do turismo responsável – a do “guia-migrante”; Vietti, por sua vez, utilizando os seus instrumentos discursivos de antropólogo, fornece ao projecto os conteúdos necessários para a sua promoção junto destas entidades, bem como as contradições entre a sua prática e o objectivo de empowerment que o sustenta a nível discursivo.

O projecto enquadra-se no contexto político de ação previsto pelas agendas públicas dos atores que temos vindo a identificar, na medida em que prevê o *empowerment* de migrantes através do turismo responsável, promovendo o seu protagonismo enquanto atores com uma capacidade de mediação intercultural, em que a temática da comida é abordada enquanto manifestação cultural propícia a encontros e trocas.

Recapitulando, estes agentes são, na sua maioria, organizações não governamentais que recebem fundos da União Europeia e atuam seja a nível nacional, em vários âmbitos como o do turismo responsável, seja a nível internacional, no âmbito da cooperação para o desenvolvimento, ocupando-se, portanto, de forma geral, de questões relacionadas com justiça social. Assim, a dimensão institucional destes agentes pode ser vista como um diagrama de objectivos que, simultaneamente, se entrecruzam e se suportam, num quadro transversal de actuação relativa aos contextos sobre os quais se debruçam.

Assim, as agendas das várias entidades convergem na concretização deste projeto, seja através do seu financiamento, seja através de uma participação directa no processo de construção discursiva ou na modulação da sua prática: no que diz ao programa *Agrobiodiversidade*, que apoia actividades de turismo responsável integrando iniciativas voltadas para a salvaguarda e promoção da biodiversidade (e agrobiodiversidade) - o turismo responsável é, neste caso, definido através da Associação Italiana de Turismo Responsável nestas palavras:

“turismo actuando segundo princípios de justiça social e económica e com pleno respeito pelo ambiente e pelas culturas. O turismo responsável reconhece a centralidade da comunidade local hospedeira e o seu direito a ser protagonista no desenvolvimento turístico sustentável e socialmente responsável do próprio território”.

Portanto, ao mesmo tempo que os *passeios migrantes* são vistos por esta entidade como uma “oportunidade de conhecimento sustentável” e os guias migrantes como

“mediadores culturais do turismo” que introduzem aos “viajantes” a “cultura, a gastronomia e as tradições das próprias comunidades de origem”, esta é a mesma visão que emoldura o produto assim apresentado por Viaggi Solidalli, seja a nível da sua promoção mediática e, portanto, destinada a um público alvo, seja a nível da sua promoção junto dos decisores públicos que lhe devem dar aval, como a Câmara Municipal ou o organismo responsável pela tutela do turismo regional.

Do ponto de vista da dimensão institucional dos agentes por detrás do projecto, e consequentemente das agendas políticas que estes promovem e que justificam a sua existência enquanto atores, o meu terreno-projecto tem uma dimensão verdadeiramente “multi-situada”, “Some recent studies begin by acknowledging that different agendas and interests within complex local sites do not all originate there, nor are they all played out there [Forbes 1995, Peters 1996]. These studies of NGOs, which both alerts us to the complexities of local sites and direct our attention from local sites to larger contexts, are, as George Marcus [1995] as observed, both in and out of the world system (...)” (Fisher, 1997: 450).

Podemos passar, escolhendo um ponto onde nos colocarmos, de uma dimensão glocalizada como é Porta Palazzo, enquanto espaço de interacções de diversos tipos de fluxos, para a dimensão nacional ou transnacional. A partir daqui, podemos entrever as possíveis linhas de uma etnografia – que no caso da dimensão da presente tese fica por desenvolver - “multi-situada” e com diferentes escalas de observação (Marcus, 1995): desde o ponto de vista dos protagonistas (como esboçamos no sub-capítulo dedicado aos sujeitos migrantes e no seguinte ponto deste capítulo), passando pelas práticas e discursos dos diversos atores institucionais que dão vida ao projeto, até ao seu enquadramento a nível de um movimento epistemológico de crítica cultural em articulação com a realidade social das migrações transnacionais.

Ao identificar as agendas internacionais destes ONG's patrocinadoras do projeto, relacionando-as com o contexto local, parto do princípio de que a transversalidade destas agendas se possa enquadrar num movimento epistemológico de crítica cultural acerca dos problemas e desafios que as migrações internacionais vêm colocar em termos de políticas para a cidadania (diferentes das políticas para a identidade). Assim, se “the thickening webs of transnational networks involving (...) NGOs and transnational issue networks are cited as evidence for what some observers have identified as an emerging global civil society” (Fisher,

1997: 452), não podemos, no entanto, esquecer que a emergência de uma sociedade civil global, não deixa de se relacionar com os processos de poder e, portanto, podemos ver como, contemporaneamente esta pode apoiar ou combater esses mesmos processos.

Exemplo disto é precisamente a "dupla identidade" dos passeios migrantes, enquanto projeto que se apresenta como "político" para "dar voz aos oprimidos"(também no sentido em que os seus agentes o são) e enquanto prática (promovida por esses agentes) que fomente a cultura como "atração turística", ainda citando Fisher:

“perceptions of NGO's reflect the tensions between those who argue that new or alternative means are needed to reach the goals of developmet and those who argue for a reconception of the ends themselves (Escobar 1995, Ferguson 1990, Fisher 1995c). These perceptions of NGOs are tied up with notions of what it means to 'do good'. **At stake are the very notion of the 'good' and the process of deciding what it is and how to pursue it**” (Fisher, 1997: 446) (o sublinhado é meu).

## **4. Turismo cultural: que integração positiva?**

### **4.1. O tour de Porta Palazzo**

Esta moldura etnográfica baseia-se na observação dos cinco passeios migrantes que constituíram a estreia oficial dos passeios migrantes. Estes decorreram no arco de um fim de semana (12 e 13 de Junho de 2010, data do Food Market Festival em Turim), cujas “etapas culturais” foram sempre as mesmas, variando as pessoas que as conduziam enquanto guias-migrantes, de modo a fazer “debutar” cada um dos participantes no curso de formação, agrupando-se às vezes mais do que um guia do mesmo país, por etapa.

Pretendo que esta sirva, no contexto da tese, como ponto de comparação entre o percurso imaginário, a que nos referimos antes, e a efectiva realidade dos passeios – pelo menos aquela a que pude assistir – uma vez que também estes, constituem uma excepção no que diz respeito a contexto (Food Market Festival), público (jornalistas, pessoas convidadas pelos financiadores) e até intervenientes (Francesco e Eleonora, sua mulher, bem como os responsáveis pela ONG *Agrobiodiversità*), relativamente àquilo que será o normal desenvolvimento previsto para os mesmos. Também como quadro etnográfico que sirva de ponte entre a anterior reflexão sobre o papel dos agentes e financiadores dos passeios e uma reflexão sobre a possibilidade, e em que moldes, de *agência* por parte dos sujeitos migrantes. Todas as citações são transcrições do registo audiovisual dos passeios.

Encontramo-nos às 10:30h na Galleria Umberto I. Grande agitação. Estão presentes os guias e Francesco, alguns jornalistas (entre os quais alguns são franceses e espanhóis ligados ao projecto Slow Food) e diz-se que talvez intervenham as autoridades cidadinas. Naturalmente a maioria do grupo é constituído pelo conjunto de turistas que, em primeiro lugar, poderão experimentar o passeio migrante. Vendo melhor, muitos deles são conjuges ou parentes dos guias que cruzam telecâmaras e flashes com os profissionais dos media, acrescentando o nervosismo dos debutantes. Antes de começar Francesco junta os guias à sua volta e dá-lhes as últimas indicações: que sejam breves e falem alto.

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

Dá-se, então, início ao passeio: todos em círculo, Francesco no centro apresenta o projecto:

“Sejam bem-vindos a este passeio por Porta Palazzo a que chamámos 'a volta ao mundo numa praça', estamos no contexto do Food Market Festival...três dias dedicados aos mercados europeus...patrocinado pela cidade de Turim, pelo Instituto Paralleli e pela Conservadoria das Cozinhas Mediterrânicas...que é precisamente dedicada ao mercado como lugar de troca intercultural. Nas próximas duas horas faremos literalmente a volta ao mundo à volta de uma praça, acompanhar-vos-emos dentro da Piazza della Repubblica e das suas zonas limítrofes, à descoberta das lojas, associações e dos lugares de agregação das culturas que os migrantes que vieram de todo o mundo viver para Turim, trouxeram a esta cidade”. (Francesco, Itália, 28 anos)

Continuando, introduz a narrativa sobre a história da imigração:

“...Turim, desde o início do século XVIII, é uma cidade que evoluiu, se transformou e enriqueceu graças aos diversos fluxos migratórios que por ela passaram, partimos com as migrações internas da região de Piemonte, com os vales e os campos que se despovoavam...continuámos com as do nordeste e, sobretudo, da zona meridional de Itália que nos anos cinquenta e sessenta fizeram redobrar a população da nossa cidade e, no final, com as migrações internacionais que desde os anos setenta até hoje trouxeram um vento verdadeiramente internacional à nossa cidade aos pés da montanha. Exactamente para vos demonstrar esta diversidade de culturas precisamos de guias muito especiais e Viaggi Solidali realizou, neste último ano, um curso de formação intitulado precisamente 'guias migrantes' no qual foram formados vinte e três jovens, vinte e três pessoas, provenientes de doze diversos países do mundo, entre os migrantes que viviam na nossa cidade e que aprenderam a profissão de guia turístico e que vos acompanharam hoje à descoberta do mesmo território em que eles próprios vivem .... e, portanto, hoje temos aqui, entre os vinte e três guias que se formaram alguns dos nossos representantes a quem passarei a palavra para uma brevíssima auto-apresentação, pois serão eles que vos acompanharão na volta a Porta Palazzo”.

Passa-se a palavra aos guias que se apresentam com nome, proveniência, anos de permanência em Itália, profissão e alguma pequena nota colorida, como por exemplo o matrimónio de Samir com uma italiana (que faz parte da comitiva do Instituto Paralleli), ou o apelo matrimonial de Lassad, ainda solteiro. Os guias apresentam-se ainda como representantes das migrações do “Maghreb”, da “Roménia”, da “América Latina”, da “China”, de “Piemonte” e da região “Meridional” de Itália. Youssef e Eleonora, respectivamente guias do Maghreb e do Sul de Itália, fazem também de tradutores de italiano para francês e espanhol a favor dos jornalistas estrangeiros:

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

“Bom dia a todos, eu chamo-me Youssef e venho do sudeste de Marrocos e estou aqui em Itália há três anos e meio, antes de vir para Itália já era acompanhador turístico de Viaggi Solidale..guia de turismo responsável em Marrocos...fiz a formação juntamente com os meus colegas dos guias migrantes, esperamos dar-vos um bocado..uma ideias da nossa cultura que está presente nesta praça”. (Youssef, Marrocos, 42 anos)

Depois de todas as apresentações e da introdução à história das migrações, Francesco dirige o grupo para fora da Galleria, proferindo:

“Muito bem, agora visto que o tempo melhorou, e já não chove nas nossas cabeças, vamos sair para a rua da basílica, apanhando a rua Milano e fazemos uma primeira paragem ao pé da igreja de São Domenico para vos falar de Turim, daquela de base, de partida..que devemos conhecer bem a Turim piemontesa italiana que é, porém, a base para o conhecimento para depois construir as histórias de migração das quais falaremos durante o resto do passeio”.

A guia de “Piemonte” faz algumas referências à história daquela praça, fala sobre a sua arquitectura e depois sobre os primeiros movimentos migrantes dos vales e montanhas piemonteses em direção à cidade. Citam-se algumas antigas atividades “típicas” dos imigrantes camponeses na cidade, dizendo os nomes em dialecto piemontês e suscitando de alguém, entre o público, um aceno de reconhecimento. Nas palavras de Alessandra:

“ Eu represento isto...a memória piemontesa, que apareceu à volta dos primeiros anos de mil e novecentos, dos vales e das montanhas em volta do cunese e dos campos, quando aconteceu uma crise agrícola que levou pastores e camponeses a voltarem-se para a cidade, sobretudo num período em que houve um grande florescimento das fábricas..nesta mesma Borgo Dora de hoje, ainda existem velhos canais que foram sucessivamente enterrados ao longo dos quais havia velhas, minúsculas fábricas, que em piemontês chamamos boite, que são fábricas que não podiam ter mais que cinco pessoas e ainda existem sinais nos velhos cartazes das lojas e dos ferros velhos que são os antigos antiquários”. (Alessandra, Itália, 39 anos)

De seguida, quem tem a palavra é a guia “meridional” que começa imediatamente por perguntar aos turistas quantos são verdadeiramente piemonteses e quantos de origem meridional, como forma de introduzir o conteúdo desta etapa: o movimento migratório que, proveniente do sul de Itália, entre os anos 50 e 70, fez com que a população citadina passasse de 300 mil a 1.400 mil. Entre os turistas descobre-se uma verdadeira piemontesa, grande raridade, enquanto que a maioria, confirmando as suas origens meridionais, confirma também as palavras da guia. Fala-se de produtos típicos, sabores e nostalgia, racismo e identidade, pequenos negócios familiares. Eleonora é quem fala:



*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

“a Calábria..hum..o que é que a Calábria trazia? toda uma série de óptimos produtos....como irão ver, também existem uma série de restaurantes que têm especialidades sicilianas, calabresas, exactamente porque é uma coisa do homem, do ser humano, trazer, querer voltar a cheirar, a provar a própria terra, as próprias raízes..neste passeio...para tantas outras culturas que...não são só aquelas italianas, piemontesas..vamos verificar exactamente a mesma coisa”. Acabando, por fim, com a leitura apaixonada de um extrato das memórias de um meridional em Turim, catapultado do sul agrícola para a capital industrializada do norte: “ ‘quando fui trabalhar na fábrica, no primeiro dia, perguntei-me onde estavam os piemonteses: eram todos meridionais ou venetos, talvez houvesse um único piemontês em 50 pessoas e, naturalmente, era quem mandava' [risos gerais]”. (Eleonora, Itália, 28 anos)

O círculo desfaz-se e a guia “sul-americana” abre caminho, dirigindo-nos para o mercado coberto do peixe, símbolo da migração da América do Sul. Os guias peruanos, a guia brasileira e a colombiana posicionam-se em cima das quatro escadas de acesso a este pavilhão e a partir desta espécie de púlpito, fazem uma breve introdução ao movimento migratório dos seus países em Turim, dando alguns números e, de seguida, passam a falar sobre a parte “cultural”. Sob o vigilante olhar de Francesco, que lhes passa sempre o saco dos produtos típicos no momento certo, que eles passam a ilustrar, Elke, por exemplo, faz a ligação com a migração chinesa:

“entre nós, Porta Palazzo, é o coração de Turim, é um mundo em Turim, porque aqui nós encontramos tudo aquilo que existe quando nós temos saudades do Brasil, aqui encontramos ingredientes para fazer as nossas farinhas de...pão de queijo..ah (tira da mala qualquer coisa) posso-vos mostrar..aquí têm uma combinação estupenda daquilo que é o queijo gorgonzola e o mel castelmen, nós temos goiabada e queijo que aqui podem ver...nós chamamos de romeu e julieta, é mesmo de deus esta combinação, nós temos aqui nas lojas dos chineses, espertos, importam tudo de todas as partes do mundo e nós podemos encontrar aqui”. (Elke, Brasil, 35 anos)

Atravessa-se, portanto, o interior do mercado do peixe, notando a dissonância entre o discurso dos guias e a realidade, talvez nesta etapa mais do que anteriormente. No seu interior, de facto, as pessoas de origem sul-americana não são proprietárias das bancas, mas empregados, são numericamente poucos e relegados às últimas bancas do mercado, mesmo como os “últimos a chegar”, por respeito à maioria dos vendedores que são de origem italiana. O discurso apresentado no topo daquelas escadas, em frente à entrada do mercado, assume, portanto, um valor simbólico – representa um desfazamento entre a realidade do contexto circundante e o discurso produzido para a descrever: uma das guias peruanas, é neste sentido,

significativamente interpelada por um dos turistas (o que raramente se verificou ao longo destes passeios) , que lhe pergunta qual a ligação entre a sua “explicação da cultura peruana” e “estarmos à entrada do mercado do peixe”.

A próxima etapa é a telheira do relógio, outro pavilhão fechado que compõe o complexo do mercado, onde os turistas são guiados pelos “porta-vozes” da Roménia. Menciona-se a construção deste pavilhão em estilo liberty, e adentramo-nos pelo mercado, parando à frente do maior talho romeno, onde a guia não se esquece de referir os números da migração do seu país na cidade, a que detém o maior número de pessoas, ilustra, claro, os produtos típicos e faz referência à associação “camminare insieme” que fornece um serviço sanitário aos imigrantes sem autorização de permanência:

“...existe também uma igreja católica romena, dado que também existem muitos católicos na Roménia..a igreja é tanto um sítio de oração para tantos romenos, como um lugar de encontro..para socializar, encontrar também anúncios para alugar casa (...) logo a seguir à igreja ortodoxa, encontramos a associação “camminare insieme”, não se fala só de romenos, porque é uma associação de voluntários nascida com o objectivo de assegurar assistência sanitária a imigrantes sem documentos”. (Mirela, Roménia, 46 anos)

Mirela refere também o problema relativo aos ciganos, procurando sensibilizar os turistas em relação a esta comunidade, na maioria das vezes discriminada e alvo de racismo:

“ em Porta Palazzo, é verdade que estão muitos presentes e as pessoas notam...por isso parecem mais numerosos do que aquilo que são (...) na maioria dos casos, sob o aspecto agressivo, esconde-se também uma vida de pessoas que nem sempre são tratadas bem, que nunca se sentiram respeitadas por isso...um pouco..eles também..a resposta que dão é até natural”.

Convidados por Francesco, seguimos a guia marroquina até à zona dos talhos islâmicos, muito difundidos pela procura de carne hellel, vendida em conformidade com os ditames da religião muçulmana. Na realidade, paramos debaixo da arcada de um prédio que faz de “fronteira” entre a praça e a zona residencial, um espaço protegido da realidade caótica do mercado, mas também distante da possibilidade de qualquer encontro fora do programa (longe do percurso imaginário em que se pára a falar com a senhora marroquina que vende pão). Perguntamos: será por medo de confronto com o real, ou acontece porque se está no início e os guias ainda não tiveram tempo de conhecer bem a realidade das suas “culturas” presentes no mercado, e de se tornarem “pontes entre culturas”, para levar os turistas dentro das lojas “étnicas”, como imaginava o “passeio ideal”? Não obstante o lugar “protegido” onde

nos encontramos, acontece, de qualquer forma, um “imprevisto”: atraídos pelo nosso grupo grande, aproximam-se um pai com o seu filho pequeno que, evidentemente, são rom. Curiosos ouvem e, ao mesmo tempo, esperam. Alguém entre os turistas tira uma fotografia à criança, mas os guias continuam o seu discurso sobre a história da migração marroquina e árabe em geral, seguindo-se uma introdução à “cultura árabe”: explica-se o significado das palavras maghreb e mashrek e mostra-se como se escrevem estas palavras em árabe. A parte mais ampla da exposição continua a ser aquela caracterizada pela ilustração dos produtos típicos: chá de menta, com bule e taças, o óleo de argan e o fruto do qual deriva. Os produtos passam de mão em mão, surgindo uma ou outra pergunta entre os turistas.

O passeio prossegue até à gelataria popular, exercício comercial que pertence à ONG *Agrobiodiversità*. Toma de imediato a palavra o responsável que ali nos esperava, junto com a guia migrante, única do grupo que não seguiu todo o passeio, uma vez que lhe foi expressamente pedido para falar apenas de baobad – produto que *Agrobiodiversità* procurou destacar no contexto do Torino Food Market Festival. Esta é a etapa mais longa do percurso em tempo de duração: a guia desdobra-se para falar de todos os aspectos do baobad, que vão desde a sua utilização, à sua dimensão simbólica, religiosa – assumindo proporções de autêntico “facto social total” - não se fala uma única vez de migrações, nem sequer para contabilizar quantos são os senegaleses em Turim, muito menos daquilo que os ocupa nesta cidade. Que comentar? Esta é uma etapa ad hoc, inserida para satisfazer os patrocinadores, não só *Agrobiodiversità*, como também Fondazione 4Africa, que expressamente patrocina a parte dos passeios relacionados com o Senegal. E que dizer do facto da guia senegalesa me ter “confessado” (à parte do conhecimento dos outros guias) que foi paga para fazer esta apresentação de vinte minutos – que termina com a prova do gelado de baobad -, enquanto nenhum dos restantes “colegas” recebeu algum tipo de compensação monetária. Ninguém ousa (ou talvez simplesmente ninguém sequer note?) comentar a descontinuidade entre esta parte do percurso e as outras.

A conclusão do passeio é feita debaixo da “telheira dos camponeses”, como é chamada esta parte do mercado, onde vendem as suas verduras os cultivadores piemonteses, ao lado dos migrantes chineses, que cultivam “estranhos” vegetais nos campos em volta de Turim. A guia chinesa começa a sua intervenção a partir do significado da palavra China em chinês, traçando num suporte de papel os dois ideogramas que formam este nome. Depois fala da

caracterização das actividades económicas que ocupam esta comunidade em Turim, a chamada migração das “três facas” (restauração, cabeleireiros e costureiros), não falta a ilustração dos produtos típicos e dos famosos pauzinhos.

No final, fico com a impressão de ter assistido a um espectáculo de equilíbrio. Como os equilibristas que vemos no circo a caminhar sobre um fio suspenso no vazio, aqui assiste-se a uma tentativa por parte dos guias de manter o equilíbrio entre as diversas partes do discurso, entre aquelas impostas e aquelas “livres”, entre as diversas expectativas da iniciativa: aquela mais “foclorica” (os pauzinhos para comer comida chinesa, os ovos romenos pintados, o extrato de livro das memórias de um “meridional”); aquela mais “técnica” (das datas e números das várias migrações); aquela mais comercial, ligada aos produtos, às lojas, à comida. Uma iniciativa que nasce “híbrida” e que, de alguma forma, deixa à sensibilidade e capacidade de cada um dos guias a tarefa de escolher um eixo, um tipo de “equilíbrio”. Se, em algumas das intervenções estes elementos foram reelaborados e “fundidos” pelo guia, num discurso pessoal, equilibrado e vivaz, noutros casos a diferença entre o aspecto técnico e comercial, por exemplo, era clara.

O primeiro caso, pode ser exemplificado pelo discurso de Mirela, uma das guias de nacionalidade romena, única entre as suas conterrâneas, a romper as malhas do discurso comercial, inserindo na sua intervenção um aceno ao problema de integração, quer em Itália, quer na Roménia, de pessoas Rom ou falando ainda do papel da associação *Camminare Insieme*, provocando, ironicamente, um efeito de estranhamento, quando deve depois passar à descrição de conservas de verduras ou especiarias do seu país. Efeito de estranhamento, ou talvez, um efeito de esvaziamento de sentido dos dois temas quentes, assim, reconduzidos imediatamente à ligeireza dos outros temas. Efeito de estranhamento, mas em sentido oposto, foi aquele das guias-donas-de-casa-marroquinas, à vontade quando falavam de chá de hortelã, especiarias ou carne hellel, mas que tropeçavam na história e números respeitantes à migração. Por sua vez, as guias chinesas, por exemplo, talvez porque todas com um nível de escolaridade elevado (licenciatura ou mestrado), produziram um discurso equilibrado, ligando o aspeto mais “monolítico”/imposto do exterior (aquele dos produtos a sair do saco), a um aspeto social ou económico, quase pessoal. A descrição dos produtos cultivados e vendidos pelos migrantes camponeses é reconduzida à “sopa da avó”, símbolo da uma “tradição” por elas experienciada e contraposta à atividade de restaurantes chineses em Itália, que adaptam a

sua conzinha ao gosto do país hospedeiro. O aceno ao tipo de adaptação económica sintetizado na sigla das “três facas”: ligando a restauração, aos cabeleireiros chineses e à moda dos cortes extravagantes dos jovens como sinal de uma identidade de “segunda geração”. Em resumo, um discurso delineado por uma experiência pessoal.

Ressalta, portanto, como, dentro de um discurso programado por um guião pré-estabelecido, os guias tenham tido uma certa margem criar um discurso próprio que, partindo dos elementos dados (produtos a ser apresentados, culturas para ser representadas), pudesse englobar aspectos mais próximos à sua experiência pessoal, conseguindo dar mais ou menos “vida” a esse “guião”.

#### **4.2. E a agência? Os “guias migrantes” e os “turistas da multiculturalidade”**

Para além do facto de alguns dos guias interpretarem o seu papel como uma possibilidade de viver a sua “diferença” de forma positiva, e ainda para além do facto deste papel, enquanto trabalho, poder constituir não só um melhoramento das condições económicas mas também de “prestígio simbólico” (fica por saber se em relação à sociedade italiana ou também à sua própria “comunidade de origem”) - este ponto, prende-se com outra questão.

Por tudo aquilo que tenho vindo a dizer, pode-se perceber que, efectivamente, não penso que exista muita margem de manobra relativa ao papel de guia-migrante, enquadrado que está num contexto onde, apesar da petição de princípio ser a do “empowerment”, são os agentes e o mercado do “turismo cultural” a ditar as regras do jogo – apenas com a salvaguarda de que, cada guia, consoante a sua imaginação e mais ou menos encaixe dentro do papel atribuído poderá jogar as regras deste jogo com alguma flexibilidade.

Porém, neste momento, gostava de tomar o termo *agência* sob dois pontos de vista que penso ser pertinente abordar e distinguir: no primeiro, *agência* ganha significado a partir da dinâmica que se estabelece entre pessoas (“guias” e “turistas”) - e podemos questionar se, independentemente dos seus papéis, correndo o risco de parecer demasiado naive, ou não - a partir do momento em que exista uma situação de interação, existe produção de sentidos e significados, e portanto, uso a noção de *agência* para sublinhar que os atores têm a possibilidade de atribuir significados e sentidos à interação, diferentes daqueles que eventualmente são pretendidos por quem a desenhou.

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

Em segundo lugar, a *agência* da antropologia enquanto disciplina que procura *compreender* o mundo, e como conhecimento *situado*: agência implícita ao meu papel e ao do antropólogo por trás da criação do projecto, enquanto atores “híbridos” envolvidos neste processo - o último, híbrido porque utiliza a sua identidade de antropólogo, fazendo dela um recurso para potenciar o seu papel de sócio de agência de viagem de turismo solidário, dando aos *passeios migrantes* um suporte discursivo que os enquadra em agendas políticas, que dependendo do contexto, podem ser consideradas contra-hegemónicas, no caso de Turim, seguramente. Minha, a *agência*, porque observadora-participante, “colega” dos guias, mas crítica de tudo isto - principalmente, a minha agência prende-se com o facto de não recusar trazer para dentro desta tese uma perspectiva engajada com a descrição de processos hegemónicos, neste caso o da mercantilização cultural promovida pela realidade do projeto.

Neste último sentido que pretendo dar ao termo agência passo a transcrever um excerto da entrevista final que fiz a Franceso – feita no rescaldo da estreia dos *passeios migrantes* no Torino Food Market Festival, onde entendi que não poderia recorrer à “neutralidade” de cientista social (estou a ser obviamente irónica), mas recorrer ao engajamento próprio da antropologia e a um dos seus importantes instrumentos metodológicos: o recurso ao registo dialógico. Portanto, não escondi a minha opinião quanto à instrumentalização do conceito de cultura, mas procurei dar espaço a uma possível defesa, em termos antropológicos, do projeto, nunca pondo de lado o facto de que o meu “idealismo” (chamemos-lhe assim) pudesse não me deixar ver o quadro completo.

P: Ao longo do curso de formação reparei que foram aparecendo cada vez mais pedidos de outros projetos que procuravam, de alguma forma, tirar partido da existência de um grupo de vinte cinco pessoas migrantes; estes projectos interessam de facto à formação para ser guia, por exemplo, aquele da informática, o projecto Eufémia, qual é a tua opinião enquanto ideador de tudo isto?

R:..eh..sim...Agrobioversità, por exemplo, financiaram uma boa parte do projeto...e é normal..à medida que o projeto ia avançando iam pedindo cada vez mais coisas, visto que o grupo era grande...este sítio que nos hospedou [Istituto Paralleli] financia também o projecto Eufemia ..existe também uma diplomacia entre as entidades que obriga a fazer coisas que, de facto, não são úteis para os participantes, mas para essas entidades.

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

P: Sabes que vou fazer a tese em antropologia e, portanto, enquanto antropólogo peço-te para comentares, tendo em conta que vou ter que falar de conceitos como essencialização da cultura...

R: Ehh....Penso que isto é muito verdade, na medida em que quando olho para o projecto enquanto antropólogo horrorizo-me um bocado; como antropólogo se tivesse que ler a coisa seria muito crítico...portanto, sobre isto estou perfeitamente consciente...tenho também que dizer que quando se passa da reflexão antropológica para um projecto sobre a cidade...ehhh...bem, também me questionei muito se consegue contar a hibridação num modo que seja compreensível aos não especialistas...senão continuaremos numa situação na qual Mai explica a cozinha chinesa, Rosita a cozinha peruana e assim em diante.

P: Como é que vês a possibilidade de existência de alguma agência, visto que era esse o objectivo, achas que foi ou que poderá vir a ser atingido?

R: Seguramente o nosso objectivo não foi atingido... a viragem essencial tem que passar por uma técnica e uma capacidade dos guias... os guias deverão estar em condições de ser guias da complexidade do território, de acompanhar os passeios misturando e não construindo recintos, nós devemos estimular isso...E porque é que não vimos isso acontecer?...é que para uma pessoa que nunca foi guia é difícil saber como construir um determinado tipo de discurso, e depois também devemos ter em conta o nível de cada um respectivamente a uma capacidade crítica sobre o seu papel...eu não vejo isto como um ponto de chegada, acredito que com a experiência e com capacidade, estejam em condições de acompanhar todos os passeios dando-lhe um sentido complexo, unindo os laços que um traço cultural tem com o outro...têm que adquirir isto...

Em setembro, isto obrigará os guias a gerir, em pares, todos os passeios, acho que isto os irá seleccionar...quem tem um interesse real e os outros...não acredito que todos os guias chegarão a dominar os passeios. Voltaremos, se calhar, àquele número inicial...de facto isto redimensiona o nosso papel...aqueles que já trabalhavam no campo do diálogo intercultural vão, com certeza, ter mais capacidade para desenvolverem o projecto...ou seja não creio que o curso tenha servido muito a este nível...demos um instrumento a mais...mas se uma pessoa nunca fez nada antes neste sentido..se calhar não lhe demos muito (...)"

“ Mas se uma pessoa nunca fez nada antes neste sentido..se calhar não lhe demos muito...”. No entanto, o programa falava de curso de formação – mas formação para se ser guia ou para se ser migrante? Talvez o momento da formação e todo o projeto estivesse demasiado condicionado pelos agentes e pelos "projetos parasitas" por causa da diplomacia de que fala Francesco – mas quando se misturam objetivos político-sociais com objetivos

comerciais, já se estará à espera de fazer cedências, principalmente quando o financiamento vem, na sua maioria “de fora”, portanto claro, a “diplomacia” não é uma novidade.

Os guias migrantes, propagandizados pelos media, revelam-se, portanto, uma utopia, uma construção frágil, esmagada entre as exigências dos seus comissários e a realidade dos passeios, onde é preciso "ser breve e falar alto". No fundo, a obra formativa reduz-se a isto? “falem alto e sejam breves”. Quase como que a sugerir: “não compliquem a vossa vida, não estão em condições de sustentar um discurso complexo...”, é como se, no momento da estreia, o próprio Francesco denunciasse a impreparação dos guias através destes conselhos.

E de facto sim, os guias estão na sua maioria impreparados. Não têm um tom de voz alto, não levam avante um discurso bem estruturado dos diversos componentes a ser abordados, às vezes até não dominam suficientemente bem a língua. Os primeiros cinco passeios, com algumas excepções, mostram pessoas usadas como “carne para canhão”, impreparadas, mas oferecidas "de bandeja" ao público, porque o prazo formativo tinha terminado e era necessário mostrar o uso dado ao financiamento do projeto, dar continuidade à mediatização do mesmo, do qual os financiadores deviam extrair o seu benefício em termos de publicidade e exposição. Não espanta, portanto, que Francesco sugira uma selecção, que deixará de fora as pessoas - os imigrantes - que não têm capacidade para ser (guias) *migrantes*.

Mas qual poderá, então, ser um significado diferente do produzido pelos agentes dos passeios, a dar à interação entre guias e “turistas”? Importa perceber quem são estes turistas da multiculturalidade: à parte do facto de ser um público propenso à atração pela diversidade, coloca-se a questão de saber, em que medida estará disposto a entrar num diálogo de pares com os seus cicerones. Ficará por avaliar este aspecto, uma vez que os passeios a que tive oportunidade de assistir (o tour de Porta Palazzo), foram a “estreia” deste projecto e, portanto, penso que constituam uma excepção no aspecto que diz respeito seja ao público presente, seja à interação entre guias e público. Mas fica a salvaguarda, de que, a realidade ultrapassa sempre a ficção deste tipo de criações feitas para “praticar o bem” (“doing good”), se os significados que serão produzidos irão romper as barreiras dos estereótipos ou reforça-las, ou simultaneamente, provocar estes dois efeitos - terá que ser a observação etnográfica a constar no terreno.



## Conclusão

A problemática do meu terreno prende-se, sem dúvida, com a mercantilização da cultura enquanto estratégia para lidar com os processos de segregação que acompanham o fenómeno das migrações. Ao longo da exposição procurei demonstrar quais as condições contextuais específicas que - dentro da lógica do estado-nação, enquanto “contexto lato”, onde “integração” significa *naturalização* de identidade cultural através da “constituição de desigualdades” (Fox, 1990:10-12 em Sasaki, 2000) - levam a que esta só seja possível em moldes reificadores da identidade/cultura. E ainda, quais as condições que, por sua vez, dentro do “contexto estrito”, de um projecto feito em moldes de “turismo cultural” em que as condições da “integração” são vistas como projeto social e político a ser promovido pelo mercado da sustentabilidade e solidariedade.

Reflectir sobre a sua dimensão enquanto projecto social e político – na medida em que se declara promotor de empowerment da categoria “migrante” - coloca questões complexas, que à primeira vista parecem simples. À primeira vista, inclinar-me-ia, como foi aliás o que sucedeu ao longo do meu processo de reflexão sobre qual a motivação pessoal ligada a uma justificação “social” da tese em si, para uma crítica demolidora dos processos de essencialização e mercantilização da cultura, mascarados de “empowerment”, que saltam à vista de um olhar antropológico sobre a realidade deste *terreno*.

Porém, procurando lê-lo e enquadrá-lo numa “política concreta do possível” (o termo é de Vale de Almeida, 2009), guiada pelas portas que a etnografia abre em direcção às sensibilidades e percepções dos actores nela envolvidos, pergunto-me se esta realidade não poderá ser lida numa chave interpretativa de *política identitária* na medida em que responde a uma determinada conjuntura dada pelo contexto - a ser, no entanto, distinguida das condições estruturais do neoliberalismo de que decorre o processo da mercantilização cultural.

Vamos por partes. Os processos de segregação que acompanham o fenómeno das migrações são consequência da e são movidos pela dinâmica entre identidade e alteridade. Assim, começando pelas condições contextuais específicas que enquadram esta realidade, dando-lhe a sua dimensão de sentido, e o “possível” à *política concreta* - temos dois níveis contextuais que enformam a dimensão política *per se* da realidade do meu *terreno*: uma vez que a migração não é só movimento, mas também territorialização (cultural) – temos, por um

lado, o contexto de um espaço que não é neutro, mas marcado por uma construção fictícia (o estado-nação), atravessado por tensões e, em última instância, por hierarquizações e dominação (volto a lembrar Fox). O que migrante trás consigo é mais uma identidade a ser “integrada” neste espaço-território. Este é o primeiro nível do contexto (“multi-situado”) que dá sentido à existência de “políticas identitárias”, em geral, e em particular aos *passeios migrantes* que procuramos ler nesta chave.

Como vimos no 1 capítulo, a reificação da identidade cultural pode ser, tanto um mecanismo de integração no estado-nação (para os “nacionais”), como um mecanismo de segregação (para os “*extracomunitarios*”, os que não pertencem a esta *comunidade imaginada* (Anderson, [1983] 1991), e assim, a “política identitária” pode ser uma faca de dois gumes. Sabemos que a política identitária serve um largo espectro de posições políticas – logo de mundividências sobre justiça social – que pode ir desde reivindicações de uma identidade étnica inventada (como é o caso da identidade Padania, pela Lega Nord, partido declaradamente racista) até à mercantilização cultural promovida por ONGs com agendas públicas tendencialmente associadas a um pensamento de “esquerda”, questão abordada no 3 capítulo.

Num segundo nível contextual, temos os agentes que imaginam – logo criam – os *passeios migrantes*. E quem são estes agentes, ou mais importante que isso: porque é que se puseram a imaginar? Porque, neste caso, estão em Turim, que devido à sua recente (e passada) “história política” (como vimos no 2 capítulo) lhes permite fazer e imaginar um percurso turístico (multi)cultural e uma identidade (guia-migrante) criada ad hoc para efeitos de “integração” (neste mercado), vivida ou promovida – aqui entra o plano das motivações dos actores - como projecto social e político de combate à segregação dos imigrantes e dos espaços por eles atravessados. E ainda, porque, pelo facto destes agentes participarem da rede de sentido e de produção de significado de agendas públicas internacionais (outros das escalas do contexto), a que acima nos referimos, permite-nos não perder de vista a complexidade da ação social, mesmo quando ela é orientada por processos de simplificação da realidade (como o recurso à essencialização da cultura); não perder de vista “[the] fluid and changing local, regional, national, and international processes and connections, which both support and suppress 'an insurrection of subjugated knowledges' (...) avoid simple generalizations and reveal the rich ideological and functional diversity of NGOs” (Fisher, 1997: 449).

A política do possível, dada pelas condições criadas nestes dois níveis contextuais, baseia-se, portanto, na utilização de “cultura” como sinónimo de “identidade” essencializada para os fins tanto da exclusão, como da integração. Consequentemente, através destes dois níveis contextuais podemos abstrair dois tipos de condições para o sentido da acção social daquilo que é o processo, irrevogável, de mercantilização da cultura patente nos passeios migrantes. As condições que chamei de conjunturais e estruturais.

As condições conjunturais, dadas pelo contexto, são aquelas em que a mercantilização se pode ler em chave interpretativa como política identitária, se por política identitária entendermos a essencialização da cultura como estratégica para tornar os processos de segregação e hierarquização da identidade do migrante *visíveis* - a conjuntura do contexto, quer nacional, quer local (ligado que seja a agendas transnacionais), fornece-lhe a “desculpa” para que possa ser vivido pelos actores (guias e até ideadores) como instrumento, para uns de empowerment, para outros de reivindicação possível de “um mundo mais solidário”.

Isto, claro, do ponto de vista dos “ideadores e promotores” do projecto que, na sua petição de princípio, parte da premissa de que o facto de que ser “migrante” seja por si só uma condição que coloca os actores numa posição privilegiada de “mediação cultural”. Mas, também sabemos que o facto de se ser migrante não quer automaticamente dizer que a pessoa viva a nível consciente a sua identidade como “híbrida”, pelo contrário: mesmo que depois na prática a use e reelabore de formas diferentes consuante o contexto.

No que diz respeito às condições estruturais, o sentido da acção é aquele que, como primeiro reflexo, pretendi criticar – um sentido conferido pelo neoliberalismo enquanto quadro estruturador de uma “política concreta do possível”, que conduz, precisamente, à mercantilização da cultura, submetida, também ela, à lógica do consumo patente em projectos de turismo cultural como aquele que é objeto desta tese.

Assim, falei de agentes e agência (no 3 e 4 capítulos) na medida em que, se podemos considerar o essencialismo como parte de uma estratégia para alterar as condições de vida, tanto dos guias-migrantes, como o (i)migrante como categoria representacional, a nível simbólico (o alcance que a melhoria a nível material poderá ter, fica por avaliar, mas arrisco, desde já a dizer, que fica aquém dos objectivos), não podemos, porém, perder de vista o tipo de contexto em que este pode ser avaliado positivamente: o contexto *estrutural* dado, por um lado pelo neoliberalismo, e por outro, pela lógica do estado-nação. Portanto, não podemos

também perder de vista qual o papel da antropologia e de como esta pode ser, como a “identidade”, uma faca de dois gumes relativa à questão da política identitária. Como afirma Vale de Almeida,

“Nas circunstâncias presentes o essencialismo estratégico pode ser aceitável como forma de empowerment”. Porém, “Turner coloca uma questão que se relaciona directamente com questões de engajamento. Diz ele que: ‘one must specify which multiculturalism an anthropologist might want to contribute to (...): critical multiculturalism [or...] difference multiculturalism’ (1993:413), isto é, ‘(...) cultural diversity as a basis for challenging (...) basic notions (...) common to dominant and minority cultures alike (...) [or] (...) the multiculturalism of the (...) fetishists of difference (...) [which is] the stereotype (...) that has been touted by neo-conservative critics of ‘political correctness’ in academia’ (1993: 413-14)”. (Vale de Almeida, 2004: 59).

Esta é, também, a questão fulcral, para a análise do meu *terreno*: os conceitos “ethic” sobre “cultura” que a antropologia e as ciências sociais, no geral, já reelaboraram a propósito da dialéctica entre universalismo e relativismo num esforço de “ultrapassar” o etnocêntrismo que ambas as perspectivas implicam - esforço, aliás, que é impulsionado pela realidade das práticas políticas implicadas no conceito essencializado de “cultura” que ambas pressupõem – continuam a ser apropriados pelos conceitos “emic” do “poder”.

Goodale (2006) advoga que *empowerment* possa significar uma forma possível de ter realmente opção de escolha, uma vez que esta não pode existir nas condições estabelecidas por uma visão reificada da “cultura”. A questão da política identitária prende-se, portanto, e fundamentalmente, com a questão do poder. Porque a cultura se torna num instrumento de manipulação simbólica e material do poder, quando é “utilizada” para servir os propósitos da retórica do estado-nação, mas também, porque é através das relações de poder que esta tem de ser vista como um processo dinâmico e dialógico. Ela é instrumentalizada pelo poder a nível das suas relações entre os estados na arena transnacional, dentro dos estados, ao nível dos conflitos e diálogos entre os seus diversos grupos e das divisões internas dos grupos.

Então qual será a solução para combater as reificações, que de um lado e de outro, são manipuladas, pois não é apenas o estado-nação ou organismos internacionais como ong’s que detêm estes “recursos”, também as “minorias”, aquelas a que chamamos movimentos sociais detêm poder de negociação na arena dos media e da “sociedade civil global”, onde os mesmo recursos a identidades essencializadas são a linguagem do jogo da negociação (atenção, não estamos a dizer que seja sempre este o caso, quando o que está em jogo é o “empowerment”

de “minorias”, mas apenas a apontar para o problema)?

A globalização coloca os problemas numa outra escala, ou melhor em várias escalas, e o essencialismo estratégico como política identitária ganha dimensão transnacional, nesse sentido de global, colocando em questão a constituição do estado-nação e trazendo para a mesa as questões que se prendem, já não com uma política identitária, mas para a cidadania, em que a “integração” já não tenha (idealmente) que ser reclamada por relação a uma pertença baseada na “semelhança”, mas na igualdade de direitos dentro da diferença.

## **Bibliografia**

- Albarello, Alessandro (1997), "Non nelle mie contrade: Un'etnografia padana per un'antropologia delle società complesse", em Sacchi, Paola e Pier Paolo Viazzo, (2003) (orgs), *Più di un Sud, Studi antropologici sull'immigrazione a Torino*, Milano, FrancoAngeli.
- Allasino, Enrico, Luigi Bobbio e Stefano Neri, (2000), "Crisi Urbane: che cosa succede dopo? Le politiche per la gestione della conflitualità legata all'immigrazione", *Workinking Paper*, 135, Torino, IRES, consultado em 21 de Setembro de 2011, disponível em <http://213.254.4.222/cataloghi/pdfires/510.pdf>.
- Anderson, Benedict, (1991), *Imagined Communities: reflections on the origin and spread of nationalism*, London, Verso.
- Appadurai, Arjun, (2004), *Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa, Teorema.
- Arce, Alberto, e Norman Long, (2000) (orgs.), *Anthropology, Development and Modernities. Exploring discourses, counter-tendencies and violence*, London, Routledge.
- Atkinson, Paul, (2001), *Handbook of Ethnography*, London, SAGE.
- Bagnasco, Arnaldo, (1986), *Torino. Un profilo sociologico*, Torino, Einaudi.
- Basile, Dario (2001), "Piazza Cerignola: un simbolo dell'immigrazione pugliese a Torino", em Sacchi, Paola e Pier Paolo Viazzo, (2003) (orgs), *Più di un Sud, Studi antropologici sull'immigrazione a Torino*, Milano, FrancoAngeli.
- Baumann, Gerd, (1999), *Multicultural Riddle. Rethinking Nacional, Ethnic and Religious Identities*, London e New York, Routledge.
- Bianchi, Cesare, (1991), *Porta Palazzo e il Balon. Storia e Mito*, Torino, Il Punto.
- Boggs, James P., (2004), "The Culture Concept as Theory, in Context", *Current Anthropology*, 45 (2), pp.187-209.
- Brettell, Caroline B., (1993) (Ed.), *When They Read What We Write: The Politics of Ethnography*, Westport, Connecticut, Greenwood.
- Bullaro, Grace Rosso, (2010) (org.), *From Terrone to Extracomunitario, New Manifestations of Racism in Italian Cinema. Shifting demographics and Changing Images in a Multi-Cultural Globalized Society*, Leicester, Troubador Publishing Ltd.
- Burns, Peter M., (1999), *An Introduction to Tourism and Anthropology*, London, New York,

Routledge.

- Butler, R. W., (1999), "Sustainable tourism: a state-of-the-art review", *Tourism Geographies*, 1(1), pp. 7-25. (online 18 de Abril de 2011). Disponível em <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14616689908721291>
- Cardeira da Silva, Maria, (2004) (org.), *Outros Trópicos, novos destinos turísticos. Novos terrenos da antropologia*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Cicsene, (1997), *Un Mercato e i suoi rioni. Studi sull'area di Porta Palazzo – Torino*, Torino, Cicsene.
- Clarke, Jackie, (1997), "A Framework of Approaches to Sustainable Tourism", *Journal of Sustainable Tourism*, 5(3), pp.224-233.
- Cole, Stroma, (2006), "Information and Empowerment: The Keys to Achieving Sustainable Tourism", *Journal of Sustainable Tourism*, 14(6), pp.629-644.
- Cordeiro, Graça Índias e António Firmino da Costa, (2003) (orgs.), *Etnografia Urbanas*, Oeiras, Celta Editora.
- Craith, Máiréd Nic, (2004), "Culture and Citizenship in Europe. Questions for Anthropologists", *Social Anthropology*, 12(3), pp.289-300.
- Culicchia, Giuseppe, (2005), *Torino è casa mia*, Roma, Bari, Editori Laterza.
- Descola, Paul, (2005), "On Anthropological Knowledge", *Social Anthropology*, 13(1), pp.65-73.
- Devereux, George, (1967), *From anxiety to method in the behavioral sciences*, Mouton, The Hague.
- Edelman, Marc e Angelique Haugerud, (2005) (orgs.), *The anthropology of development and globalization: from classical political economy to contemporary neoliberalism*, Malden, Blackwell Publishing.
- Fisher, William F., (1997), "Doing Good? The Politics and Anti-politics of NGO Practices", *Annual Review of Anthropology*, 26, pp.439-464.
- Goodale, Mark, (2006), "Towards a Critical Anthropology of Human Rights", *Current Anthropology*, 47:3, pp.485-498.
- Grillo, Ralph, (1985), (org.), *Social Anthropology and Development Policy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Gupta, Akhil James Ferguson, (1997) (orgs.), *Culture, Power, Place, Explorations in Critical Anthropology*, Duke University Press.

- Hobart, Mark, (1993) (org.), *An Anthropological Critique of Development. The Growth of Ignorance*, London, Routledge.
- Hughes, George, (1995), "The Cultural Construction of Sustainable Tourism", *Tourism Management*, 16(1), pp. 49-59.
- Lévi-Strass, Claude, (1952), *Raça e História*, Barcarena, Editorial Presença, 7ª edição, (2003).
- Lewis, David e David Mosse, (2006), (orgs.), *Development Brokers and Translators, The Ethnography of Aid and Agencies*, Bloomfield, Kumarian Press Inc.
- Maher, Vanessa, (1996), "Immigration and Social Identities", em Forgacs, David e Robert Lumley, (1996) (orgs.), *Italian Cultural Studies*, Oxford, Oxford University Press.
- Maher, Vanessa, (2005), "Immigrazione e tessuto urbano in due città italiane", *DiPAV*, 14, pp.117-136.
- Marcus, George. (1995), "Ethnography in/of the World System: the emergence of the Multi-Sited Ethnography" *Annual Review of Anthropology*, 24, pp. 95-117.
- O' Reilly, Karen, (2005), *Ethnographic Methods*, London, New York, Routledge.
- Puglese, Enrico, (2002), *L'Italia tra migrazioni internazionali e migrazioni interne*, Bologna, Il Mulino.
- Rojek, Chris e John Urry, (1997) (orgs.), *Touring Cultures*, London, Routledge.
- Sasaki, Elisa Massae, (2000), *Dekasseguis: Trabalhadores Migrantes Nipo-Brasileiros no Japão*, Campinas, UNICAMP, Núcleo de Estudos de População.
- Semi, Giovanni, (2007), *Multiculturalismo quotidiano: le pratiche della differenza*, Milano, F. Angeli.
- Sharpley, Richard, (2000), "Tourism and Sustainable Development: Exploring the Theoretical Divide", *Journal of Sustainable Tourism*, 8(1), pp.1-19.
- Simon, Patrick, (1995), "La société partagée. Relations interethniques et interclasses dans un quartier en rénovation. Belleville, Paris XXe", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 98, pp.161-190.
- Smith, Valene, (1978) (org.), *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*, Oxford, Blackwell.
- Smith, Valene e Maryann Brent, (2001), (orgs.), *Hosts and Guests Revisited: Tourism Issues of the 21<sup>st</sup> Century*, New York, Sydney, Tokyo, Cognizant Communication Corporation.
- Stronza, Amanda, (2001), " Anthropology of Tourism: Forging New Ground for Ecotourism



- and Other Alternatives", *Annual Review of Anthropology*, 30, pp. 261-83.
- Teo, Peggy, (2002), "Striking a Balance for Sustainable Tourism: Implications of the Discourse on Globalisation", *Journal of Sustainable Tourism*, 10(6), pp. 459-474.
- Urry, John, (1995), *Consuming Places*, London, Routledge.
- Turner, Terence, (1993), "Anthropology and Multiculturalism: What is Anthropology That Multiculturalists Should Be Mindful of It?", *Cultural Anthropology*, 8(4), pp. 411-429.
- Vale de Almeida, Miguel, (2004), *Outros Destinos, ensaios de antropologia e cidadania*, Porto, Campo das Letras.
- Vale de Almeida, Miguel, (2009), "Ser *mas* não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico", Working Paper *CRIA1*, Lisboa.
- Vietti, Francesco, (2008) (org.), *Torino è casa nostra, viaggio nella città migrante*, Napoli, Michele Di Salvo Editore, Mangrovie.

### **Fontes consultadas**

- Ambrozini, M. e Castagnone, E., (2009), "Il Multiculturalismo a tavola. Una ricerca sull'empreditoria degli immigranti nella filiera alimentari", em *Dispensa: Migranti e consumi: un'analisi del punto di vista dell'offerta*. 26 de Abril de 2010.
- Arnaudo, Roberto, (2010), "Storia del Borgo di San Salvario e progetti dell'Agencia di sviluppo locale di San Salvario", em *Dispensa: Guida al borgo di San Salvario – Volume Primo*. 29 de Março de 2010.
- Balocco, Piergiorgio, (2010), "La storia di Porta Palazzo e dei suoi mercati", em *Dispensa: Borgo Dora*, capítulo de: Piergiorgio Balocco, (2009), *Borgo Dora, Balon, Valdocco, storia, mito ed immagini di un operoso quartiere*. Graphot Editrice. 22 de Março de 2010.
- Caramia, Ilaria, (2010), "Coltivare la Tradizione: la valorizzazione delle colture locali "dimenticate" in Equador, Marocco e Senegal", em *Dispensa: Agrobiodiversità: Cultura e sviluppo locale*. 3 de Maio de 2010.
- Castagnone, Eleonora, 2010. "Le filiere della gastronomia e dell'empreditoria a Porta Palazzo", em *Dispensa: Migranti e consumi: un'analisi del punto di vista dell'offerta*. 26 de Abril de 2010.
- Peradotto, F. e Abdaoui, Y., (2010), "Il mestiere della guida turistica: abilità, competenze,

strategie”, em *Dispensa: 19 aprile 2010*.

Posa, Barbara, (2010), “Porta Palazzo tra presente e futuro: i progetti di valorizzazione e qualificazione del quartiere”, em *Dispensa: The Gate: storia e progetti dell'Agenzia di sviluppo locale di Porta Palazzo*. 12 de Abril de 2010.

Semi, Giovanni, (2010), “Il quartiere che (si) distingue. Un caso di gentrification a Torino” e “Il ritorno dell'economia da bazar. Attività commerciali marocchine a Porta Palazzo, Torino”, em *Dispensa: 3 maggio, 2010*.

Vietti, F. (2010), Introduzione al progetto e ai contenutti delle passeggiate interculturali. *Dispensa: Porta Palazzo: esplorando il mercato del mondo*. 15 de Março de 2010.

### **Referências dos Anexos:**

Cooperazione Italiana, 12, Dezembro de 2010, "Con le 'guide migranti' della cooperativa Viaggi Solidali di Torino, un giro del mondo a 'chilometro zero'" disponível em [http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041\\_Rassegna\\_stamp\\_a\\_coopitaliana\\_122010.pdf](http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041_Rassegna_stamp_a_coopitaliana_122010.pdf), consultado em 25 de Setembro de 2010.

Famiglia Cristiana, 14/03/10, "Vieni a Torino, c'è il mondo", disponível em [http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041\\_Rassegna\\_stamp\\_a\\_famigliacristiana\\_14032010.pdf](http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041_Rassegna_stamp_a_famigliacristiana_14032010.pdf), consultado em 17 de Outubro de 2011.

Il Cannocchiale, 10/03/10, "Torino: guide migranti per visitare i quartieri multietnici della città", disponível em <http://www.viaggisolidali.it/DocsImgs/docs/>, consultado em 23 de Outubro de 2011.

Konrad, Dezembro, 2010, "Porta Palazzo, turismo responsabile della Torino dell'immigrazione e della multiculturalità" em [http://www.viaggisolidali.it/DocsImgs/docs/konrad\\_10\\_2009.pdf](http://www.viaggisolidali.it/DocsImgs/docs/konrad_10_2009.pdf), consultado em 21 de Outubro de 2011.

La Repubblica, Torino, 9/06/10, Cronaca Metropoli Torino, "i 'ciceroni' delle cento culture", disponível em <http://www.viaggisolidali.it/DocsImgs/docs/stampa023.pdf>, consultado em 25 de Outubro de 2011.

La Stampa, Torino, 04/03/10, "Torino/il giro del mondo in città", disponível em

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

<http://www.viaggisolidali.it/DocsImgs/docs/>, consultado em 25 de Outubro de 2011.

La Stampa, Torino, 14/03/10, "Le 'guide migranti' per la città multiétnica", disponível em [http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041\\_Rassegna\\_stamp\\_a\\_lastampa\\_14032010.pdf](http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041_Rassegna_stamp_a_lastampa_14032010.pdf), consultado em 23 de Outubro de 2011.

La Stampa, Torino, 31/03/10, "Passeggiate contro i pregiudizi", disponível em <http://www.viaggisolidali.it/DocsImgs/docs/>, consultado em 25 de Outubro de 2011.

La Stampa, Torino, 29/04/10, "Porta Pila e San Salvario per capire la multiétnicità Porta Palazzo alla scoperta del turismo responsabile", disponível em <http://archivio.lastampa.it/LaStampaArchivio/main/History/tmpl>, consultado em 25 de Outubro de 2011.

La Stampa, 10/02/11, "San Salvario, dieci guide migranti fanno scoprire il borgo", disponível em [http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041\\_Rassegna\\_stamp\\_a\\_coopitaliana\\_122010.pdf](http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041_Rassegna_stamp_a_coopitaliana_122010.pdf), consultado em 23 de Outubro de 2011.

NewsFood, 01/06/10, "Viaggi Solidali al Food Market Festival di Torino, la sfida è il giro del mondo con le guide Migranti di Viaggi Solidali", disponível em <http://www.newsfood.com/q/63bfd8/i/>, consultado em 25 de Outubro de 2011.

PARALELLI, Istituto Euromediterraneo del Nord Ovest, (2010), "Antenna. L'informazione interculturale in Piemonte è a 'macchia di leopardo'", Comunicado de Imprensa, Convénio Circolo dei Lettori, 12 de Março de 2010, disponível em [http://www.paralleli.org/allegati/progetti/area\\_4/Antenna%20rapporto%20finale.pdf](http://www.paralleli.org/allegati/progetti/area_4/Antenna%20rapporto%20finale.pdf), consultado em 7 de setembro de 2011.

Qui Turing, 01/09/2010, "Le facce di Porta Palazzo", disponível em [http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041\\_Rassegna\\_stamp\\_a\\_quitouring\\_01092010.pdf](http://www.agrobiodiversita.it/attachments/041_Rassegna_stamp_a_quitouring_01092010.pdf), consultado em 14 de Outubro de 2011.

*A Volta ao Mundo numa Praça: turismo cultural como estratégia de integração (i)migrante*

**ANEXOS**





## PERCORSO GUIDE MIGRANTI

*"Corso di formazione: passeggiate e tour con i migranti torinesi".*

*Migranti provenienti dalla diaspora presente nella città di Torino protagonisti nella creazione di itinerari di turismo responsabile nella città di Torino con particolare riferimento ai quartieri di Porta Palazzo e San Salvario.*

### LE ORIGINI DEL PERCORSO

**Viaggi Solidali**, cooperativa sociale che da 10 anni lavora come tour operator di turismo responsabile in Italia e nel Mondo, nell'ambito della sua operatività ha sviluppato importanti collaborazioni con associazioni di migranti, ong ed istituzioni locali impegnate sui temi dell'intercultura.

Le **migrazioni internazionali** si configurano sempre più come fenomeni caratterizzati da aspetti transnazionali che creano forti legami tra i diversi territori che coinvolgono i percorsi e gli spazi della migrazione.

Il settore del **turismo** è un ambito in cui entrano in gioco gli equilibri nord-sud e che offre la possibilità di attivare scambi tra territori e veicolare risorse positive in grado di agire sullo sviluppo locale. Il turismo sostenibile quindi appare come ambito interessante per la **valorizzazione del potenziale transnazionale dei migranti**. I migranti infatti sono proprietari delle chiavi di lettura di contesti diversi e distanti, diventando cittadini di due territori. Essi sono quindi sempre più in grado di mettere in comunicazione territori locali, attraverso scambio di beni, competenze e reti di cui sono portatori.

Il progetto considera il turismo responsabile un ambito privilegiato per la valorizzazione del capitale umano e sociale dei migranti al fine di produrre **ricadute significative sia nel paese di origine che nel territorio di residenza dei migranti**.

Si prevede quindi il coinvolgimento delle comunità di migranti presenti sul territorio torinese come risorsa attiva nel settore turistico; la sfida quindi è considerare i **migranti come attori chiave nello sviluppo del turismo responsabile a partire dalla loro capacità di essere ponte tra due territori e due culture**.

Si tratta di un **intervento pilota** la cui natura innovativa ed esplorativa dovrebbe costituire un volano per una sempre maggiore valorizzazione dei migranti nella società dei paesi di provenienza e di accoglienza, nell'ottica di considerare sempre più l'immigrazione come una risorsa per lo sviluppo e l'integrazione e non un vincolo.

### CONTESTO TERRITORIALE: i due quartieri simbolo dell'intercultura a Torino

#### **La Porta del Palazzo: alla scoperta del mercato del mondo**

L'antica Porta Palatina, testimone di tanti secoli passati, veglia oggi sui banchi di uno dei mercati più straordinari d'Europa. Porta Palazzo, Porta Pila, Bab al-Kassar, Adjamé marché e chissà quanti altri nomi nelle molteplici lingue del mondo possiede questa piazza. Lingue che oggi risuonano, nelle strade e nelle case dei quartieri circostanti, scritte sui muri e sulle insegne dei negozi, parlate dai tanti migranti che hanno scelto Porta Palazzo come casa o luogo di lavoro. Così come prima di loro avevano fatto altri migranti, arrivati sui treni dal Meridione d'Italia alla ricerca di fortuna e di un posto in fabbrica. E prima ancora i contadini delle campagne e delle valli piemontesi, quegli stessi contadini che ancor oggi vendono sotto la loro famosa tettoia i prodotti dei campi e dei pascoli. Fianco a fianco con i coltivatori cinesi di cavoli e melanzane bitorzolute, con i giovani venditori di menta e le donne marocchine con le loro grandi borse ricolme di pane e *mssemen* appena sfornato, con i macellai e formaggiai romeni che affettano *parizer* e *caçkaval*, con i pescatori siciliani che urlano *pesce, pesce fresco bella ragazza*, in un intreccio di sapori e profumi che stordisce, in un incontro di storie di vita e migrazione che fa pensare.

---

#### **Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/0000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



Il tutto sotto lo sguardo di chiese e moschee, di associazioni e centri d'incontro, di ristoranti e negozi affacciati sulla piazza, finestre e porte aperte su un mondo in continuo mutamento.

Passeggiare oggi a Porta Palazzo significa compiere un viaggio nello spazio e nel tempo, vivere un'esperienza di multiculturalismo quotidiano che può avvicinare e far comprendere meglio le dinamiche dell'integrazione e della globalizzazione che segnano il nostro mondo. Cibi, religioni e tutto quel complesso di saperi, abitudini e pratiche che chiamiamo *cultura* hanno in Porta Palazzo un luogo privilegiato di incontro e scambio che rende questa zona della città un vero laboratorio all'aria aperta di intercultura.

Sebbene le cronache cittadine e i pregiudizi di molti torinesi dipingano il rione come insicuro e degradato, Porta Palazzo con il suo mercato e il complesso di vie e palazzi che circondano la piazza si presenta come un luogo ideale per un *turismo responsabile* e attento alle tematiche culturali e sociali.

Passeggiare a Porta Palazzo significa unire alla visita dei luoghi un'ampia possibilità di incontro con persone e protagonisti della vita sociale e culturale dei quartieri visitati: negozianti, artigiani, artisti, personalità religiose, attivisti in campo associativo e mediatori culturali saranno le vere guide delle passeggiate con le loro spiegazioni e i loro racconti di vita.

Così si intende fare con questo progetto, nello svolgersi di un itinerario che condurrà alla scoperta della storia ottocentesca e novecentesca del quartiere, dell'attuale realtà del mercato, dei luoghi di culto e di aggregazione legati alla presenza dei migranti, delle associazioni e dei centri culturali operanti sul territorio. Insomma di tutto quel variegato e affascinante mondo che sta oltre la soglia della Porta del Palazzo.

### **Lo Spirito di San Salvario – alla scoperta del quartiere dell'intercultura e della scienza**

Lontane dai clamori della cronaca cittadina che nel decennio scorso le dipingeva come insicure e impraticabili, le vie di San Salvario sono oggi silenziose e tranquille. Fedele alla sua vocazione di quartiere universitario che fin dal Settecento lo ha reso famoso come sede della facoltà mediche, chimiche e botaniche, oggi San Salvario è di nuovo protagonista di un grande esperimento. Un esperimento che questa volta non è scientifico, ma sociale, e che si chiama *integrazione*.

San Salvario è oggi il quartiere più interculturale di Torino, più di Porta Palazzo se con intercultura non intendiamo la semplice compresenza di più culture su un territorio, ma la loro interazione quotidiana, il tentativo di costruire insieme nuove forme di società.

Il tempo degli arrivi in massa dei migranti in questo quartiere è finito. Ora si tratta di famiglie, di figli che si ricongiungono, di attività economiche che aprono.

Basta gettare un occhio ai campanelli dei palazzi, osservare i gruppi di bambini che vanno a scuola. Qui crescono le seconde generazioni della migrazione, i figli dei migranti, nati in Italia, che parlano meglio l'italiano della lingua dei loro genitori. Forse per questo nel quartiere fioriscono le associazioni culturali e i luoghi di aggregazione giovanile, come l'*Asai*, l'associazione di animazione interculturale che da un decennio lavora per costruire tessuto sociale ed opportunità educative. E non solo, anche gli oratori e i luoghi di incontro legati alle istituzioni religiose non mancano. C'è il Tempio Valdese, con il suo impegno a favore dei rifugiati politici. La Chiesa Filippina, con un vivacissimo calendario di attività per i giovani. La parrocchia cattolica di Don Piero Gallo, il sacerdote-scrittore che ha fatto dell'intercultura la parola chiave della sua missione. E poi la Sinagoga, il punto di riferimento della comunità ebraica piemontese, con la vicina scuola israelitica. Non si può davvero dire che non si viva una spiritualità *interreligiosa* nel quartiere.

Passeggiare oggi a San Salvario significa passare rapidamente dal via vai della stazione di Porta Nuova, approdo dei migranti di ieri e di oggi, ai profumi dell'unica gastronomia *kosher* di Torino approvata direttamente dal rabbino, alle mille curiosità dei musei scientifici dell'area del Valentino. Proprio accanto ai giardini che ospitarono le grandi Esposizioni Universali di inizio Novecento che fecero scoprire ai torinesi il gusto dell'esotico sorge oggi il Museo dell'Uomo. Realizzato sul modello dell'omonimo museo antropologico parigino, questo straordinario museo universitario racchiude le scoperte e il cammino di due secoli di scienze umane a Torino. Poco lontano gli alberi secolari dell'Orto Botanico completano magnificamente il quadro.

---

#### **Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/00000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010





## OBIETTIVI

### Obiettivo generale

Contribuire al miglioramento delle condizioni socio-economiche delle comunità provenienti dalla diaspora di questi paesi particolarmente presenti nella Città di Torino : area Maghreb (specialmente Marocco), area sub-sahariana (specialmente Senegal), area andina (specialmente Perù), area Europa orientale (specialmente Romania), area asiatica (specialmente Cina).

### Obiettivo specifico

Progettazione e creazione di itinerari di turismo sostenibile nella città di Torino e formazione di una rete di collaboratori della diaspora per l'accompagnamento e la realizzazione delle "passeggiate migrande a Torino".

## BENEFICIARI

### Beneficiari diretti

- 10 giovani delle aree geografiche interessate e residenti nella Provincia di Torino formati come mediatori culturali in turismo responsabile su itinerari locali nella città di Torino
- 20 commercianti ed artigiani dei quartieri di Porta Palazzo che verranno sensibilizzate sul tema del turismo responsabile e coinvolti come testimoni interpretativi durante le "passeggiate migrande"

### Beneficiari indiretti

- Le comunità della diaspora torinese provenienti dalle aree geografiche interessate dal progetto avranno migliorate le proprie condizioni grazie ad una visibilità maggiore e la propria percezione di sé come soggetto attivo e credibile nel contesto della società di origine e di quella di residenza
- Target differenti di turisti (ad es. scuole, cral, gruppi tematici, ecc.) avranno un'offerta diversificata e arricchita dal contributo innovativo dei migranti portatori di un sapere importante sulla propria regione di origine.
- La comunità locale torinese e le istituzioni in senso lato beneficeranno di una maggior integrazione fra residenti in aree a particolare sviluppo interculturale come Porta Palazzo e San Salvario.

## STRATEGIA DI INTERVENTO

Il coordinamento generale del percorso è a cura di Francesco Vietti, antropologo torinese che da anni lavora sui temi dell'intercultura. Insegnante di italiano nei corsi di lingua per migranti organizzati dal Centro Interculturale di Torino, ha contatti con numerosi giovani provenienti dalle aree geografiche coinvolte nel progetto, interessati ad un coinvolgimento diretto in azioni di turismo responsabile sul territorio torinese. La conoscenza della lingua italiana è una precondizione fondamentale per il ruolo che essi dovranno svolgere nell'ambito del progetto.

Il percorso, da un punto di vista della strategia di intervento, prevede quattro componenti tra loro complementari:

- ✧ *Creazione di una rete di collaboratori della diaspora per l'accompagnamento e la realizzazione delle "passeggiate migrande a Torino"*
- ✧ *Realizzazione di una ricerca socio- antropologica che delinei i cambiamenti intervenuti nell'area di Porta Palazzo attraverso i vari flussi migratori e la presenza consuetudinaria di alimenti e prodotti provenienti dalle aree di origine della diaspora torinese.*
- ✧ *Sviluppo di itinerari turistici anche in base all'analisi delle potenzialità emersa durante la FASE 2 di ricerca sul campo*
- ✧ *Produzione di materiale promozionale sugli "ingredienti" caratterizzanti le passeggiate migrande e diffusione sul territorio*

---

### Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/00000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



## **PRIMA COMPONENTE: Creazione di una rete di collaboratori della diaspora per l'accompagnamento e la realizzazione delle "passeggiate migrande a Torino"**

### **Attività previste**

Programma formativo:

Ciclo di 6 incontri mirante a fornire ai partecipanti una visione introduttiva sulle 5 aree principali di attività previste per la realizzazione e l'accompagnamento delle passeggiate migranti:

- inquadramento generale dal punto di vista socio-antropologico dell'area di incidenza presa in considerazione
- caratteristiche del rapporto locale/turista in un'ottica antropologica di scambio interculturale fra popolazione indigena e migranti della diaspora: l'inversione del rapporto di forza nel melting-pot delle metropoli italiane
- l'accompagnamento turistico: un mestiere con regole precise da adattare alla specificità del turismo responsabile; gestione del gruppo, mediazione con il territorio
- l'accompagnamento turistico: un mestiere con regole precise da adattare alla specificità del turismo responsabile; l'esperienza di un migrante guida professionista
- l'agrobiodiversità come fil rouge di costruzione degli itinerari turistici delle passeggiate migranti con specifico riferimento alle contaminazioni fra prodotti di culture lontane e le tradizioni territoriali di cultura gastronomica
- individuazione filiera dei prodotti di origine reperibili localmente (sull'area mercatale o commerciale con maggiore presenza di rappresentanti della diaspora); presentazione di studi e ricerche sul campo

**Periodo di realizzazione:** gennaio/febbraio 2010

**Descrizione attività:** 24 ore di insegnamento in aula

**Costi :** 3.300 euro

## **SECONDA COMPONENTE: Realizzazione di una ricerca socio-antropologica che delinei i cambiamenti intervenuti nell'area di Porta Palazzo attraverso i vari flussi migratori e la presenza consuetudinaria di alimenti e prodotti provenienti dalle aree di origine della diaspora torinese.**

### **Attività previste**

- Raccolta dati storici e censimento prodotti significativi dell'agrobiodiversità delle aree interessate dal progetto presenti nei quartieri di Porta Palazzo e San Salvario. Particolare attenzione sarà riservata ai prodotti NUS (neglected an underutilized species) se presenti sull'area mercatale.
- Analisi sul campo (anche con interviste dirette) per ricostruire la filiera dei prodotti individuati (produzione, importazione, distribuzione, vendita).
- Scrittura ed elaborazione dei dati
- Chiavi interpretative di lettura dei dati emersi dalla ricerca ed individuazione dei prodotti test su cui si svilupperanno i progetti turistici.

**Periodo di realizzazione:** febbraio/marzo 2010

**Descrizione attività:** 5 uscite sul campo per la raccolta dei dati; 3 incontri per la scrittura e l'analisi dei dati raccolti; accompagnamento durante gli incontri e tutoraggio (3 persone)

**Costi :** 3.900 euro

## **TERZA COMPONENTE: Sviluppo di itinerari turistici anche in base all'analisi delle potenzialità emersa dalla componente 2 di ricerca sul campo e stage di formazione pratica all'accompagnamento di gruppi turistici**

### **Attività previste**

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/0000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



- Elaborazione di alcune ipotesi di itinerari da proporre a differenti target di turisti (tematici e per categorie di utenza).
- Realizzazione di itinerari test miranti a valorizzazione i prodotti eno-gastronomici del mercato e alla promozione degli aspetti culturali e museali della zona limitrofa.
- Formazione sul campo delle "guide migranti" in appoggio agli accompagnatori di Viaggi Solidali nelle passeggiate migrande con scuole e gruppi precostituiti.

**Periodo di realizzazione:** marzo/aprile 2010

**Descrizione attività:** 4 incontri per la scrittura degli itinerari; 2 uscite per ogni guida migrante in affiancamento alla guida di gruppi turistici di Viaggi Solidali

**Costi :** 2.900 euro

#### **QUARTA COMPONENTE: Produzione di materiale promozionale sugli "ingredienti" caratterizzanti le passeggiate migrande e diffusione sul territorio**

##### **Attività previste**

- Partendo dal prodotto alimentare individuato come testimone di agrobiodiversità nell'area di riferimento (massimo 2 per area), analisi del contesto culturale di provenienza e dell'utilizzo nella cucina tradizionale di origine.
- Realizzazione con tecnologie innovative di materiali promozionali delle passeggiate migrande
- Realizzazione di materiali informativi e promozionali da consegnare durante le passeggiate migrande (schede prodotto)
- Contaminazioni locali con la cucina di tradizione territoriale (torinese e di altre aree geografiche) attraverso il coinvolgimento di commercianti e ristoratori dei quartieri di Porta Palazzo e San Salvario

**Periodo di realizzazione:** maggio/giugno 2010

**Descrizione attività:** 4 incontri per la scrittura degli schede; 2 uscite per la sensibilizzazione di commercianti e ristoratori;

##### **Costi:**

locali, compenso tutor, materiale didattico, segreteria organizzativa: 2.900 euro

Realizzazione di 10 schede prodotto e promozione sui social network e su siti tematici: 4000 euro.

**TEMPISTICA PREVISTA:** gennaio 2009/giugno 2010.

**TOTALE COSTO PROGETTO:** 17.000 euro

---

#### **Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/0000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010





FONDAZIONE  
4 AFRICA  
SENEGAL



**ANEXO B**

## **PERCORSO GUIDE MIGRANTI**

**Sede:** sala riunione dell'Istituto Paralleli, via La Salle 17, Torino

**Periodo:** 15 marzo – 3 maggio 2010, ore 17 – 19

**Modalità:** 7 incontri di 2 ore ciascuno, per un totale di 14 ore di lezione frontale

### **Francesco Vietti**

“Introduzione al progetto  
e ai contenuti delle passeggiate interculturali”

15 marzo 2010

*Dispensa*

**“PORTA PALAZZO: esplorando il mercato del mondo”**

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 – Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/00000065/7 del 12/05/2005 – Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



## Guida Migrante

# PORTA PALAZZO

E s p l o r a n d o   i l   m e r c a t o   d e l   m o n d o

L'antica Porta Palatina, testimone di tanti secoli passati, veglia oggi sui banchi di uno dei mercati più straordinari d'Europa. Porta Palazzo, *Porta Pila*, *Bab al-Kssar*, *Adjamé marché* e chissà quanti altri nomi nelle molteplici lingue del mondo possiede questa piazza. Lingue che oggi risuonano, nelle strade e nelle case dei quartieri circostanti, scritte sui muri e sulle insegne dei negozi, parlate dai tanti migranti che hanno scelto Porta Palazzo come casa o luogo di lavoro. Così come prima di loro avevano fatto altri migranti, arrivati sui treni dal Meridione d'Italia alla ricerca di fortuna e di un posto in fabbrica. E prima ancora i contadini delle campagne e delle valli piemontesi, quegli stessi contadini che ancor oggi vendono sotto la loro famosa tettoia i prodotti dei campi e dei pascoli. Fianco a fianco con i coltivatori cinesi di cavoli e melanzane bitorzolute, con i giovani venditori di menta e le donne marocchine con le loro grandi borse ricolme di pane e *m'semen* appena sfornato, con i macellai e formaggiai romeni che affettano *salam Parizer* e *caşkaval*, con i pescatori siciliani che urlano *pesce, pesce fresco bella ragazza*, in un intreccio di sapori e profumi che stordisce, in un incontro di storie di vita e migrazione che arricchisce da sempre il quartiere e la città intera.

Il tutto sotto lo sguardo di chiese e moschee, di associazioni e centri d'incontro, di ristoranti e negozi affacciati sulla piazza, finestre e porte aperte su un mondo in continuo mutamento.

*"E intanto per la piazza era un viavai continuo di carrette piene d'ogni ben di Dio, e un formicolaio, una confusione, un pigia pigia di serve, di cuochi, di guatterri, di contadini, di buone massaie, di rivenditori ambulanti, di ciarlatani, di cantastorie, di burattinai e di monelli di nove o dieci anni che vendevano lunari, campanellini per le chiavi, fiammiferi di cera e di legno, orecchini di stagno che pareva argento. Nel mercato del Pallone si vende tutto quanto mente umanapuò immaginare di più sciupato, di più inutile, di più spregevole e di più rifinito".*

*Carlo Lorenzini detto "Collodi", Viaggio per l'Italia di Giannettino*

## L'atlante di Porta Palazzo

Con i suoi 51 mila metri quadri di superficie, mille operatori ambulanti e 100 mila visitatori alla settimana Porta Palazzo è un mondo, una terra di confine, centrale e

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/0000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



popolare allo stesso tempo. Da un lato della piazza l'elegante via Milano conduce in pochi passi al Municipio e alla raffinata via Garibaldi. Dall'altro lato corso Giulio Cesare porta in qualche centinaio di metri nel cuore di Barriera di Milano, quartiere operaio per eccellenza, quasi già periferia.

A due passi da Porta Palazzo ci sono il Duomo di Torino e le strette vie del Quadrilatero Romano con i loro locali *radical-shick*, ma anche il ctp Parini, il più grande centro per l'insegnamento dell'italiano a stranieri della città e la scuola media Croce-Morelli, dove gli allievi figli di immigrati hanno superato la soglia del 75 per cento del totale degli alunni iscritti.

Come tutti i luoghi di confine Porta Palazzo è attraversata oggi da tensioni, spesso molto più positive e creative di quanto i mass-media e l'opinione pubblica tendano a descrivere. Certamente ci sono problemi sociali rilevanti legati alla disoccupazione, alle politiche abitative, alla sicurezza del territorio. Gli alpini e i poliziotti stretti a capannello in alcuni punti della piazza sono lì a ricordarcelo, luoghi come la **Casa dei Cittadini [1]** (*piazza della Repubblica 4, merc. 15-18, secondo e quarto sab. del mese 15-18*) cercano di risolvere dal basso i problemi, senza clamore, ponendo le basi di una convivenza possibile, a partire dai vicini di casa. Come dimostrano i campanelli delle case del quartiere, oggi si sente sempre più forte l'esigenza di un'intercultura "da pianerottolo", che esca dalle aule universitarie per farsi cultura popolare, in grado di regolare e superare gli inevitabili conflitti che sorgono nelle metropoli multiculturali come Torino.

Porta Palazzo, oggi ribattezzata nelle molteplici lingue che risuonano nella piazza, deve il suo nome ad una delle porte della città, l'antica **Porta Palatina [2]**, così denominata per la sua vicinanza al *palatium* ove si amministrava la città. Dopo essere stata trasformata addirittura in un tetro carcere femminile nell'Ottocento, oggi la Porta Palatina ha ritrovato maestosità e bellezza grazie alla riqualificazione della circostante zona monumentale. I resti delle mura romane rimangono ancora in certi tratti a testimonianza dei lunghi secoli in cui la città si estendeva solo al loro interno, e tutta l'attuale zona di Porta Palazzo e del Balôn era a quel tempo una zona campestre, costellata di cascine, orti, mulini e qualche primitiva industria.

Il disegno di piazza della Repubblica lo si deve principalmente all'ingegner Lombardi, il cui progetto fu approvato nel 1817 e completato nei decenni seguenti con l'edificazione di mercati coperti nei vari settori della piazza ottagonale intitolata sino alla seconda guerra mondiale ad Emanuele Filiberto e dal 1948 alla Repubblica. I due mercati in muratura sono sopravvissuti sino ad oggi, così come la tettoia in ferro e metallo conosciuta come "mercato dell'orologio": il quarto settore della piazza è stato occupato a partire dalle Olimpiadi invernali delle 2006 dal discusso **PalaFuksas [3]**.

Nel corso dell'800 si susseguirono numerosi interventi per abbellire e connotare artisticamente la piazza. Si pensò di porre monumenti equestri o zampillanti fontane nel centro della piazza, ma Porta Palazzo assunse ben presto una spiccata vocazione commerciale, che mal s'accompagnava a velleità architettoniche e orpelli ornamentali: la prima linea di trasporto pubblico torinese, costituita all'epoca da



carrozze trainate da cavalli, fu creata proprio per collegare Porta Palazzo con la stazione di Porta Nuova. Col passare degli anni le carrozze sono state sostituite dai tramvai elettrici e ancor oggi la linea del tram 4 attraversa la piazza con le sue rotaie.

I mercati alimentari si stabilirono a Porta Palazzo precisamente il 29 agosto 1835, in seguito di un Manifesto Vicariale che proibì, a causa del dilagare del colera, la vendita sulle altre piazze cittadine. Per la conservazione delle merci venivano utilizzate le Regie ghiacciaie, grandi locali sotterranei a forma elicoidale, degradanti verso il basso, che permettevano ai carri di scendere e depositare le merci fra il ghiaccio trasportato con slitte dai nevai della Val di Susa.

Cosa resta oggi di quell'epoca lontana? Vecchie valigie di cuoio e mappamondi scoloriti sono in vendita negli antiquari del Balôn. Se potessero parlare racconterebbero storie di viaggi e di migrazioni, di esplorazioni e di ritorni a casa. E di sogni. Le speranze e le memorie di generazioni di migranti sono racchiuse in questi oggetti. Sfogliare il libro della storia di Porta Palazzo è come sfogliare un atlante d'Italia e del mondo.

All'inizio del '900 la popolazione di Torino era di appena trecentomila abitanti. Nei trent'anni seguenti un numero altrettanto grande di persone giunsero in città, attratte dall'urbanizzazione e dalla speranza di un lavoro in fabbrica o nelle case dei ricchi. Erano piemontesi, contadini delle campagne e pastori delle valli e delle montagne, e nel 1935 la popolazione cittadina era salita a seicentomila anime. Poi vennero la guerra, i bombardamenti, la fame, la paura. Quando l'inferno di placò, il flusso di persone in marcia verso Torino riprese. Prima un rivolo, un torrente, poi un fiume, in piena. Erano gli immigrati dal Meridione d'Italia, dalle Isole, e dal Veneto che tra gli anni '50 e gli anni '70 diventarono torinesi, facendo raggiungere e superare alla città l'impensabile soglia del milione d'abitanti. Alcuni di loro col passare degli anni sono ripartiti, moltissimi hanno deciso di rimanere e qui hanno cresciuto i loro figli, e i figli dei loro figli.

Negli anni Ottanta e negli anni Novanta la crisi del settore industriale e l'irresistibile attrazione di una casa nella prima cintura o nella provincia lontana dallo smog e dal traffico, parevano sancire un rapido declino della popolazione cittadine. Quand'ecco che nuovi migranti, questa volta di paesi lontani, arrivarono ancora una volta a salvare la città. Albanesi, marocchini, senegalesi, cinesi, filippini, romeni, bengalesi, peruviani, nigeriani, moldavi, brasiliani, indiani, pakistani, tunisini, somali, ucraini e uomini e donne di un'altra cinquantina di paesi vennero a vivere e lavorare nel grande mercato del mondo, con le loro lingue, le loro storie, i loro problemi, le loro culture. Porta Palazzo è stata in questo ultimno decennio al centro dell'attenzione dei media e dei ricercatori di scienze sociali e antropologiche. Agli articoli di cronaca cittadina, fanno da contrappunti i numerosi saggi e libri nati da ricerche sul campo svolte tra i banchi del mercato e le case del quartiere, tra i quali vanno ricordati almeno gli articoli di Giovanni Semi (dedicati alla cosiddetta "economia di bazar" che lega Porta Palazzo ai paesi del mediterraneo per mezzo dei migranti transnazionali), le pubblicazioni in lingua inglese di Rachel Black, sfortunatamente





ancora inedite in Italia, nonché il lavoro seminale del giornalista Vittorio Castellani, che da almeno un decennio si è fatto promotore e divulgatore della ricchezza gastronomica della piazza. Il mercato e le attività commerciali dei migranti sono stati inoltre valorizzati dal progetto “The Gate”, da istituti come FIERI e Paralleli e dalla Conservatoria delle Cucine del Mediterraneo, che ogni anno organizza a Porta Palazzo il **Food Market Festival**.

Se oggi raccogliessimo tutta la popolazione della città in una piazza, e chiedessimo a tutti coloro che sono nati a Torino di alzare la mano, vedremmo meno della metà delle mani alzarsi verso il cielo. Solo il quaranta per cento dei torinesi è nato in città. Ma se chiedessimo di alzare la mano solo a coloro che hanno i genitori nati a Torino, allora vedremmo davvero pochi fregiarsi del titolo di torinesi-torinesi. Circa il dieci per cento. Sì, perché il 30 per cento degli abitanti della città ha genitori nati nel sud Italia, il 20 nel resto del Piemonte, il 10 nelle isole, il 20 nelle altre regioni d'Italia. L'ultimo dieci per cento, quello costituito dai “nuovi torinesi”, è figlio di genitori nati in un paese straniero. Il futuro dell'Italia a Porta Palazzo è già cominciato, non resta che andarlo a scoprire.

---

*“Porta Palazzo ha un'anima orientale. La respiri nell'aria. La vedi nelle facce che incontri, nelle contrattazioni infinite al mercato, negli esercizi commerciali, nelle strade. Tra queste vie si respira aria cosmopolita, in un melodioso e sprezzante crocevia di culture. Hai sempre la sensazione di percorrere un viaggio, ma sei nella tua città, a quattro passi da casa”.*

*Fiorenzo Oliva, Il mondo in una piazza*

---

## Cirio in moschea

“Proseguendo di là per il corso San Massimo s'arriva alla grande piazza ottagonale di Emanuele Filiberto. Ma per vederla in tutta la sua bellezza bisogna capitarvi una mattina di sabato d'inverno, in pieno mercato. Uno Zola torinese potrebbe mettere lì la scena di un romanzo intitolato *Il ventre di Torino*”.

Così scriveva di Porta Palazzo Edomondo De Amicis, e così appare vero ancora oggi a chi si affaccia su Piazza della Repubblica nei giorni di mercato.

Anche il nostro viaggio a Porta Palazzo comincia un sabato mattina, proprio di fronte alla stele che ricorda un illustre contemporaneo di De Amicis. Negli stessi anni in cui l'autore del libro “Cuore” veniva a comprare al mercato di Porta Pila, l'intraprendente **Francesco Cirio** rivoluzionava per sempre la storia dell'alimentazione inventando le prime tecniche di conservazione e inscatolamento di frutta e verdura.

Nato a Nizza Monferrato nel 1836, Cirio si trasferì a Torino ancora adolescente, nel 1850, cominciando con lo scaricare le casse di verdura al mercato di Porta Palazzo e avviando poi un piccolo commercio di ortaggi. Ma è in una stanza presa in affitto in via Borgo Dora 32 che Francesco ebbe l'idea che cambiò la sua vita: grazie a due

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/00000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



caldaie da bucato e a tanta intraprendenza fu proprio qui che condusse gli esperimenti per la conservazione in scatola dei piselli che giunsero a pieno successo nel 1875. Nel giro di pochi anni la dimensione e la fama dell'industria Cirio superò i confini di Torino, affermandosi principalmente nell'Italia meridionale dove vennero impiantate numerose fabbriche. I prodotti Cirio furono presto esportati in tutta Europa, ma la fortuna del "Re 'd Pòrta Palass" non fu duratura: una serie di operazioni commerciali e finanziarie avventate ridussero Cirio in povertà e la morte lo colse a Roma nel 1900. Tuttavia le sue industrie gli sopravvissero e oggi Porta Palazzo lo ricorda con un bel **monumento** [4] in Piazza della Repubblica 24. Recita l'epigrafe: "Con fede iniziatrice, con ardimentosa energia, fra glorie e dolori suscitò vittoriose fortune per gli agricoltori italiani insegnando nuovi commerci, nuove vie, nuovi mercati".

Il busto baffuto del "re" Cirio ha visto cambiare profondamente nel corso degli anni il suo regno e oggi osserva forse con curiosità le donne marocchine che proprio sotto la sua stele vendono il pane e le sfoglie che hanno cucinato in casa, ancora calde e profumate. Un *m'ssemen* dorato costa appena un euro, ed è la signora Fatima a spiegarci la ricetta: "Devi prendere farina, acqua e sale, solo questo. Impasti tutto insieme e poi fai delle palline che schiacci con un po' di olio. Quando è ben piatto e tondo prendi gli angoli e pieghi per fare un quadrato e poi metti in padella a cuocere nell'olio di semi. Li puoi mangiare salati o dolci, con il miele." La vita per Fatima, così come per Nezha o Malika, non è facile: il rischio di essere multate e allontanate dalla piazza è sempre alto, eppure il loro pane è l'unico che si possa trovare sempre fresco anche dopo il tramonto del sole, quando i negozi chiudono.

Attorno alla stele di Cirio cibi e specialità maghrebine non mancano mai: da un lato apre le sue porte il ristorante "Gran Maghreb", dall'altro si trova l'ingresso della **Macelleria Torino** [5] che, a dispetto del nome, o forse proprio in onore della "nuova" Torino, è in realtà una fornitissima macelleria islamica, dove la carne viene macellata *halal*, ossia secondo i dettami e le consuetudini della religione musulmana. Entriamo guidati dalle sapienti parole di Nezha, una giovane mamma marocchina che abita nel quartiere e viene qui tutte le settimane a far la spesa: "Qui all'inizio ci sono le spezie, che sono molto importanti per la nostra cucina. Io compro sempre il *kamoun*, che in italiano chiamate cumino, e poi lo zenzero, la curcuma gialla, il sesamo e il coriandolo. Nel banco della carne troviamo tante varietà... le mie preferite sono le *merguez*, le salsicce di carne speziata al finocchio e cumino, ma ovviamente troviamo anche il pollo, il manzo e l'agnello per il *tajin*". Addendrandoci sempre più nel negozio tra barattoli di olive marinate, mazzi di menta fresca e sacchi di cous-cous, si giunge sino al reparto dedicato a pentole, piatti e teiere: "Ecco qui la *couscoussiera*, ossia la pentola ideale per cuocere il cous-cous. È fatta di due parti: sotto si mettono le verdure e la carne, mentre sopra sta il cous-cous, che così cuoce a vapore".

Percorrendo il primo tratto di corso Giulio Cesare, si incontrano numerosi altri negozi come questo: la macelleria "Al Khair", la macelleria islamica "Hayate", la macelleria "Al Arabia"... tale concentrazione non è casuale. Ci troviamo infatti a due passi dalla



**Moschea della Pace [6]** (*tutti i giorni escluso il venerdì, previo appuntamento*) il più importante punto di riferimento e di preghiera per i musulmani di Torino. L'ingresso della moschea si trova nel cortile dello stabile di corso Giulio Cesare 12. L'ingresso del palazzo è facilmente riconoscibile poiché ai due lati del portone, a qualsiasi ora del giorno, stazionano numerosi venditori di cibi e bevande con le loro merci esposte su carretti o banchetti improvvisati. I fedeli accorrono numerosi in occasione delle cinque preghiere giornaliere. Anche chi non è di fede islamica può entrare nella moschea, avendo l'accortezza di non capitarvi nei momenti di massimo affollamento, come il venerdì, e soprattutto essendosi accordati con i responsabili del luogo. Così abbiamo fatto, prendendo appuntamento con l'imam Abdelaziz Khounati: "Vedete quelle persone vestite di bianco?", ci dice indicando un gruppo di persone in attesa davanti alla moschea. "Stanno per partire per il pellegrinaggio alla Mecca. Il numero dei musulmani a Torino aumenta sempre di più, ma per il momento non abbiamo ancora una vera moschea. Vi do dunque il benvenuto in questa piccola stanza che abbiamo trasformato in luogo di preghiera, con la speranza che il dialogo e l'incontro possa aiutare la comprensione reciproca. Questo luogo si chiama Moschea della Pace proprio perché noi crediamo nello scambio reciproco e nell'integrazione tra cristiani e musulmani. Prego, seguitemi...".

Seguiamo Khounati all'interno della moschea, scoprendo un piccolo mondo finora sconosciuto. Dopo aver lasciato le scarpe all'ingresso e aver oltrepassato i lavatoi dove i fedeli compiono la purificazione rituale, ci sediamo sugli ampi tappeti che ricoprono l'intera superficie della moschea. L'ambiente è raccolto, silenzioso: i rumori, le urla, il trambusto di Porta Palazzo sembrano lontanissimi.

Tra i fedeli che vengono qui a pregare i marocchini sono senza dubbio i più numerosi. Con oltre 15.000 presenze, la comunità marocchina è il più ampio gruppo africano presente in città e il secondo più grande complessivamente dopo i romeni. Come ricostruisce l'antropologo Carlo Capello nel suo libro "Le prigionie invisibili", i migranti marocchini furono tra i primi a giungere a Torino: già nei primi anni Novanta si affermò una catena migratoria che coinvolse città come Casablanca o come Khouribga, capoluogo di una regione rurale del Marocco interno, portando a Torino migliaia di uomini in cerca di lavoro e di salari migliori. Con il passare degli anni i ricongiungimenti familiari e la nascita dei figli in Italia hanno radicato più profondamente la comunità nel territorio torinese: oggi circa 4.500 ragazzi marocchini frequentano le scuole di Torino e un po' ovunque in città sono sorti negozi, ristoranti, associazioni e luoghi di aggregazione tipicamente maghrebini.

L'imam Khounati, oltre a darci interessanti spiegazioni sulla fede e la ritualità islamica, ci mostra il più elegante elemento decorativo della sua piccola moschea: il *mihrab*, la piccola abside che, anche qui da Torino, indica sempre la *qibla*, ossia l'esatta direzione della Mecca.

Usciti dalla moschea, torniamo ad affacciarci su piazza della Repubblica e sull'allegro vociare del mercato. Qui, a pochi metri dall'angolo tra la piazza e corso Giulio Cesare, ci attende un'ultima, dolce testimonianza della presenza marocchina a



Torino: la panetteria **Al Jawda** [7], specializzata in pasticceria maghrebina, espone per la gioia degli occhi e del palato un'infinita varietà di dolci ripieni di mandorle, fichi, noci e datteri: *ghoriba* con mandorle o cocco, *faqqas* all'aroma di anice, le immancabili "corni di gazzella" (*kaab el ghzal*) e mille altre varietà di biscotti e pasticcini sono esposti in piramidi di allettante dolcezza. Un assaggio è d'obbligo prima di immergersi nella visita del mercato...

---

*"Parlavo di signore a colloquio con la cuoca; parlerò della gran cuoca di Torino: Porta Palazzo. Il forestiero non ha bisogno di ragguagli per giungervi; dove termina via Milano e i tramvai e le carrozze s'arrestano tra una folla densa, varia, turbinosa, dove il vociferare copre le parole con un fragorio continuo e assordante di selvaggio tam-tam, là è Porta Palazzo".*

*Guido Gozzano, Prose varie*

---

### **Il mercato dei contadini. Cinesi.**

È sufficiente attraversare la strada per immergersi in un mondo del tutto differente. Accade spesso a Porta Palazzo, e anche qui, lasciato alle spalle il nord Africa, in due passi ci si ritrova sotto la storica **tettoia dei contadini** [8] che ospita da sempre i coltivatori diretti della provincia di Torino. Mani callose, volti segnati dal sole e dalla pioggia, vite contadine trascorse nei campi si alternano ai visi rubizzi e ai cappelli di lana dei pastori scesi dalle valli per vendere miele, salami e formaggi che profumano di fieno e di latte.

La lingua che domina sotto questa tettoia e che richiama la nostra attenzione ad ogni passo mentre attraversiamo i banchi è solo una: il piemontese. Forse questo sarà davvero l'ultimo luogo della città dove si smetterà di parlare in dialetto: *"Monsü, che vena sù! Voria ed bej persi, ed pom o ed portügaj?"*. *"Madamin, hai ed furmagg verament fresc, prövlo!"*.

Del resto il piemontese è sempre stato vivo a Porta Palazzo e dintorni, se è vero che molte parole sono entrate nell'uso popolare proprio a partire dal gergo del mercato. È qui che i contadini sono diventati per tutti i *pacò*, le botteghe le *bòite*, gli antiquari i *feramiù* e le osterie sono state battezzate per sempre *piòle*. Un crogiolo di diverse parlate creatosi a Porta Palazzo nella prima metà del Novecento quando, alla popolazione autoctona torinese, si aggiunsero gli oltre 200.000 contadini che si inurbarono tra il 1900 e il 1950 scappando dalle campagne e dalle valli impoverite alla ricerca di un lavoro a Torino. La crisi agricola che da fine Ottocento tormentò la regione per i decenni seguenti e l'inarrestabile avanzata della modernità che trasformò le montagne piemontesi nelle "terre dei vinti" descritte da Nuto Revelli, portarono in città una buona fetta della popolazione delle province di Torino, Asti, Cuneo e del resto del Piemonte.

**La stazione ferroviaria Ciriè-Lanzo** [9] (*sede distaccata del Museo Ferroviario Piemontese, visitabile su prenotazione*), che ancor oggi fa bella mostra di sé in corso

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 – Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/0000065/7 del 12/05/2005 – Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



Giulio Cesare 15 a poche centinaia di metri dal mercato, dal 1860 ha visto scendere dai piccoli treni a scartamento ridotto della ferrovia Torino-Ceres centinaia e centinaia di famiglie attratte dal nascente settore industriale dell'inizio del XX secolo. L'elegante tettoia di ghisa e ferro sotto cui si tiene ogni giorno il mercato dei contadini risale al 1916 ed è stata recentemente restaurata. Ogni mattina quintali di frutta e verdura vengono portati direttamente dalla campagna piemontese ai banchi del mercato, per un'autentica spesa "a chilometro zero". Un prerogativa che oggi non è più solo delle patate, delle zucchine e dei peperoni di Carmagnola. Ma anche delle verze, dei cetrioli e delle melanzane cinesi. Sì, perché da qualche anno a Carignano un manipolo di **contadini cinesi** ha preso a coltivare le verdure originarie del proprio paese: ogni tanto si torna in Cina, si comprano i semi, poi li si pianta nelle fertili campagne piemontesi, per portare infine l'originale raccolto al mercato dei contadini. E non sono solo i ristoratori cinesi a gradire, ma anche gli italiani, e qualche migrante romeno, o africano, attratto dalla novità: "Mia mamma vende al banco, invece mio papà fa il contadino e coltiva le verdure nel terreno della nostra casa", racconta la giovane Huang Xin, che tiene il banco di famiglia il sabato mattina. "Abbiamo i cavoli cinesi, le rape bianche piccanti, le melanzane spinose, le zucche e i cetrioli cinesi, che sono più amari di quelli italiani". Questa particolare attività transnazionale dei contadini-migranti cinesi, ben raccontata da Fedora Gasparetti nel volume "I viaggi del cibo, il cibo dei viaggi", ha portato sulle tavole dei torinesi prodotti dalle forme insolite e dai sapori particolari come le zucchine *jiaogua*, i lunghi fagiolini *caidou* e le grandi zucche *miaogua*.

Occorrerebbe una giornata intera per scoprire e provare tutte le varietà di verdura esposte su questi banchi, ma ancora una volta basta aprire una porta per ritrovarsi catapultati in un altro dei tanti mondi di Porta Palazzo. Dal mercato dei contadini, piemontesi o cinesi che siano, una porta aperta ci conduce infatti all'interno dell'attigua **tettoia dell'orologio [10]** (*mart.-sab., chiusa dom. e lun.*) dove incontriamo altri odori, altri sapori e altre storie di migrazione.

La bellissima tettoia dell'orologio, una struttura di vetro e ferro dall'elegante gusto liberty, costituisce senza dubbio il più bell'edificio mercatale dell'area di Porta Palazzo. Illuminata sin dalla sua costruzione con lampade elettriche, che dal 1909 avevano sostituito il precedente sistema a gas, la struttura ospita oggi un'ottantina di panetterie, formaggiai, salumieri e macellerie. La lingua in cui sono scritti cartelli e cartellini appesi a salami e formaggi è inequivocabile: *sunca, salam de Sibiu, salam Parizer, salam București, cașcaval*. Siamo in Romania.

Tra i tanti banchi romeni il più affascinante e ricco di prodotti è senza dubbio la **macelleria Istoc [11]**, specializzata in prodotti della Transilvania, che oltre a salumi e latticini, propone anche altri tipici ingredienti dell'enogastronomia romena come i semi di girasole, la *zakuska* di verdure e un'ampia gamma di vini bianchi e rossi.

La comunità romena di Torino, raccontata nel recente libro di Pietro Cingolani "Romeni d'Italia", è la più attiva e numerosa diaspora presente in città. Con oltre 60.000 presenze di cittadini romeni, Torino è infatti diventata la più grande città



romena fuori dai confini della Romania: un primato testimoniato dal crescente numero di associazioni, iniziative culturali, imprese commerciali, negozi e di allievi romeni nelle scuole cittadine. I migranti, inizialmente residenti soprattutto nei quartieri di San Salvario e Borgo Dora, si sono oggi distribuiti su tutto il territorio cittadino e oltre: numerose famiglie, i cui figli sono spesso nati già in Italia, si stanno spostando verso i comuni dell'hinterland e della prima cintura urbana. Mentre gli uomini sono per lo più inseriti nel settore edile e industriale, le donne romene hanno trovato spazi lavorativi nell'ambito del lavoro di cura e di assistenza familiare e domestica.

La migrazione romena, così come quelle che coinvolgono altri paesi dell'Europa orientale come la Moldavia o l'Ucraina, è una migrazione transnazionale, ossia che non prevede un distacco dal paese d'origine e un insediamento esclusivo in Italia, ma continui viaggi e attività tra i due paesi. In via Maria Ausiliatrice 46, poco distante da Porta Palazzo, si trova la sede di **Atlassib**, la ditta di trasporti che settimanalmente collega l'Italia e la Romania con una flotta di autobus e microbus. Mezzi che trasportano non solo persone, ma anche merci, cibi, prodotti italiani e romeni in viaggio attraverso l'Europa, come ci racconta Tanya, lavoratrice moldava che a Porta Palazzo fa la spesa per sé e per l'anziano a cui fa da badante: "Qui al mercato compro i cibi romeni per me, ma anche prodotti italiani da spedire a casa mia. Per lavorare a Torino ho lasciato in Moldavia mio marito, i miei figli e mio padre, mi fa piacere potergli spedire tutti i mesi dei cibi e delle cose italiane di buona marca. Per Natale ho spedito il panettone, e poi il parmigiano e il salame crudo, che nel mio paese non si trovano o non sono così buoni. Spesso mando anche brioches e biscotti, che ai miei figli piacciono tanto. Ma anche la mia famiglia mi manda delle cose particolari, tramite i pulmini: ad esempio i dolci tradizionali romeni delle feste, che qui non si trovano, o le uova dipinte per la Pasqua. Me le faccio mandare anche per regalarle alle famiglie italiane per la quali lavoro qui, come badante".

---

*"La mia cucina è Porta Palazzo. E i tram che sferragliano e i clacson che strombazzano e le gomme che stridono e FORZA MASSAIE POMIDORI E MELANZANE UN EURO AL CHILO FORZA MASSAIE e le scavatrici che scavano e i martelli pneumatici che pneumartellano e i portoni che cigolano e le porte che sbattono e MOZZARELLE DI BUFALA FRESCHE DALLA PUGLIA PREGO SIGNORA ASSAGGI QUESTO GRANA e gli operai che vociano e le gue che gruano e i tombini chi inghiottono e... Ecco com'è Porta Palazzo.*

*Giuseppe Culicchia, Torino è casa mia*

---

## Personaggi in Galleria

Uscendo dall'ingresso principale della tettoia dell'orologio si ha giusto il tempo di dare di alzare la testa e dare un'occhiata all'ora scandita dal grande orologio (un orologio che tanto somiglia a quello di una stazione a suggerire forse l'idea che Porta

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 - Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/0000065/7 del 12/05/2005 - Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



Palazzo sia un luogo di perenni arrivi e partenze) prima di attraversare i binari del tram e immergersi nel grande mercato ortofrutticolo all'aperto.

È questa zona della piazza che fa di Porta Palazzo il mercato più grande e affascinante d'Italia e d'Europa, imbattibile per varietà e convenienza dei prezzi. Si comincia con i **venditori di menta [12]** marocchini che ti sventagliano sotto il naso mazzetti di menta verde e profumatissima: un ingrediente piemontese e mediorientale allo stesso tempo, che consensa in sé il simbolo dell'incontro delle diverse anime del mercato. La comprano i piemontesi per le ricette d'un tempo e la comprano i maghrebini per il loro tradizionale tè alla menta, per appena cinquanta centesimi. Gli stessi venditori, tutti uomini, così come sono esclusivamente donne le venditrici di pane, in un parallelismo tra genere e cibo tipico della comunità marocchina, durante i mesi invernali oltre alla menta propongono anche mazzetti di *shiba*, ossia di assenzio. Questa erba è un ottimo aromatizzante per il tè: se d'estate è preferita la menta per le sue qualità rinfrescanti, d'inverno le famiglie maghrebine scelgono spesso di preparare il tè con qualche foglia di *shiba*, arrivata a Porta Palazzo direttamente dal Marocco.

Attraversare questa zona del mercato rappresenta un'esperienza multi-sensoriale davvero unica nel suo genere: tutti i sensi, dall'udito, alla vista, al gusto, all'olfatto fino al tatto sono coinvolti e sollecitati dal susseguirsi di banchi di frutta e verdura che si estendono fino all'estremità della piazza. Le urla dei mercanti che gridano *belle mele belle mele rose, carciofi teneri tenerissimi un euro al chilo, solo un euro al chilo i meloni di Sicilia*, il profumo delle nespole, degli ananas, delle pere, dell'aglio, i colori dei pomodori, delle melanzane, dei peperoncini appesi ad essiccare, il bagliore dei raggi di sole tra un banco e l'altro in un mattina d'estate e il luccichio delle lampadine dondolanti contro il cielo scuro in un pomeriggio d'inverno, il gusto degli assaggi offerti o richiesti per provare la qualità d'un frutto, la superficie rugosa di una noce, spinosa di un cardo, vellutata di una pesca, il contatto, lo struscio con i corpi, con le borse, con i cappotti delle altre centinaia di clienti del mercato, rendono indimenticabile una semplice passeggiata dal centro della piazza sino al suo confine settentrionale.

Qui, come per magia, la ressa e i rumori del mercato lasciano il posto alla tranquilla maestosità della **Galleria Umberto I [13]**.

La Galleria, con il suo candore e l'armonia delle sue forme, corre oggi là dove nel passato si snodavano le corsie dell'Ospedale del Mauriziano. Il lavori di sventramento del vecchio ospedale, che qui era sorto nel XVI secolo, furono ultimati nel 1890 per opera di privati, e infatti ancor oggi la Galleria appartiene a privati: al calar del sole i cancelli d'ingresso si chiudono con catene e lucchetti, a tutelare la pulizia e il decoro di questo vero e proprio gioiello architettonico. La memoria di quel che fu l'antico ospedale resta nascosta nell'**Antica Farmacia dell'Ordine del Mauriziano [14]**, fondata nel 1574 e ancor oggi operante nel ramo orientale della Galleria. Gli interni sono impreziositi da dorati mosaici, lascito degli anni in cui tutto intorno operavano medici e infermiere per curare i malati e i poveri di Torino. Nel



1870 erano centocinquanta i letti disponibili nell'ospedale, per lo più gratuiti. Se si chiudono gli occhi, si possono ancora immaginare i nove medici, gli otto studenti di medicina, i due cappellani e le dodici suore che si muovevano tra questi letti, artefici di una medicina ancora agli albori, eppure già scientifica.

In queste corsie passò gli ultimi suoi giorni tra gli altri anche l'avvocato **Vincenzo Virginio**, che una targa oggi scomparsa posta sulla facciata della Galleria ha a lungo commemorato come colui che, "in anni di funesta carestia, introdusse primo in Piemonte la coltura della patata". Il Virginio, al pari di Francesco Cirio, va ricordato come uno dei padri di Porta Palazzo: per merito suo a inizio Ottocento comparvero infatti sui banchi del mercato non solo le patate, ma anche i tartufi, divenuti poi tesoro gastronomico della regione.

Oggi la Galleria ha finalmente ritrovato lo spirito di bazar commerciale secondo il quale era stata concepita. Ai vecchi negozi tipicamente piemontesi, si accostano agenzie immobiliari cinesi come "Cinacasa", nel cui simbolo si sovrappongono la Mole Antonelliana e il Tempio del Cielo di Pechino, e parrucchieri nigeriani specializzati nel realizzare acconciature con le tradizionali treccine dell'Africa subsahariana: i grandi manifesti che illustrano le decine di diverse soluzioni con cui si possono pettinare e combinare i capelli fittamente intrecciati adornano le vetrine del negozio presentando un campionario di notevole valore estetico.

Il negozio più interessante della Galleria è però forse l'ormai antico **Cineserie Ming [15]**. Vero simbolo dei prodromi dell'attuale carattere multietnico e interculturale della zona, il negozio propone un vasto assortimento di artigianato orientale. Tuttavia l'aspetto più interessante è sicuramente rappresentando dalla storia del negozio, che ci viene raccontata dalla viva voce del proprietario, Livio Lee: "Mio padre fu tra i primi cinesi ad arrivare a Torino, forse il primo in assoluto. Era il 1949, mio padre era un giornalista. Qui a Torino conobbe mia madre, una ragazza italiana, e insieme misero su questo negozio. Fino a qualche anno fa i negozi erano due, qua a fianco avevamo un negozio di pelli e tessuti. Oggi è rimasto questo, importiamo artigianato cinese di pregio e cose più piccole, le cineserie appunto!".

Livio, con i suoi occhi orientali su un viso così italiano, è una "seconda generazione" *ante litteram*, cresciuto in Italia che ancora ignorava le sfide e le prospettive legate alla crescita dei figli degli immigrati. Suo padre è divenuto con i decenni non solo una memoria storica di una Cina che non c'è più, ma anche di un quartiere che in cinquant'anni è profondamente mutato ed è certamente divenuto più cinese di quanto non fosse al suo arrivo. Se passando davanti al negozio un sabato mattina vedrete seduto all'interno un anziano signore dagli occhi a mandorla, che forse starà ascoltando la sua amata radiolina o sfogliando un giornale, sappiate che si tratta senza dubbio del vecchio signor Lee alle prese con i suoi passatempi preferiti...

Prima di lasciare la Galleria fate anche un salto alla sede del **Progetto Porta Palazzo – The Gate [16]** (*lun.-ven., 10-17*) L'ufficio si trova proprio all'ingresso della Galleria, dal lato di Piazza della Repubblica, e ospita lo staff che ormai da più di dieci anni lavora per la riqualificazione e la promozione del quartiere. Le azioni e i settori





di intervento di “The Gate” sono numerosissimi e spaziano dall’urbanistico al sociale, dall’economico al culturale. Tra le tante attività sostenute ricordiamo “In piazza si impara”, le lezioni di lingua all’aperto che tutti gli anni animano la zona di Porta Palazzo la domenica mattina, l’**Orchestra di Porta Palazzo** ([www.orchestradiportapalazzo.com](http://www.orchestradiportapalazzo.com)), il gruppo musicale costituito dall’Associazione Plache du Marché che dà vita alla più autentica colonna sonora della piazza, e “Bibliomigra”, la biblioteca multilingue itinerante che si sposta attraverso la città su un banchetto del mercato riadattato all’occorrenza. La sede di “The Gate” è aperta al pubblico e al territorio, e all’interno si possono trovare interessanti materiali, borchure e volantini per essere sempre aggiornati su quanto accade a Porta Palazzo.

---

*“Porta Palazzo per noi stranieri che viviamo qui ha una grande importanza, perché là troviamo quasi tutto quello di cui abbiamo bisogno e anche cose che non abbiamo mai visto: è proprio questa diversità che mi piace di più. Mi piace la diversità che si sente nella lingua, perché mentre si compra si sentono persone di diverse nazionalità che parlano nello stesso tempo. Porta Palazzo: un posto che sembra disordinato, però non lo è, perché ci sono tanti negozi, tante persone insieme, macchine che girano, pullman che passano, persone che arrivano, altre che escono, e alla fine tutto si risolve, e mi sembra che tutti o quasi tutti tornino a casa un po’ più contenti”.*

*da “Torino è casa nostra”, a cura di Francesco Vietti*

---

## Sotto la Madonnina dei pescivendoli

Il ramo occidentale della Galleria Umberto I ci conduce direttamente sotto i portici di piazza della Repubblica. Ci troviamo in realtà in un settore molto particolare di Porta Palazzo, che fino alla prima metà del secolo scorso portava addirittura un nome diverso rispetto al resto della piazza: piazza Vittoria. I bellissimi palazzi che segnano la congiunzione tra l’area mercatale e via Milano risalgono infatti a un periodo precedente rispetto all’edificazione della piazza del mercato e sono firmati da Filippo Juvarra, forse il più celebre degli architetti torinesi del periodo sabauda.

L’**esedra juvarriana [17]**, attualmente in via di restauro, fu disegnata attorno al 1720 e prevedeva la costruzione di un arco trionfale di ingresso alla piazza, che non fu però mai realizzato. A quell’epoca Porta Palazzo ancora non esisteva, e piazza Vittoria si apriva sui campi e sulle primitive industrie del borgo Dora.

Seguendo tutto il perimetro dei portici si oltrepassano alcuni frequentatissimi ristoranti, tra i quali ‘**A picciridda [18]**, tipica pizzeria siciliana che nelle sere d’estate riempie una buona metà della piazza con i suoi tavolini all’aperto offrendo a torinesi e turisti le spiacialità della cucina mediterranea dell’Italia meridionale, e si ritorna infine nell’area dei mercati.

Qui una sosta è d’obbligo per visitare una delle più originali botteghe della piazza, la storica **drogheria Rinaldi [19]**, che apre la sua porta al numero 2 di piazza Emanuele

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 – Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/00000065/7 del 12/05/2005 – Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



Filiberto. Non appena entriamo nel negozio, lungo e stretto, veniamo inebriati dai profumi del reparto casalinghi: il sapone di Marsiglia e soprattutto il raro e scuro sapone di Aleppo. “È una delle nostre specialità”, ci spiega Davide, rappresentante dell’ultima generazione dei Rinaldi, la famiglia che fin dal 1870 gestisce il negozio. “Lo importiamo direttamente dalla Siria, è un sapone prezioso, preparato a mano con olio di oliva e bacche di alloro... vengono clienti da tutta Torino per comprarlo da noi”.

In alto, sopra le dispense ricolme di prodotti, notiamo una serie di fotografie in bianco e nero: ritratti antichi di uomini con cappelli a bombetta e occhiali tondi. “Ecco il mio trisnonno e il mio bisnonno”, ci spiega sempre con cordialità e simpatia Davide. “Fino al 1904 il negozio era dall’altra parte di piazza della Repubblica, poi ci siamo spostati qui. Abbiamo cominciato a portare a Torino i prodotti delle colonie italiane, dall’Africa, e siamo certamente stati i primi a Porta Palazzo a vendere cibi come il cous-cous, lo *halvâ* o la farina per preparare i *falafel*. Molto prima che arrivassero gli immigrati, noi vendevamo già decine di varietà di tè cinese e lo zenzero candito”. La drogheria è veramente un luogo di meraviglie e di tesori (quasi scomparsi). I prodotti vengono venduti quasi tutti sfusi e spaziano dalla liquirizia calabrese all’orzo tostato, dai semi di lino alla cera vergine d’api, dai dodici tipi di sali esotici alle cinquanta varietà di tisane e infusi di fiori e frutta. L’unico altro negozio a Porta Palazzo che potrebbe far concorrenza a Rinaldi per varietà e fascino è la **bottiglieria Damarco [20]**, in piazza della Repubblica 4, dall’altro lato di via Milano, che con le sue centinaia di bottiglie esposte nelle ampie vetrine offre ai consumatori un’eccezionale rassegna di vini e liquori di tutto il mondo, dai più pregiati ai più esotici.

L’attrazione imperdibile di questa parte della piazza è in ogni caso sicuramente rappresentata dal **mercato del pesce [21]**, situato in un bell’edificio in muratura recentemente ristrutturato. Sono sufficienti quattro gradini e pochi passi tra i banchi coperti per essere trasportati nel cuore del Mediterraneo, in uno di quei porticcioli dove le barche dei pescatori attraccano la mattina dopo una lunga notte di pesca.

Le grida dei pescivendoli ci accompagnano per tutto il tragitto: “*Pisci, pisci friscu! Accatate chistu beddu mirruzzu!*”. Ogni banco è decorato in modo diverso e riserva delle sorprese: marmi, mosaici di fondali marittimi, grandi dipinti di barche e reti colme di pesci colorati. Ci fermiamo a riprendere fiato proprio nel centro del mercato, sotto la Madonnina dei pescivendoli che, adornata di fiori e candele accese “per 100 lire”, richiama una religiosità popolare, semplice, così caratteristica dell’Italia del Sud. È infatti dal Meridione che giunge buona parte dei venditori del mercato del pesce, rappresentanti di quella grande fetta di popolazione torinese nata ben più a sud delle rive del Po.

Nel 1950 la popolazione di Torino toccava appena i 700 mila abitanti, vent’anni più tardi, nel 1970, sfiorava quota 1 milione e 200 mila, una vetta che non avrebbe mai più toccato in futuro. Cosa successe dunque in quei due decenni? Accadde che da tutte le regioni del Sud Italia migliaia e migliaia di persone presero un treno per il



Nord, scesero alla stazione di Porta Nuova e divennero artefici di quel boom economico costruito sulle fabbriche, sul lavoro instancabile degli operai e sull'affermazione della FIAT come prima industria della nazione.

Per prima partì la Puglia. Nel 1955 i pugliesi sono già la prima minoranza cittadina, nei primi anni Sessanta da Foggia e dintorni arrivano quasi 15 mila immigrati l'anno, tanto che Torino finirà per dedicare a Cerignola addirittura una piazza. È poi la volta della Basilicata e soprattutto della Sicilia, che da sola, tra il '55 e il '75, fornirà alla città quasi 130 mila nuovi abitanti. All'inizio degli anni Settanta tocca infine ai calabresi, che partono da Reggio Calabria, Locri, Gioiosa Jonica per popolare i nuovi quartieri operai di Mirafiori Sud, della Falchera e delle Vallette.

L'immigrazione meridionale ha cambiato per sempre la storia sociale, culturale e politica della città, arricchendone l'anima alpina con tinte mediterranee. Dai cartelli "non si affitta ai meridionali" alla nuova lingua nata dalla fusione dei dialetti del Nord e del Sud Italia compiutasi nelle mense e nei dopolavoro della grande fabbrica d'automobili, il passo è stato breve, eppure faticoso. La stessa sfida che oggi mette alla prova la città di fronte alle nuove migrazioni internazionali.

"Sui banchi di marmo candido, tra blocchi di ghiaccio e rigagnoli d'acqua sono rovesciati a migliaia i pesci che le reti han tratto ieri sera dal Tirreno e dell'Adriatico", scriveva Guido Gozzano nelle sue "Prose varie" descrivendo il mercato del pesce di Porta Palazzo. La nostra visita a questo settore del mercato non può in effetti che concludersi con una visita alle **ghiacciaie [22]** (*chiuse al pubblico*) che per decenni conservarono il ghiaccio indispensabile al funzionamento non solo dei banchi del pesce, ma di tutta Porta Palazzo. L'ingresso alle "Regie ghiacciaie" è situato in via delle Orfane 32, a qualche decina di metri dalla piazza, nella prima traversa a sinistra di corso Regina Margherita. Dall'esterno l'ingresso pare una semplice portone di palazzo, ma in realtà basta aguzzare lo sguardo per vedere come all'interno il terreno sprofondi in una ripida rampa che si inabissa nelle profondità del suolo torinese. Le prime ghiacciaie furono costruite nel Settecento nella piazza Emanuele Filiberto, a forma di grandi coni rovesciati, per raccogliere l'acqua piovana ghiacciata d'inverno e i grandi blocchi di ghiaccio trasportati nei mesi estivi dal Moncenisio. Le ghiacciaie di via delle Orfane risalgono invece alla fine dell'Ottocento e furono costruite in forma di celle disposte lungo stretti corridoi che si sviluppano in quattro diversi piani sotto il livello del suolo. Persa la loro originaria funzione di deposito di ghiaccio, sin dagli anni Cinquanta le ghiacciaie servono come ricovero notturno per la gran parte dei banchi di frutta e verdura del mercato di Porta Palazzo. Alle prime luci dell'alba decine di "posteggiatori", che da qualche anno sono nella totalità giovani ragazzi d'origine marocchina o bengalese, si mettono in coda per trascinar fuori dalle viscere di Torino i trecento, pesantissimi banchi da trasportare a forza di braccia e di gambe sino alla piazza del mercato. Un lavoro massacrante, sconosciuto ai più, che tuttavia rimane insostituibile per l'esistenza stessa di Porta Palazzo. Le ghiacciaie non sono oggi aperte al pubblico, ma passando davanti all'ingresso nessuno vi vieterà di dare un'occhiata e, se riuscirete a mettervi d'accordo con il custode, potrete anche



percorrere i primi metri della discesa illuminata da fioche lampadine e impregnata dall'odore di tufo e di umidità come una grotta o una caverna.

---

*“Ma per me credo che papà, gira e rigira, avesse deciso di piantare là le sue tende, anche perché in quell’angolo aveva ritrovata ancora intatta la sua Torino. Ancora, per là attorno, tutti quelli stallaggi con i cortili interni immensi, e l’aia di terra battuta, e le tettoie ingombre di carretti; ancora la Porta Palazzo di allora, quel vasto attendamento zingaresco con le trabacche in traliccio, ove si trovava a comprare di tutto... Qui papà doveva aver ritrovato la sua indimenticata Torino del 1850”.*

*Augusto Monti, I Sanssossì*

---

### Camminando camminando

Attorno a piazza Emanuele Filiberto, che con la sua eleganza parigina segna il confine tra i mercati di Porta Palazzo e i locali giovanili e alla moda del Quadrilatero Romano, si trovano alcuni negozi molto interessanti, tra i quali merita senz’altro una citazione la **Vendita tessuti orientali [23]**, al numero 15 di via Milano. Al pari del suo omonimo in corso Giulio Cesare 3, questo negozio costituisce una tappa obbligata per tutti coloro che vogliono capire veramente la diversità degli stili, utilizzi e funzioni del velo. La piccola bottega è un piccolo bazar di tutto quanto riguarda l’abbigliamento in Marocco, dalle ciabatte ai kaftani. È Hassan a guidarci tra i suoi tessuti: “In arabo il velo si chiama *hijab*. Può essere di tanti colori e si può portare in tanti modi, ogni paese ha una sua tradizione diversa. In Turchia, in Iraq o in Marocco puoi vedere veli completamente diversi”. Hassan si aiuta con dei manichini per farci vedere alcuni dei modi in cui si può acconciare il velo sulla fronte o sotto il mento. “Il *chador* invece è un vestito di origine Medio Orientale che copre il corpo e anche il capo. Il colore molto spesso è il nero e lo puoi vedere soprattutto in Iran. Il *niqab* è il velo che copre più di tutti, dalla testa i piedi, lasciando liberi solo gli occhi ed è usato in Arabia Saudita e in alcuni paesi africani. Ma in questo negozio si vendono esclusivamente i vestiti che usiamo di più noi marocchini: la *jellaba*, cioè la tunica con il cappuccio che va bene sia per le donne che per gli uomini, e il *kaftan*, per gli uomini, senza cappuccio”.

Lasciamo Hassan al suo lavoro e riprendiamo l’esplorazione degli isolati che segnano l’incontro tra corso Regina Margherita e piazza della Repubblica, la zona più marcatamente orientale di Porta Palazzo. Qui le facciate dei palazzi, i pali della luce, le serrande dei negozi e le insegne parlano solo cinese. Alla maggior parte dei passanti gli ideogrammi rossi tracciati su muri e portoni non dicono nulla, ma a saperli leggere si scoprirebbe che non si tratta di segni senza senso, ma di precise indicazioni: “parrucchiere cinese”, “riparazione cellulari”, “estetista”... Ai negozi aperti sulla via, si sommano decine di attività più nascoste, praticate all’interno di cortili e palazzi dove raramente si spinge chi cinese non è. I minimarket orientali

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 – Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/0000065/7 del 12/05/2005 – Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



sono invece frequentatissimi anche da migranti africani o sudamericani. Per scoprire perché sia così facile vedere giovani senegalesi o ragazze peruviane uscire con grandi borse dai negozi cinesi, è sufficiente entrare a dare un'occhiata all'**Oriental Market [24]** di corso Regina 121, o al suo gemello **Asia Market [25]**, al numero 132.

Sugli scaffali si trovano innanzitutto i prodotti della ricchissima cucina cinese: si va dai prodotti più conosciuti come i *jiaozì*, i famosi ravioli ripieni di carne, le alghe e la soia, fondamentali per accompagnare molti piatti, e i lunghi spaghetti di riso, a quelli più inconsueti, come i fiori di giglio essiccati e le *pidan*, le cosiddette "uova dei cento anni": si tratta di uova d'anatra fatte fermentare per circa cento giorni in una pastella di tè nero, sale e ceneri di legno di pino...

Superate le montagne di bacchette (*kuaizi*), di cestelli di bambù per la cottura a vapore dei ravioli e di pesantissime pentole *wok*, si scoprono però scaffali ricolmi di prodotti che non appartengono per nulla alla cucina orientale: si va dalla *chicha morada*, tipica bevanda peruviana a base di mais nero, alla manioca, alimento base della cucina africana subsahariana. La presenza di questi prodotti non deve stupire, come ci racconta Angela, una giovane ragazza peruviana assidua frequentatrice dei minimarket cinesi: "Quando ho voglia di mangiare cibo peruviano vado nei posti cinesi. Da loro riesco a trovare le banane fritte, la patata dolce, le bibite Inca Cola e Concordia. Tra i negozi cinesi ce n'è uno in particolare dove la proprietaria è gentile con i clienti, ma sgrida sempre il suo commesso. Lui è un ragazzo senegalese e fanno ridere quando entrambi bisticciano perché non parlano bene l'italiano... lui capisce una cosa, e lei un'altra!". Per servire al meglio la clientela africana, c'è anche chi tra i commercianti cinesi ha deciso di imparare le lingue di quel continente. È il caso di Xia Chu, giovanissima figlia dei proprietari di uno dei "china-market" della zona: "Io ho sedici anni e sono in Italia solo da tre anni", ci racconta, "a scuola i professori si arrabbiano se non parlo bene l'italiano, ma per aiutare i miei genitori al negozio ho dovuto imparare anche il wolof, per parlare con i clienti senegalesi, e poi anche delle parole nella lingua dei nigeriani, che non so neanche come si chiama!".

Accanto ai negozi di alimentari non mancano molti altri negozi cinesi. Per orientarci chiediamo aiuto a Yi Juan, mediatrice culturale cinese che conosce molto bene questa zona del quartiere: "Qui su corso Regina Margherita negli ultimi anni hanno aperto tanti parrucchieri cinesi, è la moda del momento. Costano poco, lavorano bene e così ci vanno anche gli italiani e gli altri immigrati... sai, in questo anno di crisi. E poi i giovani cinesi nati o cresciuti in Italia ci tengono molto ai capelli, più i maschi delle femmine! Quest'anno tutti si fanno le ciocche colorate o una pettinatura che sembra spettinata, ma in realtà è studiatissima con la lacca e il gel! Più avanti trovi anche un giornalaio e una sala giochi cinese, dove vanno i ragazzi per navigare in internet... e per tagliare la scuola! Poi c'è il ristorante *Regina 152*, l'unico posto a Torino dove puoi mangiare l'autentica cucina cinese della regione dello Zhejiang. Sì, perché tutti gli altri ristoranti fanno la cucina per voi occidentali, ma non è la vera cucina cinese. Qui invece si può mangiare davvero come in Cina, stessi ingredienti e stesso modo di cottura al vapore. Ma il negozio più interessante di tutti è proprio qui vicino, venite!".



La **farmacia tradizionale cinese** [26] di corso Regina Margherita 132/E (proprio accanto all'*Asia Market*) è davvero un luogo unico in città. Decine di barattoli di vetro allineati sugli scaffali contengono tuberi e radici, foglie e scorze, semi e fiori della classica farmacopea cinese. Il dottor Zhan, Gianni per gli amici italiani, ci illustra i prodotti più importanti con sapienza e precisione: “Questi sono cassia e zenzero che servono per espellere le sostanze nocive, quella è genziana, per liberare dal calore. Il mandarino muove il *qi*, incenso e noccioli di pesca per fermare le emorragie, senape per fermare la tosse, e quello laggiù è il *ginkgo biloba*, astringente. Ma gli italiani raramente comprano queste piante... loro vogliono solo il balsamo di tigre!”. È proprio questo il prodotto più richiesto della farmacia: le tipiche scatoline di questo famoso unguento a base di canfora e mentolo costano solo due euro e pare possano lenire praticamente qualunque dolore.

Quella cinese è la più antica migrazione internazionale che ha riguardato Torino. I ristoranti cinesi sono comparsi in città già da diversi decenni, ma il numero di cittadini cinesi residenti in città è cresciuto soprattutto nel corso degli anni Novanta, sino a sfiorare quota 5.000. Circa la metà dei cinesi di Torino vive proprio nella zona di Porta Palazzo che ha visto fiorire negli ultimi anni i negozi adornati di lanterne rosse, secondo la tradizione dei “tre coltelli”: cibo, capelli e tessuti sono i tre principali settori dell’imprenditoria cinese della diaspora. Quasi tutti i migranti cinesi provengono dalla regione costiera dello Zhejiang e dalla città di Wenzhou in particolare, e dunque condividono uno stesso dialetto, che spesso viene preferito alla lingua nazionale. I datori di lavoro (*laoban*) hanno un ruolo fondamentale nell’istituire e mantenere i *guanxi*, le relazioni sociali di mutua assistenza che hanno conferito alla comunità un’immagine di coesione e autosufficienza, come mostra la recente ricerca pubblicata dal Centro Interculturale di Torino con il titolo “Duling-Torino: luoghi, immagini, voci e personaggi della comunità cinese di Torino”.

Ma questa zona di Porta Palazzo non è solo una “chinatown”. Imboccando via Cottolengo, vale la pena di intraprendere una breve passeggiata e arrivare quasi sino all’incrocio con via Cigna, dove in rapida sequenza si possono visitare due vere istituzioni del quartiere: l’associazione Camminare Insieme e la Chiesa ortodossa romena.

La **Camminare Insieme** [27] (*lun.-ven., 9-17, visita previo appuntamento*) in via Cottolengo 24/A fornisce servizio sanitario gratuito a migranti con o senza permesso di soggiorno e a cittadini di origine rom. L’ambulatorio medico è costituito da varie sale in cui operano medici volontari di diverse specialità, dalla ginecologia all’odontoiatria. Ogni giorno decine di pazienti si affidano alle cure dei dottori della “Camminare Insieme”, come ci racconta Cristina, educatrice in servizio da molti anni presso l’associazione: “Abbiamo avuto un forte calo di persone nelle prime settimane dopo l’entrata in vigore della legge che faceva pressione sui medici affinché denunciassero gli immigrati senza permesso di soggiorno. Ma noi abbiamo subito appeso il cartello con su scritto *Qui non si denuncia nessuno*, che potete ancora vedere nella sala d’aspetto, e i pazienti sono tornati... per fortuna, perché molti di



loro hanno malattie croniche o contagiose che vanno assolutamente tenute sotto controllo. Qui a destra potete vedere la nostra farmacia interna, che è sempre fornita grazie agli accordi che abbiamo con vari ospedali di Torino, e laggiù in fondo c'è il riunito dei dentisti, che sono sempre i medici più richiesti visto che fuori di qui le cure ai denti sono tra le più costose e praticamente inaccessibili alle persone in difficoltà economica". La "Camminare Insieme" porta avanti il suo impegno grazie a mediatori culturali come Barakat e Mirela e grazie ai tanti volontari, spesso anziani del quartiere, che danno una mano gratuitamente. Accanto all'ambulatorio si trova un altro importante spazio gestito dall'associazione: il "Salone delle Mamme", dove tutti i giorni le mamme migranti e i loro bambini possono stare insieme, imparare l'italiano, lavorare e, per chi ne ha più bisogno, ritirare una spesa gratuita. Da qualche mese nel giardino del "Salone delle Mamme" è stato realizzato anche il primo **orto cittadino** di Porta Palazzo: sotto la sapiente direzione della mediatrice romena Mirela, le mamme della "Camminare Insieme" hanno piantato e coltivato fagiolini, pomodori, zucchine, rosmarino, salvia e una moltitudine di altre piante ed erbe che hanno già dato il loro primo raccolto.

---

*"È grande. Ha direzioni molteplici e nessun semaforo. È al centro. Non so perché ma mi fa pensare a un'enciclopedia. Avrei voluto evitarla, ma è più forte di me. Questa piazza è strana, lo è certamente. Le sue pietre non narrano soltanto leggende. Il manto dell'asfalto nasconde tracce di più antiche mura, su cui si sovrappongono storia e storia, realtà e immaginazione."*

*Mohammed Lamsuni, Porta Palazzo mon amour*

---

## Love differences

La **Chiesa ortodossa romena di Santa Parascheva [28]** (apertura in orario dei culti, lun.-merc.-ven. ore 19, dom. ore 10.30) di via Cottoloengo 26 sorge proprio accanto alla "Camminare Insieme", con la quale condivide una parte degli edifici appartenenti all'Opera Pia Barolo. Questa celebre opera filantropica ottocentesca ha accolto e curato nel corso dei decenni centinaia di fanciulle malate e indigenti, divenendo una delle più benemerite e riconosciute istituzioni di quella chiesa sociale ed operaia che a Torino trovò nel secolo scorso il suo più grande slancio.

Oggi la chiesetta dell'Opera Pia Barolo ha trovato nuova vita grazie all'insediamento della parrocchia ortodossa romena, divenuta in breve tempo punto di riferimento per la vasta comunità romena residente in città. Ci accoglie sulla soglia della chiesa la signora Vasilescu, moglie del *pope* Gheorghe e vera "padrona di casa": "Benvenuti nella nostra chiesa. Vi prego di seguirmi e di prestare attenzione alle icone che incontrerete subito sulla vostra sinistra...". All'interno della piccola chiesa si respira quell'aria densa di misticismo e di sacralità tipica dei luoghi di culto ortodossi

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

Uff. Registro Imprese: 1016818 – Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/00000065/7 del 12/05/2005 – Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



dell'Europa Orientale. Il profumo delle sottili e scoppiettanti candele di sego riempie l'aria e le icone dorate dell'iconostasi conferiscono una notevole magnificenza a tutto l'ambiente.

Mentre la signora Vasilescu ci racconta in modo interessante e coinvolgente la storia e le caratteristiche del rito ortodosso, notiamo come le antiche volte dell'abside siano state recentemente ridipinte e le vecchie scritte in latino siano state sostituite da quelle in slavo ecclesiastico. Una stratificazione di culti e confessioni che rappresenta al meglio il carattere interreligioso della città.

Torniamo sui nostri passi e in una decina di minuti ci ritroviamo tra le viuzze di **Borgo Dora**, lo storico quartiere che costituisce il cuore più autenticamente piemontese di Porta Palazzo e che da un secolo e mezzo tutti i sabati mattina dà vita al **Balôn [29]**, il pittoresco mercato delle pulci, delle cose vecchie e delle meraviglie. Da qualche decennio, per iniziativa dei commercianti di zona, ogni seconda domenica del mese si tiene tra le vie del quartiere anche il Gran Balôn, versione arricchita ed espansa del mercato che non ha nulla da invidiare ai parigini *marché aux puces* e che, in ossequio all'anima multiculturale di Porta Palazzo, vede sempre più aumentare i banchi di artigianato etnico africano, asiatico e latinoamericano. Ma tutta l'area di Borgo Dora, con le sue botteghe, i suoi ristoranti e i suoi antiquari, è molto interessante. Là dove un tempo scorrevano i canali della Dora che alimentavano i mulini dei Molassi, oggi si trovano locali che spaziano dalla vineria (il "Brillo Sparlante", in via Borgo Dora 14) alla gastronomia marocchina ("Al Jazira", in via Borgo Dora 26). Tra le esperienze più originali della zona va citata soprattutto la **Gelateria Popolare [30]**, in via Borgo Dora 3, che produce gelati artigianali con soli prodotti di stagione di Porta Palazzo e provenienti dal commercio equo e solidale. All'altissima qualità del gelato (che non faticiamo a classificare tra i migliori di Torino) e all'atmosfera del locale (sulle note della musica di Fabrizio De Andrè), tra i punti di merito della gelateria si aggiunge l'impegno locale: non stupitevi se a servirvi il gelato gusto "crema di Porta Pila" sarà un ragazzo marocchino... insegnare un buon mestiere ai giovani del quartiere fa parte degli obiettivi e delle ragioni di esistenza del locale. All'angolo tra via Borgo Dora e corso Giulio Cesare merita poi una pausa di riflessione la vista del vecchio ristorante e albergo **San Giors [31]**. Il più antico ristorante di Porta Palazzo, famoso per il suo bollito alla piemontese, era stato trasformato negli ultimi anni nell'affascinante ristorante peruviano "El Emperador". Purtroppo, per le alterne vicende che sempre segnano le storie di migrazione, da qualche tempo il locale è chiuso e il vecchio "San Giors" aspetta nuovi proprietari e nuova vita. Vita che invece non manca mai nell'adiacente **Caffè Torrefazione Roma**, dove si respira ancora l'atmosfera liberty degli anni Venti.

Vale senz'altro una visita anche un altro pittoresco negozio di zona: **Al Kasbha [32]** in via Borgo Dora 22/D, che ben rispecchia nei suoi interni il suo nome, offrendo ai visitatori un'infinita varietà di artigianato maghrebino che spazia dai vasi alle lampade, dai tavoli alle piastrelle decorative, dai mobili ai tappeti. Anche se dall'esterno il negozio sembra angusto, i proprietari sono molto gentili e vi





accompagneranno certamente nel vasto piano sotterraneo del negozio, dove è esposta la maggior parte della merce nella luce fioca e colorata dei bellissimi lampadari marocchini.

Proseguendo l'attraversamento di Borgo Dora in direzione del fiume oltrepassiamo alcune **vecchie trattorie piemontesi [33]**, come l'"Osteria del Balôn" e l'"Antica Trattoria Valenza", rimaste uguali a loro stesse dall'epoca in cui Borgo Dora era "*Strassborg*", il quartiere di saltimbanchi, indovini, cavadenti, cantastorie e imbroglioni che vendevano per due lire portentosi unguenti e callifughi dei faraoni.

Giungiamo infine al **Cortile del Maglio [34]**, che dopo la recente ed eccezionale opera di restauro ospita oggi negozi e tutti gli anni in dicembre il frequentatissimo "Mercatino di Natale", e al **SERMIG [35]**, situato nel rinnovato Arsenale della Pace. Qui, dove un tempo si trovavano solo munizioni e polvere da sparo, opera una delle più note e attive istituzioni impegnate nella lotta contro la povertà, la discriminazione e ogni forma di violenza. Il SERMIG opera da anni anche a favore dei tanti migranti che giungono a Torino da tutto il mondo e che qui trovano un aiuto concreto e la necessaria assistenza per la propria condizione di salute, per l'inserimento lavorativo e per tutto quanto riguarda la propria condizione materiale e spirituale.

La nostra esplorazione di Porta Palazzo si conclude là dove era cominciata, su corso Giulio Cesare. Nel tratto della via che da piazza della Repubblica conduce alla Dora restano da ammirare il **ponte Mosca [36]**, il temerario ponte a una sola campata costruito dall'ingegner Mosca nel 1859, un'opera così avveniristica che il suo stesso costruttore dovette provocatoriamente passarvi sotto in barca con tutta la sua famiglia il giorno dell'inaugurazione per superare i timori delle istituzioni cittadine e convincerle che il ponte non sarebbe crollato al passaggio della prima carrozza; e la **bella chiesa di San Giocchino [37]**, anch'essa di origine ottocentesca, ma quasi interamente ricostruita dopo i tremendi bombardamenti del 13 luglio 1943: nell'atrio della chiesa rimane una triste colonna mozza a perenne ricordo della violenza di quei giorni terribili, in cui tutta Porta Palazzo fu squassata dai bombardamenti.

Nelle vie circostanti trovano sede numerose istituzioni che lavorano con successo nel campo dell'intercultura e dell'integrazione: l'**istituto Paralleli** e la **Conservatoria delle Cucine del Mediterraneo [38]** in via La Salle 17, l'**Oratorio San Giak** poco più avanti, l'**ASAI [39]** (l'associazione di animazione interculturale molto attiva anche nel quartiere di San Salvario con numerosi progetti a favore del dialogo tra i giovani italiani e stranieri) in via Genè 12, e, poco più lontano, in via Fiocchetto 15, il **Centro culturale italo-arabo Dar al-Hikma [40]**. Il Centro, situato nella vecchia struttura dei bagni pubblici del quartiere e diretto dal noto scrittore iracheno Younis Tawfik, ospita un *hammam*, il **bagno turco** ideale per chi voglia rilassarsi e ritrovare il benessere, il ristorante marocchino "Al Andalus" e una sala conferenze dove spesso si tengono presentazioni letterarie ed eventi culturali di grande interesse. È curioso ricordare che i primi bagni pubblici furono aperti a Torino nell'Ottocento proprio sul modello dei bagni turchi orientali, che nelle città del mondo arabo-musulmano garantivano buone condizioni di igiene per la popolazione e rappresentavano



un'ottima misura preventiva contro le epidemie che in quell'epoca flagellavano l'Europa. Oggi, dopo decenni in cui i bagni pubblici torinesi sono stati utilizzati principalmente dai migranti interni e dai cittadini più indigenti, vengono convertiti in *hammam* proprio per venire incontro alle esigenze degli immigrati provenienti da quegli stessi paesi che li avevano ispirati: così il cerchio si chiude, e le famiglie arabe e musulmane presenti in città possono rinnovare anche a Torino una pratica radicata nelle loro abitudini.

Il nostro viaggio nel mercato del mondo si conclude simbolicamente di fronte all'ingresso della tettona dell'orologio, sotto le scritte colorate che, poste qualche anno fa come decorazione natalizia nell'ambito del progetto "Luci d'artista" dagli artisti della Fondazione Pistoletto, sono rimaste come simbolo permanente di Porta Palazzo a declamare in tutte le lingue un proposito che racchiude lo *spiritus loci* della piazza: "amare le differenze".



*Mappa*

---

# PORTA PALAZZO

---

E s p l o r a n d o   i l   m e r c a t o   d e l   m o n d o

I quaranta punti di interesse turistico individuati sul territorio di Porta Palazzo possono essere organizzati e visualizzati sulla mappa distinguendo tra siti di valore architettonico, gastronomico, commerciale, socio-culturale.

*Patrimonio architettonico*

- [2] Porta Palatina
- [3] PalaFuksas
- [4] Monumento di Francesco Cirio
- [9] Stazione ferroviaria Ciriè-Lanzo
- [13] Galleria Umberto I
- [17] Esedra juvarriana
- [22] Ghiacciaie
- [34] Il Cortile del Maglio
- [36] Ponte Mosca
- [37] Chiesa di San Giocchino

*Patrimonio gastronomico*

- [5] Macelleria islamica Torino
- [7] Panetteria marocchina Al Jawda
- [8] Tettoia dei contadini
- [10] Tettoia dell'orologio
- [11] Macelleria romena Istoc
- [12] Venditori di menta
- [18] Pizzeria siciliana 'A picciridda
- [21] Mercato del pesce
- [24] Oriental Market
- [25] Asia Market
- [30] Gelateria Popolare
- [33] Vecchie trattorie piemontesi

*Patrimonio commerciale*

- [14] Antica farmacia dell'Ordine del Mauriziano
- [15] Cineseria Ming
- [19] Drogheria Rinaldi

---

**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus**

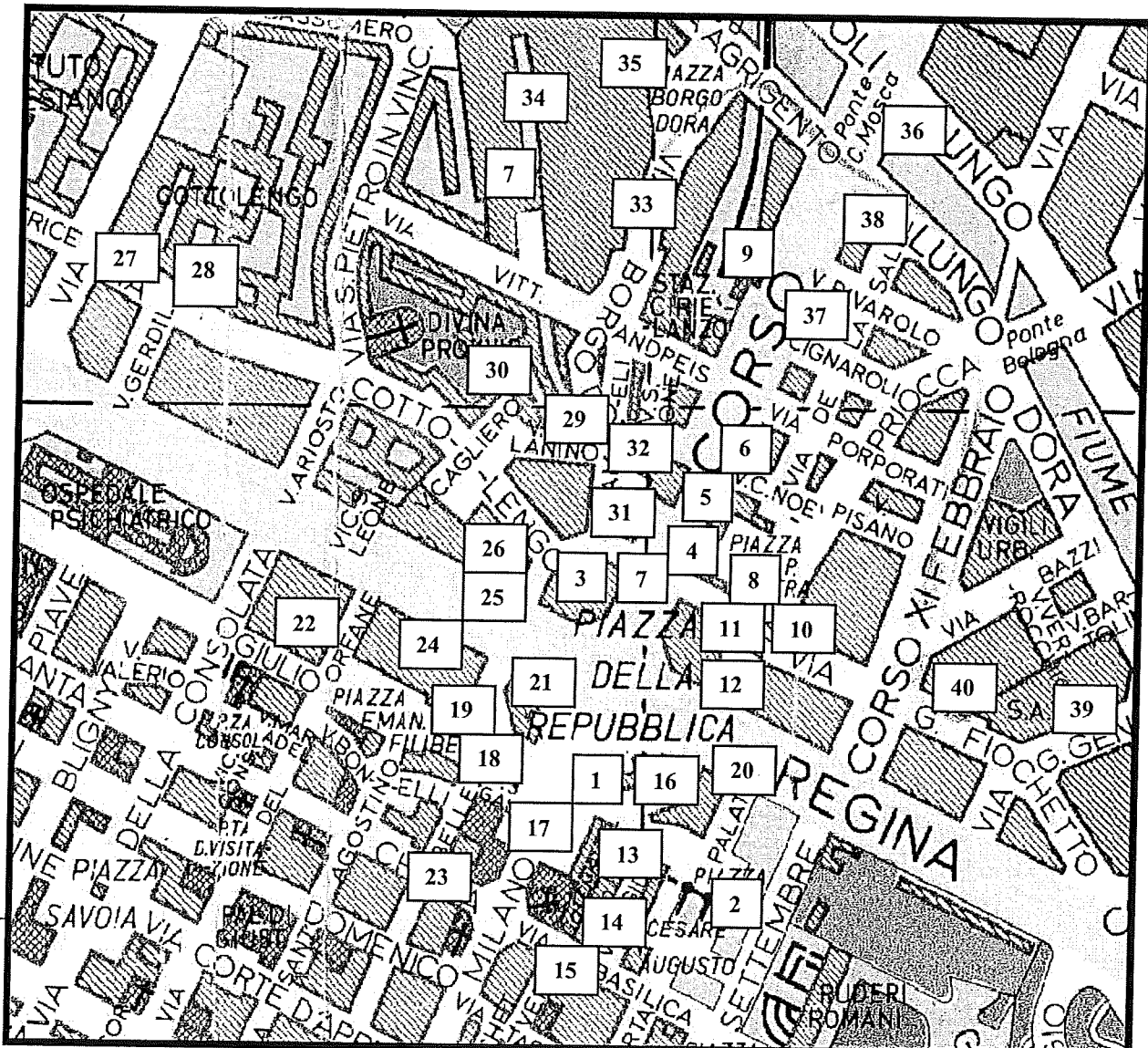
Uff. Registro Imprese: 1016818 – Iscrizione Albo delle Cooperative: A161747 del 05/01/2005  
 Lic. Ag. Viaggi n. UL/2005/00000065/7 del 12/05/2005 – Ass. RCT MONDIAL ASSISTANCE 3441/175498.  
 C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO - Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755  
 Sito web: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it) - P.IVA: 08998700010



- [20] Bottigliera Damarco
- [23] Vendita tessuti orientali
- [26] Farmacia tradizionale cinese
- [29] Balôn
- [31] Albergo ristorante San Giors
- [32] Al Kasbha

*Patrimonio socio-culturale*

- [1] Casa dei Cittadini
- [6] Moschea della Pace
- [16] Progetto The Gate – Porta Palazzo
- [27] Associazione Camminare Insieme
- [28] Chiesa ortodossa romena
- [35] SERMIG
- [38] Istituto Paralleli e Conservatoria delle Cucine del Mediterraneo
- [39] ASAI
- [40] Centro culturale italo-arabo Dar al-Hikma



la Repubblica  
MERCOLEDI 9 GIUGNO 2010  
TORINO

CRONACA

# Metropoli Torino

La città e gli immigrati

METROPOLI, LA PAGINA DEDICATA AI MIGRANTI, SI PUÒ LEGGERE OGNI MERCOLEDI SULL'EDIZIONE TORINESE DI REPUBBLICA

Potete scrivere le vostre storie a [torino@repubblica.it](mailto:torino@repubblica.it) o spedirle a Repubblica, via Bruno Buozzi 10, 10123 Torino

Vengono da ogni parte del mondo i "diplomati" del corso di Viaggi Solidali: da questo weekend le visite nel crogiolo di Porta Palazzo



## I "ciceroni" delle cento culture

*Moderni cantastorie, 24 stranieri guideranno i turisti nella città multietnica*

**TOMASO CLAVARINO**

**N**ON sono guide turistiche, potrebbero essere moderatrici cantastorie. Sono ventiquattro giovani stranieri, provenienti da Senegal, Marocco, Cina, Romania, Perù, Tunisia, che a partire da questo fine settimana, in concomitanza con il Torino FoodMarket, accompagneranno turisti e cittadini torinesi alla scoperta di quel crogiolo di culture che è Porta Palazzo. Porteremo i visitatori ad immergersi negli odori e nei sapori del più grande mercato multietnico d'Europa facendo scoprire i loro i suoi angoli più reconditi, i luoghi più frequentati dalle varie comunità immigrate e raccontando aneddoti riguardanti la loro cultura e le loro tradizioni.

Giungono a questo appuntamento dopo un corso di quattro mesi organizzato, tra gli altri, dalla cooperativa Viaggi Solidali: «abbiamo pensato di svolgere questo corso — spiega Enrico Mantelto, presidente di Viaggi Solidali — per due motivi principali. Innanzitutto perché pensiamo che nessuno meglio di uno straniero possa conoscere le varie culture presenti a Porta Palazzo. Poi perché crediamo che questo sia un modo per dare un'opportunità di inserimento al lavoro a

queste persone favorendo il turismo responsabile».

Trai "cantastorie" c'è Huan-Chi Wang, studentessa cinese di 21 anni: «Sono arrivata a Torino lo

scorso settembre per seguire il corso di Ingegneria elettronica al Politecnico — spiega — appena ho visto che c'era la possibilità di partecipare a questo corso mi so-

no subito iscritta. Vorrei partecipare agli angoli di Porta Palazzo dove è più forte la presenza cinese, penso ad esempio all'isolato di corso Regina Margherita, vic-

**L'iniziativa****Alla scoperta del nuovo Balon tra "Barbera, menta e kebab"**

UN'INSOLITA già per unire il profumo del羌itile con quello degli agnolotti. Dal 15 giugno al 13 luglio l'Ecomuseo urbano della Circonscrizione 7 torna a proporre "Barbera, menta e kebab". Un'iniziativa per scoprire (e riscoprire) il cuore di Torino attraverso i suoi sapori, le culture che si intrecciano, i suoi profumi e le atmosfere. Otto passeggiate serali, organizzate in collaborazione con il Teatro della Caduta e Grand Tour, accompagneranno i partecipanti attraverso la "medina" torinese, tra Borgo Dora e il Balon. Il percorso — la durata è di due ore e mezza — parte dal cimitero di San Pietro in Vincoli e si snoda lungo por-

ti e cortili, fino ad arrivare al cuore dell'antico borgo. Non mancano momenti di intrattenimento con musica, letture e canzoni, a cura degli artisti del Teatro della Caduta. Alla fine della passeggiata è prevista la degustazione di piatti che ripropongono le diverse culture del territorio. La partecipazione è gratuita, mentre il tour enogastronomico, facoltativo, costa 5 euro. A giugno il percorso è fissato nei giorni 15, 17, 22 e 29; a luglio nel primo, 6, 8, 13. Quello che non cambia è l'orario di partenza: alle 20.30, in via San Pietro in Vincoli 28. Info: 011/4434578.

(e.d.b.)

© ARQUIDICERESPINA

**Sapori e profumi nelle parole e nella musica curati dal Teatro della Caduta**

no al civico 122, dove ci sono tutta una serie di negozi e attività cinesi. Perché conoscere è la base della tolleranza». Miria Rait invece viene invece dalla Romania e fa la mediatrice culturale: «Porta Palazzo — dice — è il luogo migliore per imparare a convivere, tutti i giovani dovrebbero passare di qua. Certi luoghi mi fanno sentire quasi a casa. Penso alle macellerie romene sotto la tettoia dell'orologio, alla chiesa ortodossa in via Cottolengo, all'aparciscestra di corso Regina Margherita vicino a via Cigna. Ecco questi sono i posti che farei vedere in un tour dedicato alla cultura romena».

Sabato e domenica i visitatori si dovranno accontentare, vista anche la gratuità del tour, di giri di un'ora e mezza (ai quali ci si può iscrivere telefonando allo 011/5229826) che toccheranno i luoghi simbolo di Porta Palazzo. Da settembre poi i tour saranno invece più lunghi, capragamento, e permetteranno davvero di immergersi appieno in quell'atmosfera unica che si respira tra le vie del quartiere. Perché, come dice Miria, «grazie a Porta Palazzo non ho più bisogno di farmi mandare i pacchi con cibo ed oggetti da casa, qui si trova davvero di tutto, persino le erbe che usavo in cucina in Romania».

© ARQUIDICERESPINA

newsfoòd.com

Puoi ritrovare quest'articolo alla pagina: <http://www.newsfood.com/q/63bfd8/i/>

TURISMO RESPONSABILE

Intercultura, un'occasione di conoscenza sostenibile

## Viaggi Solidali al Food Market Festival di Torino

La sfida è "Il giro del Mondo in un giorno" con le guide Migranti di Viaggi Solidali

© Redazione NEWSFOOD.com - 01/06/2010



Domenica 13 giugno ore 10.00 e 11.30 In occasione della sesta edizione del Torino [Food Market Festival](#) si terrà in esclusiva la prima uscita ufficiale con le guide migranti di Viaggi Solidali ([www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)), che racconteranno la città interculturale a turisti e cittadini.

Sarà la dimostrazione pratica che l'[intercultura](#) è una grande occasione di conoscenza "sostenibile": basti pensare che attorno al mercato di Porta Palazzo si parlano oltre 60 lingue ed è possibile, volendo, fare il "giro del mondo in un giorno"!

L'Agenzia [Viaggi Solidali](#), nell'ambito della sua attività di tour operator di [turismo responsabile](#), ha ideato alcuni percorsi sulla Torino dell'[intercultura](#) rivolti a turisti di passaggio e ai cittadini torinesi che vogliono scoprire la ricchezza della nostra città in termini di accoglienza e [intercultura](#).

«I migranti sono attori chiave nello sviluppo del [turismo responsabile](#) a partire dalla loro capacità di essere ponte tra due territori e due culture», spiega Enrico Marletto, dell'agenzia [Viaggi Solidali](#). Le nuove guide migranti saranno, in qualche modo, dei "mediatori culturali" del turismo, che introdurranno i viaggiatori alla cultura, alla gastronomia e alle tradizioni delle proprie comunità di origine.

Ad accompagnare le passeggiate saranno giovani migranti di prima e seconda generazione, le cosiddette "guide migranti", che hanno seguito un corso di formazione, organizzato grazie al sostegno del programma IFAD "Agrobiodiversità, culture e sviluppo locale", promosso da Acra ed Ucodep ([www.agrobiodiversita.it](http://www.agrobiodiversita.it)) e dell'iniziativa Fondazioni4Africa ([www.fondazioni4africa.org](http://www.fondazioni4africa.org)), in collaborazione con l'Istituto Paralleli e il Centro Interculturale della Città di Torino.

Prenotazione per i tour di sabato e domenica 12 e 13 giugno:

[Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus](#): tel. 011 4379468, fax 011 4379755

*Conservatoria delle cucine mediterranee*: tel. 011 5229826-27, fax 011 5229841

*Ufficio Stampa Istituto Paralleli*: Tel. 011 5229810 Fax 011 5229841 [ufficiostampa@paralleli.org](mailto:ufficiostampa@paralleli.org) - [www.paralleli.org](http://www.paralleli.org)

[Paralleli.org](http://Paralleli.org)

Redazione Newsfood.com+WebTV

Testata giornalistica - n. 638 del 23/02/2010 - Registro stampa Trib. Alessandria - Direttore responsabile: Giuseppe Danielli © 2005 Editrice Taro - P.IVA 01873460065 - 15100 Alessandria [Contatti]

powered by  **FREQUENZE**  
software  
DOING MORE WITH LESS





---

## Porta Pila e San Salvario per capire la multietnicita' Porta Palazzo Alla scoperta del turismo responsabile

Pubblicazione: [29-04-2010, STAMPA, TORINO, pag.69] -

Sezione:

Autore: CAPRIOGLIO SILVIA

**Per informazioni:**

sito web: <http://archivio.lastampa.it>

email: [archivio@lastampa.it](mailto:archivio@lastampa.it)

SILVIA CAPRIOGLIO La scoperta della differenza parte dai profumi di miele e pistacchi dei dolci maghrebini. Si intrufola tra i colori dei banchi di Porta Palazzo, ammira i vestiti delle donne africane e gli antichi vasi di vetro di un'antica erboristeria. Non serve andare lontano per scoprire il turismo responsabile: da oggi si fa a Torino, tra San Salvario e Porta Pila, con la <<Giornata migranda>>, proposta dalla cooperativa sociale Viaggi solidali; una passeggiata nei due cuori multietnici della citta', Porta Palazzo e San Salvario, per scoprire, accompagnati da mediatori culturali, le botteghe, le associazioni, i mercati, i luoghi di culto dove i migranti vivono e lavorano tutti i giorni, incontrare negozianti, artigiani, artisti, personalita' religiose. Il tour comincia alle 9 dai banchi del mercato di Porta Palazzo e del Balon; si ripercorrono le storie di migrazione delle varie comunita' che vi sono arrivate nel corso degli anni, dagli spostamenti dalla campagna di inizio Novecento alle migrazioni dal Sud degli Anni 60 e 70 a quelle piu' recenti da Romania, Marocco, Cina. Si fa visita alla Moschea della Pace di corso Giulio, o alla Chiesa ortodossa romena di via Cottolengo, l'ambulatorio medico per migranti <<Camminare insieme>>, negozi come l'Oriental market, il supermercato cinese di corso Regina, la macelleria islamica di piazza della Repubblica e la storica erboristeria piemontese Drogheria Rinaldi di piazza Emanuele Filiberto, con tanto di assaggi di specialita' gastronomiche incluse. La passeggiata per San Salvario parte invece alle 14 dalla stazione Porta Nuova col racconto delle diverse generazioni di migranti che qui sono approdate, per passare poi a luoghi di culto come la Sinagoga, la Casa valdese e la Chiesa filippina, e a botteghe gastronomiche come <<El tambo>>, in via Berthollet, di cucina peruviana, <<La Dakaroise>> di via Baretto, senegalese, o il piu' celebre tra i <<kebabbari>> della citta', l'egiziano Horas, sempre con degustazione compresa. E' possibile un minitour, al costo di 15 euro, o partecipare all'intera giornata per 25 euro. Il prossimo appuntamento e' previsto per sabato 8 maggio ma e' possibile concordare date differenti contattando: [europa@viaggisolidali.it](mailto:europa@viaggisolidali.it) o tel. 011.4379468.



# LA STAMPA.it TORINO

ATTUALITÀ | OPINIONI | SPORT | TORINO | CULTURA | SPETTACOLI | TEMPO LIBERO | MULTIMEDIA | APPROFONDIMENTI | PIÙ LETTI E PIÙ VISTI

ABBONAMENTI

TORINO DIGITALE News



la comunità online dell'InformaGiovani di Torino

MUNICIPIO - LE TESTIMONIANZE  
31/3/2010

## Passaggiate contro i pregiudizi



DA WWW.DIGI.TO.IT - ANDREA ORRITOS

Spesso è difficile da comprendere, ma la vera realtà è quella che ci troviamo davanti agli occhi. A volte basta poco, come ad esempio uscire dal nostro ambiente quotidiano per qualche ora, passare con occhio attento in un luogo che non conosciamo ancora a pieno. Porta Palazzo e San Salvario sono senza dubbio due quartieri di Torino dove è interessante mettere alla prova le nostre opinioni, idee e pregiudizi. E passeggiare in queste strade con qualcuno che vi abita potrebbe essere utile a capire meglio la città in trasformazione.



### PASSEGGIATE INTERCULTURALI

Per guidarci alla scoperta di questa parte di Torino nascosta alla maggior parte di noi, la cooperativa sociale [Viaggi Solidali](#), che da 10 anni lavora come tour operator di turismo responsabile in Italia e nel mondo, da aprile organizza a Torino le "Passeggiate nella Città Migranda": nello spazio di un'intera giornata, si visitano i luoghi (negozi, associazioni, mercati, luoghi di culto) dove i migranti vivono e lavorano tutti i giorni. Si tratta di mini-tour di Porta Palazzo e San Salvario in cui i partecipanti saranno accompagnati da "guide migranti", cioè cittadini di origine straniera che condurranno a conoscere le proprie comunità d'origine. «Torino ha la fortuna di avere due quartieri come Porta Palazzo e San Salvario - spiega Enrico Marletto, presidente di Viaggi Solidali - che aggregano varie forme culturali che altrimenti non si incontrerebbero mai».

### RESPIRARE L'INTERCULTURA

La mattina del tour è dedicata a Porta Palazzo, dove il tour porterà fra le bancarelle del mercato di Piazza della Repubblica e del Balon, nei luoghi di aggregazione culturale e religiosa del quartiere (la Moschea della Pace, il [Sermig-Arsenale della Pace](#), il [Progetto Porta Palazzo The Gate](#), la Casa dei Cittadini...), permettendo anche di degustare qualche specialità tipica delle comunità migranti. Nel pomeriggio invece ci si sposta a San Salvario, dove generazioni intere sono approdate a Torino dalla vicina stazione di Porta Nuova: le guide faranno conoscere i principali luoghi di culto del quartiere (la Sinagoga, la parrocchia di Don Piero Gallo e la Chiesa Filippina) e le associazioni interculturali (come l'[Asai](#), Associazione di Animazione Interculturale) che operano sul territorio per favorire l'integrazione delle seconde generazioni di migranti.

### DATE E COSTI

Le passeggiate sono sempre di sabato e possono avere un massimo di 25 partecipanti; le prossime date sono il 10 aprile, l'8 maggio e il 12 giugno. La giornata intera di tour ha un costo di 25 euro ma è possibile anche scegliere di fare solo la visita del mattino o quella del pomeriggio (in questi casi il costo è di 15 euro). E' possibile prenotarsi direttamente sul [sito di Viaggi Solidali](#).

Voi avete mai passeggiato fra le bancarelle di Porta Palazzo o conosciuto gli operatori che lavorano sul territorio a San Salvario? Raccontateci le vostre esperienze o le vostre idee su questi due quartieri multiculturali di Torino.

Commenta questo articolo su [www.digi.to.it](#), la comunità on line dell'InformaGiovani di Torino  
Leggi e commenta gli altri articoli di Digi.TO



**Hurricane\_53** [ Al 26/08/10 1.699.326 visite REALI. Dal 17/03/10 il contatore del Cannocchiale è stato inchiodato a 1 visita!!! ]

**ANEXO G**

**Diario**



10 marzo 2010

**Torino: guide migranti per visitare i quartieri multietnici della città**

*Al via a Torino il primo corso di formazione per "guide migranti", cittadini di origine straniera che condurranno i turisti a conoscere le proprie comunità di origine nei quartieri più multietnici della città.*



A Shuny

**Le visite indicate in alto, a fianco di Hurricane\_53 non sono frutto di manomissioni, ma il risultato delle Vostre presenze, Grazie!**



Venti i partecipanti da Marocco, Senegal, Perù, Romania, Albania, Cina, ma anche italiani provenienti dalla Sicilia e dalla Calabria.

ShinyStat™  
Online 4  
Visite tot. 79946

«I migranti sono attori chiave nello sviluppo del turismo responsabile a partire dalla loro capacità di essere ponte tra due territori e due culture» spiega Enrico Marletto, dell'agenzia Viaggi Solidali, che per prima promuove "le passeggiate migrande a Torino" e che organizza il percorso formativo per guide migranti. Uno o più giorni alla scoperta dei luoghi più caratteristici del "meticcio" torinese.

Talvolta per fare il giro del mondo non occorrono ottanta giorni, ma solo qualche ora. E' questa la grande opportunità che fornisce il grande mercato torinese di Porta Palazzo, dove i contadini delle campagne e delle valli piemontesi, vendono fianco a fianco con i coltivatori cinesi, le donne marocchine con le borse ricolme di pane e mssemen appena sfornato, i macellai e formaggiai romeni che affettano parizer e caçkaval, e i pescatori siciliani che urlano pesce, pesce fresco bella ragazza, in un intreccio unico di sapori e profumi. O San Salvario, il quartiere più multietnico della città che sperimenta una positiva forma di integrazione tra le seconde generazioni di immigrati e con la nascita di numerose associazioni culturali.

Le nuove guide migranti saranno, in qualche modo, dei "mediatori culturali" del turismo, affiancando le guide

◀ MARZO 2010 ▶

Lu	Ma	Me	Gi	Ve	Sa	Do
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11

rubriche

[Diario](#)

[Documenti](#)

[Soldati nella leggenda](#)

[Ricordi in musica](#)

autore

[Ultime cose](#)  
[Il mio profilo](#)

link

- [Liberali per Israele](#)
- [Fort](#)
- [Deborah Fait](#)
- [Ercolina Milanesi](#)
- [The Right Nation](#)
- [Kritikon](#)
- [Cronache luterane](#)
- [Daniela Condemi](#)
- [Cerco Casa](#)
- [Controcorrente](#)
- [Mille e Una Donna](#)
- [Orcinus](#)
- [Aurora86](#)

cerca

in questo blog  in tutti

Blog letto 1 volte

Rss 2.0

Atom

tradizionali alla città e introducendo i viaggiatori alla cultura, la gastronomia e le tradizioni delle proprie comunità di origine. Il percorso prevede una serie di incontri teorici con esperti per approfondire le tematiche del turismo responsabile ed alcune uscite sul territorio alla ricerca delle tracce della propria cultura. Un programma variegato di attività che vanno dalla ricerca di prodotti alimentari nel mercato al lavoro di censimento dei luoghi di aggregazione culturale e religiosa della città.

Nella parte relativa alla formazione dei viaggiatori, il percorso "guide migranti" è sostenuto anche da Fondazioni4Africa: i migranti senegalesi, fra cui alcuni dell'Associazione Culturale Trait d'Union, verranno formati per gestire gli incontri con i viaggiatori che partiranno per il Senegal: a giugno ci sarà il primo test di questi incontri.

Fondazioni4Africa è un'iniziativa che vede impegnate per la prima volta insieme quattro tra le principali fondazioni italiane di origine bancaria: Compagnia di San Paolo, Fondazione Cariparma, Fondazione Cariplo e Fondazione Monte dei Paschi di Siena. La missione filantropica e la logica della sussidiarietà, unite alle esperienze progettuali delle Fondazioni hanno dato vita ad un lavoro di partnership economica e di progettazione partecipata nell'ambito della solidarietà internazionale, realizzato in stretta collaborazione con numerose organizzazioni non governative italiane e associazioni di migranti africani. Il progetto Fondazioni4Africa prevede due interventi, nel Nord Uganda e nel Senegal, finanziati con le risorse messe a disposizione dalle quattro Fondazioni, alle quali ha già deciso di unirsi anche la Fondazione Umano Progresso per un impegno complessivo di 11,1 milioni di euro per i primi 3 anni.

Affari Italiani

[torino turismo alternativo corso migranti guide turistiche luoghi multietnici](#)

[permalink](#) | inviato da [Hurricane\\_53](#) il 10/3/2010 alle 12:0 | [commenti \(0\)](#)

sfoglia [febbraio](#) [aprile](#)

**Nuovo utente?** registrati e apri un blog

**Già registrato?** accedi ai servizi dalla home page

partecipa al forum . contatti . scrivi alla redazione . sostieni il Cannocchiale pubblicità .

**Prestiti Personali**

da 5.000€ a  
80.000€ a  
Pensionati e  
Dipendenti.  
Preventivo Gratis!  
[www.Prestiter.it](http://www.Prestiter.it)

Annunci Google



## Jambo Africa

### Notizie ,fatti e commenti da e per il Continente Nero

04/03/10

#### Torino/ Il giro del mondo in città

La città di Torino ha varato in questi giorni un'iniziativa interessante che, per certi versi,io definirei molto "intrigante".

E' nato cioè il primo corso di formazione per "guide migranti".

Di che si tratta?

Sono giovani (una ventina) provenienti da diverse parti del mondo come il Marocco, il Senegal, il Perù, la Romania, l'Albania, la Cina ma anche ragazzi e ragazze italiani, in particolare dell'Italia meridionale, che saranno formati con lo scopo di far conoscere ai turisti di passaggio le proprie comunità d'origine nei quartieri più multietnici della città.

L'idea è venuta ad Enrico Marletto dell'agenzia "Viaggi solidali".

In questo modo sarà possibile conoscere, stando a casa propria ossia in Italia, usi, costumi, culture di diversi popoli, che ormai convivono stabilmente nel nostro Paese e dai quali abbiamo sicuramente anche da imparare specie se vogliamo davvero "fare ponte" con loro.

Nel caso di Torino il grande mercato di Porta Palazzo o il quartiere di San Salvario sono una miniera d'informazioni e di curiosità in tal senso.

Senza contare che questo per Marletto è solo un primo passo.

Se è vero che si ama solo ciò che si conosce, "Viaggi solidali" in seguito guiderà in Marocco, Senegal, Cina e altri Paesi tutti coloro che, incuriositi ed interessati, programmeranno per le loro vacanze un viaggio autentico in uno di essi.

Queste "guide migranti" saranno quindi dei veri e propri mediatori culturali, in grado di spiegare ai loro utenti che non ci sono poi tante differenze tra l'operato di un contadino marocchino o senegalese o cinese o albanese e i contadini nostrani.

E così anche per le altre arti e mestieri dell'uomo e della donna.

Una proposta e un impegno splendido, a mio avviso, che parte da una città che vive molto più serenamente delle altre italiane il suo "multiculturalismo", forse anche per la sua storia, che nel secolo passato l'ha vista protagonista di missionarietà in Africa e non solo, con il beato Giuseppe Allamano e con un santo sociale del calibro di Don Bosco.

A cura di Marianna Micheluzzi(Ukundimana)





## Turismo responsabile della Torino dell'immigrazione e della multiculturalità

Magboul Essediya ci viene incontro spingendo una carrozzella. La giovane mamma marocchina assieme alla rumena Mirela Aurora Rau ed alla cinese Zhu Tianhui ci guideranno nel mercato di Porta Palazzo, in piazza della Repubblica e nelle vie circostanti, alla scoperta dei luoghi dove vivono, dove vanno a fare la spesa, dove tante diverse culture si incontrano. Quello di Porta Palazzo è il mercato più grande d'Europa con mille banchi, che si stima attirino fino a centomila persone. Qui vicino, nelle vie del Borgo Dora, il

strada. Risaltano di più nella percezione della gente, che ha la sensazione di un'espropriazione del territorio, non più abitabile, vivibile. E per questo molti italiani hanno abbandonato il quartiere." Nella stessa via La Salle vi sono però elementi che spesso sfuggono a chi non vive qui, sono le associazioni impegnate nel sociale, che lavorano per costruire un'alternativa, l'oratorio, l'Istituto Paralleli che promuove il dialogo tra le società dei Paesi del Mediterraneo. La visita vuole dare una risposta ai pregiudizi, al ritratto cupo che della zona danno molti torinesi. "Noi facciamo vedere che c'è la vita dei negozi, dei commercianti, la vita quotidiana. Noi raccogliamo le testimonianze di scrittori, intellettuali, laureati, insegnanti che nel loro paese svolgevano attività di tutt'altro genere e che qui trasportano i carretti". Saremo accompagnati dalla lettura di passi da "Torino è casa nostra", curato da Vietti, in cui sono gli immigrati a raccontare Torino, rivelando le loro identità a diverse sfaccettature, al tempo stesso musulmani, marocchini, torinesi, in contrasto con l'immagine statica che spesso si ha degli immigrati.

Ci spostiamo verso la Stazione di Cirié-Lanzo, punto di arrivo dei primi immigrati dalle campagne e dalle vallate piemontesi: 200.000 nella prima metà dello scorso secolo. Con l'immigrazione dall'Italia meridionale nel secondo dopoguerra, la città dai 700.000 abitanti del 1950 raggiunge 1.200.000 nel 1975, per scendere a 800.000 negli anni ottanta e novanta e risalire poi con l'immigrazione straniera. L'immigrazione non nasce oggi, ha una storia di un secolo e mezzo: solo il 9% degli abitanti ha genitori torinesi, il 35% sono figli di meridionali e il 12% di immigrati internazionali arrivati più recentemente. Torino è città di immigrazione e a Porta Palazzo di multiculturalità, di compresenza nello stesso territorio di comunità che parlano sessanta lingue diverse, con una percentuale di oltre il 30% di figli di immigrati nelle scuole primarie.

Nel cortile di corso Giulio Cesare 6, la Moschea della Pace è aperta alla società civile torinese e partecipa al dialogo interreligioso. La nostra guida marocchina, da sette anni in Italia, abita in un palazzo del corso; i vicini sono sub-sahariani, marocchini, tunisini, egiziani, rumeni, cinesi, sono rimasti solo alcuni italiani anziani: "Stiamo rifacendo il percorso fatto da loro".

All'angolo con corso Giulio Cesare, una stele ricorda Francesco Cirio, che nell'ottocento aveva il suo carretto a Porta Palazzo; è l'artefice dell'industria conserviera ed inventò i vagoni frigorifero.

Sotto la stele, una macelleria halal indica i nuovi gusti alimentari. Entriamo con Magboul Essediya che ci spiega come si cucina il cuscus, come vengono servite le pietanze e poi nella vicina panetteria-pasticceria

"Al Jawda" con specialità maghrebine. Al mercato alimentare della Tettoia dell'Orologio, Mirela descrive i prodotti (ciorba, bors, salumi, cackaval, vini) delle rivendite rumene. E' una comunità numerosa, sono 40.000, con la vicina chiesa ortodossa rumena, dove pregare, incontrarsi ma anche cercare offerte di lavoro. È conosciuta, saluta chi passa, lavora all'associazione "Camminare Insieme" di via Cottolengo, che offre assistenza sanitaria gratuita ad immigrati, anche a quelli senza permesso di soggiorno, a cittadini Rom, a chi non può usufruire del servizio sanitario locale, a chi, anche italiani, si trova in condizioni di grave disagio economico, o a chi semplicemente ha bisogno di trovare qualcuno che li possa ascoltare. Entriamo nella Galleria Umberto I, la parte più elegante di Porta Palazzo, con l'agenzia storica The Gate che attua sul territorio le politiche della pubblica amministrazione. È sorta con lo scopo di riqualificare il quartiere, migliorare le condizioni abitative, sostenere l'associazionismo locale, la promozione culturale di Porta Palazzo. La domenica mattina organizza nella piazza lezioni di lingua all'aperto (italiano, cinese, arabo...), incoraggia l'aggregazione. Accompagnato nella progettazione dall'Unità di Accompagnamento Sociale del Progetto The Gate, la "Casa dei Cittadini" (in Piazza della Repubblica 4, nel cortile interno di uno storico edificio a ballatoio) è un'associazione che lavora sulla convivenza e le necessità sociali di Porta Palazzo per migliorarne la vivibilità; è uno spazio d'ascolto in cui accogliere le istanze, le problematiche, i disagi degli abitanti, e presentarli alle autorità perché vengano risolti.

Nel Mercato del Pesce l'immigrazione è dall'Italia meridionale e qui si riforniscono anche ristoratori cinesi che, dopo la chiusura di loro locali per le carenze igieniche e la paura della Sars, si sono riciclati gestendo ristoranti giapponesi sushi. Zhu Tianhui ci porta nella parte del mercato riservata ai coltivatori/venditori diretti e ci fa vedere gli ortaggi dei banchi tenuti dai suoi concittadini; chiediamo come si cucinino cavoli, melanzane bitorzolute e zucche.

I cinesi, una delle comunità più numerose, sono presenti a Torino dall'ottocento quando iniziarono a venire dalla Francia per lavorare nel settore delle pelletterie. Ora oltre che nel mercato ortofrutticolo sono attivi nella vendita dei tessuti, nei negozi di alimentari che vendono anche prodotti per altre comunità. E dai parrucchieri cinesi, all'inizio di corso Regina Margherita, sono numerosi i ragazzi italiani che vengono a farsi tagliare i capelli. Anche in questo modo vengono superate le divisioni etniche fra le diverse comunità.

Le Ghiacciaie di via delle Orfane 32, un tempo utilizzate per la conservazione



Lezione di italiano in piazza

sabato ha luogo il Balon, il mercato delle pulci, e la seconda domenica del mese il Gran Balon. Più che fermarci ad ammirare elementi statici, i monumenti, si cercherà il contatto con l'imam della moschea, il prete della chiesa rumena ortodossa, gli esponenti dell'associazionismo, i negozianti.

Incontriamo i nostri mediatori culturali in via La Salle assieme a Francesco Vietti, giovane antropologo torinese, che ha scelto di vivere in quella che per le cronache cittadine è una delle strade peggiori, nota solo per lo spaccio della droga.

Carlo Verra, presidente del "Coordinamento Comitati Spontanei Torinesi" e Giuseppe Bellia, presidente dell'associazione "La Rinascita di Porta Palazzo", entrambi commercianti della zona, denunciano la criminalità diffusa, l'insicurezza di chi vive e lavora a Porta Palazzo. Sostengono che con l'arrivo tumultuoso di immigrati negli ultimi anni si è voluto fare della piazza il contenitore del degrado della città; il problema non sono gli extracomunitari, che anzi sono persino i più arrabbiati, ma chi vive di abusivismo, di spaccio, di scippi e chiedono alle autorità più attenzione al problema dell'ordine pubblico ed al rispetto della legalità.

Anche per Vietti "i problemi non mancano, ma sono gli aspetti più appariscenti quelli che fanno pensare che gli immigrati siano gli artefici dei fatti più criminosi che avvengono nel nostro paese. Gli episodi devianti che vengono riferiti sono molto visibili perché sono i cosiddetti reati di



Il mercato di Porta Palazzo

del ghiaccio, con trecento piccoli ricoveri scavati nel tufo, sono ora il magazzino dei carretti portati la sera dal mercato.

È un lavoro faticoso e rischioso, fatto anche da laureati e insegnanti lungo una rampa molto pendente che conduce a venti metri sotto il livello stradale.

Un tè alla menta al ristorante Al Jazira in Borgo Dora conclude la visita.

Altri immigrati hanno fatto una scelta diversa; quattordici comunità con decine di unità famigliari albanesi, rumene, cinesi, moldave, marocchine, hanno preferito le valli piemontesi e nella bassa valle gli immigrati sono ormai l'8% della popolazione. Lavorano nel settore edile, della ristorazione, come badanti. In Val d'Aosta i pastori sono per l'80-90% marocchini ed albanesi, la montagna sta cambiando, i nostri montanari l'abbandonano, vengono rimpiazzati dagli extracomunitari. Sarà un nuovo itinerario di turismo responsabile.

Informazioni in [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) con proposte anche per le scuole.

**Giuliano Prandini**  
testimonial CTA

## Il disastro delle ferrovie

Ne parla un libro-inchiesta appena uscito, dal titolo "Fuori orario", autore un giornalista, Claudio Gatti, inviato speciale del "Sole 24 Ore" negli Stati Uniti (edizione Chiare Lettere, ottobre 2009). Come si legge nel risvolto di copertina le ferrovie italiane sono lo specchio della situazione e della storia di questo Paese. La guerra tra le aziende di pulizia, cui è dedicato un intero capitolo, intitolato "perché i treni sono sempre sporchi", treni in ritardo fatti passare per treni in orario, locomotive rotte che continuano a rompersi, treni vecchi fatti passare per nuovi, percorsi cambiati per puro interesse elettorale, con una spesa gestionale di sei miliardi di euro all'anno che affluiscono nelle casse di FS, il tutto che comporta per ciascuna famiglia italiana una tassa occulta di almeno 273 euro all'anno, più del canone Rai.



In un breve excursus storico Gatti ricorda che l'azienda FS, dal punto di vista societario, rimase sostanzialmente invariata, e cioè integralmente statale, fino alla costituzione del nuovo Ente Ferrovie dello Stato nel 1985, poi trasformato in società per azioni nel 1992. E ciò in linea con la politica della Comunità europea volta

a liberalizzare i sistemi ferroviari nazionali. Attualmente le ferrovie italiane sono organizzate attraverso una holding capo-gruppo Ferrovie dello Stato SpA, la Rfi ossia rete ferroviaria italiana, che gestisce l'intera infrastruttura (binari, stazioni, impianti merci e officine) e Trenitalia, alla quale è affidato il trasporto di merci e passeggeri.

Ma al di là delle numerose e utili informazioni, il lavoro di Claudio Gatti è fortemente polemico nei confronti dell'attuale dirigenza delle ferrovie e in particolare dell'amministratore delegato Moretti, cui è dedicato un intero capitolo intitolato "il decisionismo di Moretti". Numerose e dettagliate critiche vengono rivolte da Gatti a Moretti, tra le quali scelgo di menzionare quella che mi sembra una delle più significative. Nel 2008, a due anni dalla sua nomina, l'ad Moretti menzionava con soddisfazione il licenziamento di

7500 lavoratori e di ben 200 dirigenti. Mentre sembra ovvio che le ferrovie siano state costrette a ridurre il personale, (ridotti da oltre 200.000 persone a meno di 100.000 nel corso degli ultimi anni), Gatti osserva che almeno la metà dei dirigenti licenziati erano "buoni professionisti che le ferrovie hanno ormai perso per sempre".

Tornando alla realtà della situazione, se molti treni sono sporchi e impresentabili, è altresì vero che anche sul fronte della puntualità le cose vanno male, se è vero che nel 2008 ben 1754 Eurostar sono arrivati in ritardo, ma registrati come puntuali. Come è possibile? Semplicemente i dati vengono alterati, oppure si ricorre al trucco del c.d. "ritardo incorporato". In pratica se un treno che dovrebbe arrivare ogni giorno alle 13.40 arriva regolarmente in ritardo di dieci minuti, si modifica l'orario di arrivo portandolo alle 13.50. Molti altri ben più gravi problemi trovano spazio nel libro di Gatti, come quello dei troppi appalti senza gara o delle dimissioni dell'immenso patrimonio immobiliare delle ferrovie, che l'attuale dirigenza gestisce con troppa disinvoltura al di fuori di ogni controllo da parte del potere politico.

Di grande interesse è il capitolo che Gatti dedica all'alta velocità, intitolato "l'attrazione fatale per l'alta velocità", del quale mi piace sottolineare il paragrafo dedicato ai gravi danni ambientali provocati dal passaggio della linea dell'alta velocità nel tratto Firenze-Bologna nel Mugello. Un solo dato impressionante: la scomparsa di cinquantasette chilometri di corsi d'acqua, oltre a 67 sorgenti e a cinque acquedotti privati. Il nuovo Mugello post TAV, dice il giornalista, si presenta disastroso, dove l'acqua è scomparsa e l'erba non cresce più.

**Sergio Franco**



**Bencich Anita**  
*massaggio  
tradizionale cinese*

Trieste - v. Torrebianca, 43 - Fax: 040 638323  
Cell.: 339 3204963 - [www.bencichanita.it](http://www.bencichanita.it) - [info@bencichanita.it](mailto:info@bencichanita.it)



**Direttore**  
Giuliano Poletti  
**Direttore responsabile**  
Massimo Tognoni  
**In redazione**  
Laura Lupo  
**Segretaria di redazione**  
Anna Colombaro  
**Direzione, Redazione e Amministrazione**  
Via G. Antonio Guattani, 9 - 00161 Roma  
Tel. 06-84439373 / 84439372 / 84439335  
E-mail: cooperazioneitaliana@legacoop.coop  
Fax: 06-84439402 - Conto corr. postale: 82539024  
**Progetto grafico e impaginazione:** Fabio Moricini  
**Stampa:** Galeati Industrie Grafiche s.p.a.  
Via Selice, 187 - 40026 Imola (Bo) - www.galeati.it  
**Editor:** Edizioni Cooperative s.r.l.  
Via Sestivo, 1 - 00141 Roma  
**Autorizzazione del Tribunale di Roma**  
n. 517 del 28.11.2000  
**Poste italiane S.p.A. - Spediz. in a.p. D.L. 353/2003**  
(conv. in L. 27/02/2004 n.46) art. 1 comma 1  
DCB - Roma

Mensile di notizie e informazioni - Organo ufficiale della Lega Nazionale delle Cooperative e Mutue

## Pieno il successo di Ecomondo, Key Energy e Cooperambiente: 65.109 visitatori (+2,8 sul 2009)

Quattro giorni determinanti per lavorare a un mondo sempre più attento al sostegno ambientale. Nei sedici padiglioni di Rimini Fiera sono transitati dal 3 al 6 novembre tutti i più autorevoli rappresentanti del sistema ambiente, a partire dal Ministro Stefania Prestigiacomo che al taglio inaugurale ha commentato: "Questa è la rassegna dell'Italia che vorrei, la rassegna dell'Italia di domani".

Nell'expo, 1500 imprese hanno dato vita a tre manifestazioni in contemporanea: la 14ª Ecomondo, la 4ª Key Energy e la 3ª Cooperambiente. In fiera aria di fiducia nel futuro: la green economy punta sull'innovazione, sulla necessità diffusa in tutto il mondo di tecnologie pulite che faccia ripartire l'economia mondiale in modo più sostenibile rispetto al passato.

In mostra, il sistema di imprese con le tecnologie per l'efficienza energetica, il recupero e il riutilizzo di rifiuti vecchi e nuovi, per gli interventi sul recupero e riuso dei rifiuti elettronici, dei veicoli a fine vita, cura delle aree dismesse e bonifica dei siti contaminati.



La kermesse di Rimini Fiera ha totalizzato 65.109 visitatori (+2,8 sul 2009); incremento d'eccellenza dei visitatori stranieri: 5.218 (+3% rispetto allo scorso anno).

Circa duemila i business meeting organizzati da Rimini Fiera e dai partner istituzionali fra buyer provenienti da tutto il mondo e imprese protagoniste dell'evento. Il successo

deriva dall'efficacia della piattaforma telematica che, in anticipo sulla fiera, programma gli incontri e agevola l'incontro fra domanda e offerta.

In visita alla collettiva di aziende svedesi anche l'Ambasciatore di Svezia in Italia, Ruth Jacoby, al suo debutto in forma ufficiale in un evento nel nostro Paese.

Fra gli eventi (complessivamente 300 nelle tre manifestazioni con oltre 800 relatori) ricordiamo quello inaugurale, il **Forum Internazionale Ambiente ed Energia** organizzato da The European House-Ambrosietti per Conai, Legacoop, Legambiente, Regione Emilia-Romagna e Rimini Fiera. Anche qui presente il Governo, con il Sottosegretario all'Ambiente On. **Roberto Menia**, oltre a personaggi del calibro di Jean-Paul Fitoussi, Giacomo Vacchiago, Dipak Pant.



## Lo sviluppo sostenibile, una prospettiva connaturata alle cooperative

Intervista a Giuliano Poletti, Presidente Legacoop

Questa edizione di Cooperambiente arriva in un momento particolare per Legacoop. Dopo la crisi economica forse più pesante dal secondo dopoguerra; alla vigilia del suo Congresso, previsto per la primavera. In un momento, cioè, in cui occorre aiutare le imprese a mettere ordine dopo la tempesta e, nello stesso tempo, nel quale mettere le basi per il proprio futuro, anche come associazione. Un momento buono, dunque, per ripensare se stessi e farlo anche alla luce degli stimoli che possono arrivare da questo appuntamento rinimense. Proviamo ad approfondire il tema in questa chiacchierata con il presidente nazionale Giuliano Poletti.

**Cooperazione e sviluppo sostenibile, come va il binomio?**

"Naturalmente bene. È la natura stessa della cooperazione, infatti, a spingere le nostre imprese in questa direzione. La cooperazione rappresenta un'idea di sviluppo sostenibile o meglio, rubando le parole al professor Sen, una "idea di libertà sostenibile", in cui le persone e le comunità possono perseguire ciò che ha valore per loro anche andando oltre gli interessi e i bisogni personali. È l'idea stessa dell'intergenerazionalità delle cooperative, di imprese che vengono governate pensando non solo a chi ci lavora oggi, ma anche alle generazioni future".

**Eppure non sempre le cooperative sono sembrate in prima fila in questa 'rivoluzione verde'.**  
"È vero, la consapevolezza di questa attitudine deve ancora crescere, comunque, anche tra le

nostre fila. Anche per questo organizziamo un appuntamento come Cooperambiente".

**È appena terminata una recessione violentissima, che ha scosso alle radici il nostro tessuto produttivo. Come se l'è cavata la cooperazione?**

"Non siamo un'impresa anticiclica, quindi abbiamo subito come ogni altra impresa i colpi della crisi. Ma abbiamo evidenziato una maggiore capacità di resistenza. I soci di una cooperativa sanno che anche se chiudono non torneranno in possesso del capitale residuo, quindi resistono più a lungo. Non abbandonano la nave. Possono contare su forme di solidarietà interna che rendono l'organizzazione più flessibile. Non deoaleizzano, non se ne vanno all'estero. Ora si tratta di ripartire, e di farlo con il piede giusto".

**Che cosa ci ha insegnato, sotto questo profilo, la crisi che sta terminando?**

"La crisi ha spinto tutti a una lettura molto critica del 'turbo-capitalismo' e del dominio della finanza sull'economia reale. Siamo tutti portati a rivalutare il lavoro, la comunità. I ritmi di crescita, la sostenibilità sociale e ambientale hanno assunto un valore nuovo e le cooperative, proprio per il dna cui facevo riferimento, possono interpretare al meglio queste istanze. Vogliamo cogliere questi elementi realizzando un passo in più, innovando il nostro modo d'essere".

**Innovazione è un'altra parola chiave per la ripresa. Come giudica il posizionamento delle cooperative su questo versante?**

"La sostanza è migliore dell'apparenza: le nostre imprese realizzano molta più innovazione - di processo e organizzativa, oltre che di prodotto - rispetto a quanto appare. Si tratta di far leva su chi ha imboccato la direzione giusta e lavorare affinché si diffondano le buone pratiche. Anche per questo abbiamo avviato il progetto Coopernova, mirato all'innovazione nel mondo cooperativo, e dedicato il premio Coopnet 2.0 alle imprese più innovative. Lo assegneremo proprio qui a Rimini, a rimarcare il fortissimo legame che deve esistere e crescere tra sostenibilità e innovazione, superando l'antinomia classica tra ambiente e tecnologia".

**Torniamo allo sviluppo sostenibile. Oggi si svolgerà il primo "Forum su ambiente ed energia", di cui curerete nel pomeriggio una sessione dedicata alla "generazione distribuita" di energia elettrica. A che punto siamo?**

"Quello che ha citato è, soprattutto per la cooperazione di utenza, uno degli ambiti più promettenti. Quel che sta accadendo all'estero, dove la "rivoluzione verde" è partita prima, lo testimonia in modo eclatante. In Danimarca, ad esempio, sono ormai 200mila le famiglie che si sono messe insieme per finanziare l'installazione di turbine eoliche. Lo stesso sta avvenendo in Germania e Inghilterra, mentre oltreoceano si parte da una base di oltre 40 milioni di cittadini soci delle cooperative elettriche rurali".

**E nel nostro Paese?**

"Siamo partiti più tardi ma stiamo recuperando velocemente. Penso ai tanti gruppi di acquisto avviati per il foto-voltaico, come il progetto lanciato dal consorzio di cooperative sociali Ahn che provvederà a progettare e installare gli impianti dando ai cittadini la possibilità di annullare l'energia domestica consumata con quella prodotta semplicemente pagando una quota d'accesso. Oppure alla cooperativa di abitanti Murri che a Bologna sta realizzando un parco foto-voltaico da 80mila metri quadrati sui tetti delle serre, dentro cui si continueranno così a coltivare gli ortaggi, senza sottrarre terreno all'agricoltura. Ancora: penso alla cooperativa di utenti di Ravenna, aperta a tutti i cittadini, che si presenterà proprio qui a Cooperambiente e realizzerà un impianto da 1 MW su una discarica comunale".

**Insomma, siamo partiti più tardi ma stiamo recuperando rapidamente terreno.**

"Certo. Queste esperienze fanno da apripista al servizio di un modello di energia distribuita che dovrà guidare nei prossimi anni il superamento del modello delle energie fossili. È un processo lungo, ma entusiasmante e alla nostra portata. Anche per questo proseguiremo a investire in iniziative come Cooperambiente: diffondere la conoscenza delle buone pratiche realizzate dalle cooperative è il primo passo per promuovere anche tra i nostri associati questa grande trasformazione".

# Dalla terra alla tavola

La filiera corta cooperativa di qualità nella Piana del Sele (Salerno)

# ANEXO J

È un'impresa nel campo dell'agroalimentare oggi, tenuto conto della fase di crisi di sistema e della domanda sempre più pressante di qualità del prodotto, impone di dover mettere d'accordo la minore capacità di spesa dei consumatori con la genuinità della proposta commerciale dei produttori. A questa sfida hanno risposto a luglio di quest'anno un gruppo di dieci imprenditori agricoli della Piana del Sele, che hanno dato vita alla Cooperativa 'Dalla Terra alla Tavola', costola della Cooperativa Paestum di Capaccio (Sa) che mette insieme ben 150 soci dal 1975, impegnati nel campo zootecnico (allevamenti bovini e bufalini) ed ortofruttilicolo.

L'idea nasce dall'esigenza non solo di dare risposte alle domande di cui accennavamo in apertura, ma anche dal desiderio di sperimentare un rapporto nuovo con il mercato, più diretto, tale da legare maggiormente i produttori alla loro terra, alle tipicità che essa esprime e per cui è conosciuta in tutto il mondo, ma principalmente ai consumatori ai quali garantire la qualità e la freschezza del prodotto, insegnando quanto è importante la relazione tra cibo e territori, con veri e propri quotidiani suggerimenti di educazione al consumo al momento del contatto con il pubblico. A questo scopo, dunque, la Cooperativa 'Dalla Terra alla Tavola' ha aperto un punto vendita, sito in località Santa Venere a Capaccio, a meno di un chilometro dall'area archeologica di Paestum, in cui commercializza i prodotti conferiti dai soci, tutti molto giovani, le cui aziende zootecniche e ortofruttilicole ricadono nell'area circostante.

Un invito a mangiare meglio, in modo controllato, garantendo la massima trasparenza nei processi di trasformazione là dove i prodotti lo richiedono, tagliando una serie di passaggi intermedi, offrendo quello che in gergo si definisce *prodotto a km zero*. "Abbiamo realizzato un progetto di filiera corta - dice Antonio Ortolani, Presidente della Cooperativa 'Dalla Terra alla Tavola' - attraverso il quale valorizzare quegli aspetti dell'agroalimentare e della distribuzione poco noti alla gran parte dei consumatori, come il legame con un territorio come quello di Capaccio e, più in generale, della Piana del Sele e del vicino Cilento a cui è riconosciuta la qualità e la salubrità dei prodotti garantiti, fin dal campo, attraverso metodi di disciplinari di produzione uniformi e rigorosamente seguiti, come la tracciabilità, fondamentale per la sicurezza alimentare". Una trasparenza a tutto tondo, tanto che il consumatore può



Antonio Ortolani, Presidente della Cooperativa 'Dalla Terra alla Tavola', nonché della storica Cooperativa Paestum.



vedere persino dall'esterno del negozio come si lavora nel reparto macelleria, grazie ad una vetrata che lo divide dal piazzale antistante da dove si possono seguire le fasi di taglio della carne e la lavorazione dei salumi.

Il negozio è molto accogliente e razionale nella disposizione per la vendita dei diversi prodotti, infatti offre la possibilità di acquistare carne, latte e suoi derivati, ortaggi e frutta.

Per ciò che concerne la carne, la gamma è ampia: carne bovina, bufalina, ovina, suina e pollame, quest'ultimo rigorosamente allevato a terra. Gli animali - macellati quelli di taglio grande in macelli autorizzati e quelli di piccolo taglio in proprio, con un macello mobile autorizzato dall'Asl, unici in provincia di Salerno ad essersi attrezzati con questo servizio, sostenendo in proprio un investimento finanziario di circa 20mila euro - sono tutti provenienti dalle aziende dei soci e sono stati nutriti secondo un disciplinare di

allevamento controllato. Infatti, proprio la Cooperativa Paestum trasforma al proprio mulino, con un miscelatore, materie prime di alta qualità come la granella di mais nazionale, la soia, l'orzo, il farinaccio, la crusca e il grano, in mangime. Della carne degli animali, poi, insegnano a valorizzare tutte le parti, anche quelle considerate meno nobili o quelle sconosciute, suggerendo spesso ricette della tradizione cilentana.

Le aziende zootecniche socie della neonata Cooperativa, attraverso un lavoro meticoloso, con l'ausilio di moderne tecnologie di cui si sono nel tempo dotate, con un'alimentazione dei capi seguita rigorosamente, con un controllo capillare del processo produttivo, con un attento programma di selezione genetica, riescono a produrre latte di alta qualità, fiore all'occhiello della zona di provenienza. Oltre al latte, quindi, che presto, non appena saranno pronte le autorizzazioni, sarà venduto con un distributore automatico, 'Dalla Terra alla Tavola' offre una scelta ampia di suoi derivati, sempre autoprodotti, in particolare la mozzarella da latte vaccino, unica prodotta nella Piana del Sele, già famosa per i numerosi e rinomati caseifici bufalini.

Sempre le aziende socie riforniscono il negozio di prodotti ortofruttilicoli come carciofi, pomodori, insalata, angurie, meloni, cavolfiori, melanzane, zucchine, pere, ecc..., cioè tutta la gamma dell'ortofrutta nel rispetto della stagionalità delle produzioni. Oltre alla storica professionalità di queste aziende, occorre precisare che le coltivazioni si basano su tecniche

produttive a ridotto impatto ambientale, rispettose della salute degli agricoltori e dei consumatori.

L'attenzione alla natura e alla sostenibilità delle coltivazioni è un punto imprescindibile nell'attività della Cooperativa 'Dalla Terra alla Tavola', come della Cooperativa 'Paestum' dalla quale nasce, e si deve ricercare nella storia stessa di questi imprenditori agricoli. Di generazione in generazione, infatti, si è andato consolidando e radicando il rapporto con la terra fertile della Piana del Sele che, sin dagli inizi degli anni cinquanta del secolo scorso, all'indomani della Riforma Agraria, hanno coltivato organizzandosi in forma cooperativa, contribuendo al progresso non solo economico ma anche alla crescita sociale del territorio. In anni più recenti, con la Cooperativa Paestum l'attività si è diversificata puntando su due settori in particolare: produzione di sfarinati, destinati all'alimentazione del bestiame e la fornitura di prodotti e servizi al settore zootecnico e ortofruttilicolo che, unitamente ad un servizio di assistenza tecnica, si propone di razionalizzare l'impiego dei prodotti fitosanitari, coinvolgendo gli agricoltori nell'adozione delle Norme di Buona Pratica Agricola, in linea con le norme dettate dalla Comunità Europea. Il progetto della Cooperativa 'Dalla Terra alla Tavola', dunque, è l'ultima, in ordine di tempo, delle proposte di questo gruppo di intraprendenti imprenditori agricoli che, peraltro, hanno finanziato interamente con risorse economiche dei soci: il fitto del negozio e l'acquisto dei macchinari necessari alle attività sopra descritte.

## Con le "guide migranti" della cooperativa Viaggi Solidali di Torino, un giro del mondo a "chilometro zero"

Porta Palazzo, il mercato più grande d'Europa che si svolge tutte le mattine nel cuore di Torino, è una miniera di volti, odori, immagini e sensazioni. È una successione di mondi che soffrono, lavorano e pensano. In una parola vivono. Si entra in Romania, in Marocco, in Cina, nell'Africa Nera e nel Sud America.

Nel 2010 la Cooperativa Viaggi Solidali, tour operator di turismo responsabile aderente a Legacoop e socia di Aitr, ha ideato e tenuto a Torino il primo corso per "accompagnatori di turismo responsabile", per cittadini di origine straniera, con l'obiettivo di presentare ai turisti in visita, le proprie comunità di provenienza nei quartieri più multietnici della città (Porta Palazzo e San Salvario). Hanno partecipato al corso 25 persone originarie del Sudamerica, del Maghreb, dell'Europa orientale e occidentale e dell'Asia. Alcuni sono laureati o stanno frequentando un corso di Laurea (Lingue, Lettere, Amministrazione e gestione aziendale nel turismo, Antropologia, Gestione Beni Culturali e Scienza delle religioni). I "ciceroni" sono in grado di gestire le passeggiate in italiano e in altre 8 lingue! Un elemento comune a tutti è l'aver trovato in Porta Palazzo e San Salvario cibi e sapori delle loro culture lontane... a due passi dalla loro attuale casa!

### Il giro del mondo in una piazza

Porta Palazzo, Porta Pila, Bab Al-Kssar, Adjamé marocchino e chissà quanti altri nomi nelle molteplici lingue del mondo possiede questa piazza. Lingue (oltre 60!) che oggi risuonano, nelle strade e nelle case dei quartieri circostanti, scritte sui muri e sulle insegne dei negozi, parlate dai tanti migranti che hanno scelto Porta Palazzo come casa o luogo di lavoro. Così come prima di loro avevano fatto altri migranti, arrivati sui treni dal Meridione d'Italia alla ricerca di fortuna e di un posto in fabbrica. E prima ancora i contadini delle campagne e delle valli piemontesi, quegli stessi contadini che ancor oggi vendono sotto la loro famosa tettoia i prodotti dei campi e dei pascoli. Fianco a fianco con i coltivatori cinesi di cavoli e melanzane bitoroluate, con i giovani venditori di menta e le donne marocchine con le loro grandi borse ricolme di pa-

ne e *summa* appena sfornata, con i macellai e formaggiai romeni che affettano *paizer* e *saknani*, con i pescatori siciliani che urlano *pesce fresco della nagayga*, in un intreccio di sapori e profumi che stordisce, in un incontro di storie di vita e migrazione che fa pensare.

Il tutto sotto lo sguardo di chiese e moschee, di associazioni e centri d'incontro, di ristoranti e negozi affacciati sulla piazza, finestre e porte aperte su un mondo in continuo mutamento. Passeggiare oggi a Porta Palazzo significa compiere un viaggio nello spazio e nel tempo, vivere un'esperienza di multiculturalismo quotidiano che può avvicinare e far comprendere meglio le dinamiche dell'integrazione e della globalizzazione che segnano il nostro mondo.

Porta Palazzo con il suo mercato e il complesso di vie e palazzi che circondano la piazza si presenta come un luogo ideale per un *tourismo responsabile* e attento alle tematiche culturali e sociali.



### Racconti di vita fra sapori e profumi da tutto il mondo

La passeggiata inizia di fronte alla stele commemorativa di Francesco Cirio, ragazzo di Porta Palazzo, divenuto famoso per l'invenzione delle tecniche di conservazione e inscatolamento di frutta e verdura. Davanti alla stele, significativamente oggi posta sopra un minimarket marocchino, si leggono brani di Gozzano e De Amicis sulla Porta Palazzo del XIX secolo e si racconta la storia della nascita ed evoluzione del mercato. Si visita poi la panetteria "Al Jawda", specializzata in pa-

Enrico Marietto  
Presidente Coop. Viaggi Solidali

stricceria maghrebina, dove si propone un piccolo assaggio delle specialità gastronomiche del negozio. Ma è sufficiente attraversare la strada per immergersi in un mondo del tutto differente. Accade spesso a Porta Palazzo, e anche qui, lasciato alle spalle il nord Africa, in due passi ci si ritrova sotto la storica tettoia dei contadini che ospita da sempre i coltivatori diretti della provincia di Torino. Mani callose, volti segnati dal sole e dalla pioggia, vite contadine trascorse nei campi si alternano ai visi rubizzi e ai capelli di lana dei pastori scesi dalle valli per vendere miele, salami e formaggi che profumano di fieno e di latte. La lingua che domina sotto questa tettoia è che richiama la nostra attenzione ad ogni passo mentre attraversiamo i banchi è il piemontese. Ogni mattina quintali di frutta e verdura vengono portati direttamente dalla campagna piemontese ai banchi del mercato, per un'autentica spesa "a chilometro zero". Un prerogativa che oggi non è più solo delle patate, delle zucchine e dei peperoni di Carmagnola. Ma anche delle verzze, dei cetrioli e delle melanzane cinesi. Sì, perché da qualche anno a Carignano un manipolo di **contadini cinesi** ha preso a coltivare le verdure originarie del proprio paese: ogni tanto si torna in Cina, si comprano i semi, poi li si pianta nelle fertili campagne piemontesi, per portare infine l'originale raccolto al mercato dei contadini. Dal mercato dei contadini, piemontesi o cinesi che siano, una porta aperta ci conduce all'interno dell'attigua **tettoia dell'orologio**, una struttura di vetro e ferro dall'elegante gusto liberty, il più bell'edificio mercatale dell'area di Porta Palazzo. La struttura ospita oggi un'ottantina di panetterie, formaggiai, salumieri e macellerie. La lingua in cui sono scritti cartelli e cartellini appesi a salami e formaggi è inequivocabile: *mince, salame di Sivo, salame Parigier, salame Bucaresti, casuvalu*. Siamo in Romania e fra i tanti banchi, il più affascinante e ricco di prodotti è senza dubbio la macelleria Istoe, specializzata in prodotti della Transilvania, che oltre a salumi e laticini, propone anche altri tipici ingredienti dell'enogastronomia ro-

mena come i semi di girasole, la *pakoda* di verdura e un'ampia gamma di vini bianchi e rossi.

Attraversata la piazza, si visitano i banchi del coloratissimo mercato del pesce e gli Asia Market dove puoi veramente trovare di tutto!

Concludiamo la nostra passeggiata incontrando i volontari dell'Associazione **Camminare Insieme** che fornisce servizio sanitario gratuito a migranti con o senza permesso di soggiorno e a cittadini in difficoltà economica. Ogni giorno decine di pazienti si affidano alle cure dei dottori (tutti volontari) della "Camminare Insieme" che porta avanti il suo impegno grazie anche a mediatori culturali e a tanti volontari, spesso anziani del quartiere, che danno una mano gratuitamente. Accanto all'ambulatorio si trova un altro importante spazio gestito dall'associazione: il "Salone delle Mamme", dove tutti i giorni le mamme migranti e i loro bambini possono stare insieme, imparare l'italiano, lavorare e, per chi ne ha più bisogno, ritirare una spesa gratuita. Da qualche mese nel giardino del "Salone delle Mamme" è stato realizzato anche il **primo orto cittadino** di Porta Palazzo: sotto la sapiente direzione della mediatrice romana Mirela, le mamme della "Camminare Insieme" hanno piantato e coltivato fagiolini, pomodori, zucchine, rosmarino, salvia e una moltitudine di altre piante ed erbe che hanno già dato il loro primo raccolto.

Appuntamento a Torino dunque, per fare un giro del mondo a piedi accompagnati dai migranti della cooperativa Viaggi Solidali.

Per informazioni: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it)  
Tel. 0114379468 - [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)





Sopra e sotto: negozi etnici a Porta Palazzo, a Torino, di cui a sinistra si vede uno scorcio del mercato. Circa le "passeggiate migranti" maggiori notizie su [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)

Istituite le "guide migranti" per far conoscere meglio la città multietnica

## VIENI A TORINO, C'È IL MONDO

**A**ccompagneranno i turisti nel cuore multietnico e multireligioso di Torino, cioè a Porta Palazzo e a San Salvario, raccontandone storia, culture, aspirazioni e problemi. Da metà marzo, le 22 persone che aspirano a diventare "guide migranti" stanno seguendo un corso di formazione, «il primo del genere in Italia», assicurano i promotori dell'iniziativa, che terminerà a giugno.

L'idea e la realizzazione pratica del corso sono della cooperativa Viaggi solidali, presieduta da **Enrico Marletto**: «Il progetto è finanziato da un'agenzia dell'Onu, il Fondo internazionale per lo sviluppo agricolo (Ifad), attraverso gli stanziamenti destinati all'agro-biodiversità, e da Fondazioni4Africa, una collaborazione tra le principali fondazioni d'origine bancaria come la Compagnia di San Paolo, la Fondazione Cariplo, la Fondazione Cariparma e la Fondazione Monte dei Paschi di Siena, grazie alle quali è finanziato un progetto di turismo responsabile in Senegal coordinato dal Cisy».

«Tra gli iscritti», prosegue Enrico Marletto, «si contano 16 donne e 6 uomini; 8 persone sono originarie del Sudamerica (Brasile, Colombia, Perù e Guatema-

### La guida arriva da...

America latina  
(Brasile, Colombia, Perù,  
Guatemala) **8**

Europa orientale  
(Romania) **3**

Africa del Nord (Marocco,  
Tunisia, Algeria) **4**

Africa subsahariana  
(Senegal) **2**

Asia (Cina) **2**

Italia **3**

**TOTALE 22**



la), 4 del Maghreb (Marocco, Tunisia e Algeria), 3 dell'Europa orientale (Romania), 2 dell'Africa subsahariana (Senegal), 2 dell'Asia (Cina) e 3 sono nate nel nostro Meridione (Calabria e Puglia), giacché i fenomeni migratori che hanno caratterizzato Torino sono antichi di almeno 150 anni e riguardano tutto il Piemonte, prima, e tutta l'Italia, poi».

Porta Palazzo è il luogo dove l'intreccio unico di saperi, sapori e profumi è più evidente. «È il più grande mercato d'Europa, dove si parla la bellezza di 60 lingue differenti e dove i contadini delle campagne piemontesi vendono i loro prodotti fianco a fianco con i coltivatori cinesi o accanto alle donne marocchine con le borse ricolme di un particolare tipo di pane chiamato *mssemen*, appena sfornato, ovvero stanno vicino ai macellai e ai formaggiai romeni che affettano il salame *parizer* e il *cačkaval*, o, infine, ai pescatori siciliani che urlano a squarciagola per attirare clienti».

A San Salvario l'attenzione sarà dedicata alla pacifica convivenza delle varie fedi. «In quel quartiere, nell'arco di pochissimo spazio si trovano chiese cattoliche, il tempio valdese, la sinagoga ebraica e una delle diverse moschee attive a Torino», conclude Enrico Marletto. «Le "guide migranti" contribuiranno a erodere ignoranza e pregiudizi».

ALBERTO CHIARA



# San Salvario Dieci guide migranti fanno scoprire il borgo

FABRIZIO ASSANORI

Dalla manecelliera islamita di via Berthollet alla sala di preghiera di via Saluzzo, alla nuova agenzia viaggi algerina di via Sant'Anselmo, Lassad Bouajila propone di far conoscere in realtà magrebina, «per vedere come viviamo al di là degli stereotipi».

In Tunisia volera fare la guida e il suo sogno lo realizza a Torino, dove studia scienze linguistiche, insegna arabo agli italiani ma anche ai figli di immigrati. Lassad è una delle dieci guide migranti che, dopo il collaudo percorso a Porta Palazzo - seguito in un anno da 1.300 turisti - si stanno preparando a portarci i visitatori a San Salvario. Lo scopo è «raccontare il quartiere

dal punto di vista degli immigrati di seconda generazione, torinesi a tutti gli effetti ma con qualcosa in più», spiega Enrico Martello, presidente della cooperativa.

Viaggi Solidali, inventore delle guide migranti, «più cantastorie che guide». Al progetto contribuiscono le ong Acra, Oxfam Italia e Cies, l'Istituto Paralleli e il Centro Inter Culturale della Città.

La passeggiante cominceranno in primavera, dopo la formazione che si chiude a febbraio, e hanno prezzi abbordabili. Punto di partenza è la Casa del quartiere. Tra le tappe, assaggi alla gastronomia peruviana El Tambo, in via Berthollet, con la proprietaria Mercedes che serve «cibaria modesta, una bibbia a base di masticano, e yucca frita. Previsto an-



Una delle tappe del tour è alla sinagoga del quartiere

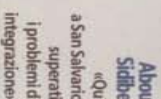
che il the alla menta dal kebab egiziano Horns, soste ai minimarket cinesi e alle sartorie senegalesi. «Non si tratta di ghetti, ma di realtà che si mescolano», spiega Francesco Vertè, antropologo e socio di Viaggi Solidali, «i locali marocchini vendono prodotti ri-

meni e i market cinesi hanno cibi per tutti gli immigrati». Tappe obbligate in sede dell'associazione interculturale Asai, la sinagoga, il tempio valdese, la parrocchia Santi Pietro e Paolo, la bottega di giovani artisti Wow, l'ortobotanico e il museo Lombroso.

Nelle visite ci sarà anche la Torino doc, come spiega la guida Paola Palladino, presidente dell'associazione italo-algerina Jawhara: «Visiteremo la bottega di Nina Tauri, specializzata in cappelli, la tisaineria Teapok e il ristorante di cucina piemontese Daussia».



**Paola Palladino**  
«Conosceremo anche le ricchezze piemontesi e italiane»



**Abu Sibbe**  
«Qui a San Salvario superati i problemi di integrazione»



**Lassad Bouajila**  
«Un'occasione per vedere come viviamo e abbattere gli stereotipi»





Residenti stranieri a Torino al 31/12/2009



# Le “guide migranti” per la città multietnica

Al via i corsi di formazione per mediatori culturali stranieri

## il caso

DOMENICO AGASSO JR

Ventidue iscritti,  
arrivano  
da undici Paesi

Nascono a Torino le «guide migranti», che condurranno i turisti alla scoperta della città multietnica. È partito infatti il primo corso di formazione per «mediatori culturali migranti», cittadini di origine straniera che avranno il compito di accompagnare i visitatori a conoscere le rispettive comunità di origine nei quartieri più internazionali della città. Tra gli iscritti, 16 donne e 6 uomini: otto originari del Sudamerica (Perù, Brasile, Colombia e Guatemala), quattro del Maghreb (Marocco, Tunisia e Algeria), tre del-

l'Europa orientale (Romania), due dell'Africa subsahariana (Senegal) e dell'Asia (Cina), mentre tre provengono dal nostro Meridione. Il corso è stato organizzato dall'agenzia Viaggi Solidali, con il sostegno di FondazioniAfrica (Compagnia di San Paolo, Fondazioni Cariparma, Cariplo e Monte dei Paschi di Siena) in collaborazione con l'Istituto Paralleli e il Centro Interculturale della città. «L'obiettivo è quello di rendere i migranti protagonisti nello sviluppo del turismo responsabile, investendo sulla loro capacità di far da ponte tra due territori e due culture», spiega Enrico Marletto, presidente dell'agenzia Viaggi Solidali. «Le "guide migranti" - prosegue - saranno dei mediatori culturali del turismo, e in quanto tali affiancheranno le tradizionali guide professioniste della città con il compito di introdurre i viaggiatori alla cultura, alla gastro-

nomia e alle tradizioni delle rispettive collettività di origine». Nel seminario di formazione sono previste 24 ore di lezione in aula, in cui si studierà la storia di Porta Palazzo e di San Salvario, e si analizzeranno gli aspetti più concreti dell'accompagnamento dei turisti. Seguiranno poi momenti pratici, durante i quali le guide lavoreranno sul territorio - in particolare proprio nei due quartieri - per stabilire contatti diretti con i prodotti, i cibi, le persone e i luoghi delle loro culture.

**PORTA PALAZZO**  
Nel più grande mercato  
cittadino si parlano  
60 lingue diverse

«Terminato il corso - continua Marletto - le guide accompagneranno i villeggianti nel grande mercato torinese di Porta Palazzo, dove i contadini delle campagne e delle valli piemontesi vendono i loro prodotti a fianco di coltivatori cinesi, donne marocchine, macellai e formaggiai romeni e pescatori siciliani, in un eccezionale intreccio di sapori e

profumi». E faranno conoscere anche il quartiere più multietnico della città, San Salvario, «con la sua efficace forma di integrazione tra le seconde generazioni di immigrati, che ha portato alla creazione di molte associazioni culturali».

«Chi giungerà a Torino per farsi guidare dai nuovi mediatori culturali - aggiunge Marletto - si accorgerà che girare per la città è come fare il giro del mondo in un solo giorno: basti pensare che a Porta Palazzo si parlano più di 60 lingue diverse».

La loro prima uscita ufficiale sarà a giugno, durante il «Food Market Festival 2010», la manifestazione del grande mercato all'aperto che si estende da Porta Palazzo fino al Cortile del Maglio e che, con centinaia di bancarelle, offre il meglio della produzione alimentare e dell'artigianato internazionale, insieme a degustazioni, convegni, mostre e laboratori. «La migliore occasione per iniziare», commenta Marletto.

## L'universitaria brasiliana

«Lo faccio per guardare  
al futuro con più serenità»

È brasiliana, e da due anni segue all'Università i corsi di italiano per stranieri. Il suo nome è Elke: anche lei ha deciso di diventare «guida migrante»: «Innanzitutto perché amo viaggiare e fotografare - spiega - ma anche per avere una possibilità di lavoro in più che mi permetta di guardare al futuro con maggiore serenità». Elke è legata a Torino, la città che farà scoprire a viaggiatori e turisti: «Nel 2001, quando sono arrivata qui, me ne sono subito innamorata; ma per viverci nel migliore dei modi devo avere l'opportunità di integrarmi del tutto».

Il che vuol dire «lavorare



Elke,  
a Torino  
dal 2001:  
«Desidero  
integrarmi  
del tutto»

nel campo in cui mi sarò formata per offrire il mio contributo alla città e alle persone che vogliono conoscerla a fondo in tutti i suoi aspetti e luoghi, in particolare quelli meno famosi ma molto suggestivi». «Vorrei concludere - arrivare ad amare questo Paese come il mio, per poter dimostrare quanto si possa stare bene in Italia e a Torino. Anche da migrante». [D.A.]

## La madre marocchina

«Italiani, vi farò scoprire  
la magia dell'hammam»

Essediya è una giovane madre, originaria di Khouribga. In Marocco era a un passo dall'iscrizione all'Università, ma a Torino ha dovuto ricominciare da capo, conseguendo la licenza media alle serali. «Mio marito fa il parrucchiere - racconta - e mio figlio frequenta le elementari alla Parini. Io ho scelto di fare la guida migrante per poter valorizzare il mio quartiere e far cambiare idea agli italiani su Porta Palazzo», dichiara senza esitazioni. «Accompagnerò i turisti soprattutto all'hammam, il grande bagno turco di via Focchetto ancora sconosciuto ai più.



Essediya  
nel suo Paese  
stava  
per  
isciversi  
all'Università

In Marocco andavo spesso all'hammam, qui non posso farlo per i prezzi troppo alti». Nel bagno turco ogni sala ha una temperatura diversa: si passa dalla più fredda alla più calda, lavandosi con l'acqua e spalmandosi su tutto il corpo un olio speciale. «E da giugno sarò lieta di illustrarne le caratteristiche a tutti coloro che vorranno provarlo». [D.A.]

LA CITTÀ/2

# LE **facce** DI PORTA PALAZZO

Passeggiate nel cuore di Torino,  
attraverso il grande mercato coperto  
che da quasi due secoli accoglie  
e integra tutti gli ultimi arrivati:  
dai piemontesi ai siciliani e ai romeni.  
Con guide d'eccezione



**P**“Porta Palazzo? Un brutto posto”. Lo dice anche mia nonna, messinese, che in vita sua non ha mai messo piede a Torino. “Pericoloso”, perché così le racconta una paesana emigrata dalla Sicilia negli anni Cinquanta. Una commare chissosa che a porta Palazzo aveva una bancarella di vestiti e ricordava i bei tempi andati. Così viene a puntino una frase rubacchiata a un libro di Cultecchia: “A porta Palazzo allora di marocchini se Dio vuole non ce n’era mica, eravamo tutti terroni per bene”. E quelli che non erano meridionali erano piemontesi. Ma oggi la città è cambiata e di conseguenza è cambiato anche il suo grande mercato, specchio delle mutazioni di Torino. E allora è da os-

servare un po’ come un dottore analizza un organo interno di un paziente: auscultandolo per capire come evolve il resto della città. Oppure da girare in cerca di sapori, avvicinandolo come fosse una riserva materiale e spirituale per buongustai.

### Un po’ di storia

Era il 29 agosto del 1835 quando i mercati cittadini vennero raggruppati e trasferiti nella piazza che ancora si chiamava Emanuele Filiberto. Un manifesto vicariale proibì la vendita di alimentari dentro le mura, si temeva la diffusione del colera. All’inizio non erano che due grandi tettoie sotto cui si piazzavano i



banchi dei commestibili. Fuori, nello spiazzo che era già campagna, si allungavano le baracche dei commercianti di stoffe e chincaglierie. Il commercio usciva dalle mura mentre Torino cresceva. Da allora il mercato non si è più mosso, rimanendo un angolo di popolo a ridosso del centro. "Oggi copre 51 mila metri quadrati, raccoglie mille ambulanti e oltre centomila visitatori a settimana", racconta Francesco Vietti, antropologo che in collaborazione con l'agenzia Viaggi Solidali ha realizzato il progetto Guide migranti a porta Palazzo. Secondo Vietti il mercato rappresenta una miniera. Una miniera di volti, odori, immagini e sensazioni che le guide permettono di conoscere di prima mano. Dopo un corso di quattro mesi oggi sono 25. "Sono torinesi che vengono da tutto il mondo: dal Marocco alla Calabria, dalla Cina all'Ecuador". Tra di loro anche Es-sadya, trentenne marocchina che quando ha saputo del corso non se lo è lasciato dire due volte. "È un'occasione per far conoscere agli altri la cultura marocchina così presente in questo quartiere. E poi serve a far capire che porta Palazzo non è un posto pericoloso. Anzi: è davvero un bel posto". Lei c'è arrivata per la prima volta nel 1999. "Mi ha stupito perché sembrava di essere a Casablanca, a casa mia". Da quando si è trasferita a Torino è diventato il suo quartiere e per questo è ancor più orgogliosa di raccontarlo ai turisti. "Fare da guida mi piace perché è uno scambio: racconto la mia città e la mia cultura e dagli altri ricevo interesse e qualcosa che non so sulla loro cultura. Ci sono sempre domande che diventano l'occasione per confrontarsi e imparare". Questo anche perché le visite sono come il mercato: pluriculturali. Normalmente sono in due - di origini diverse - a guidare tra banchi e non solo. Le passeggiate migranti, infatti, permettono di entrare nei luoghi di culto delle comunità immigrate e si spingono fino a San Salvario, altro quartiere a forte immigrazione. Oppure si concludono con una visita al vicino Mao, il Museo di Arte orientale che ha aperto nel Quadrilatero romano. Ma prima di tutto raccontano porta Palazzo, il mercato all'aperto più grande d'Europa. Farcì un giro dovrebbe diventare una tappa imprescindibile per chi visita - e vuole capire - Torino, un



po' come il mercato della Boqueria a Barcellona. "Fisicamente appartiene al centro della città: siamo a un passo dalle porte Palatine e duecento metri dal Comune. Ma da sempre la sua anima è popolare", spiega Francesco Vietti. Come popolari sono le facce che si incontrano e le storie che raccontano.

## La piazza è di tutti

Le comunità del mercato sono suddivisibili in tante tipologie che come i whiskey si dividono in base agli anni di invecchiamento. I primi sono stati ovviamente i piemontesi: quelli del circondario, che ogni giorno portavano verdure e frutta fresca; o quelli delle valli, i primi immigrati inurbati. Poi, dopo la guerra, sono arrivati i meridionali: pugliesi, siciliani, calabresi. Tanti, tantissimi: andavano a lavorare nelle fabbriche torinesi e con una melanzana addentavano la nostalgia di casa. In quegli anni, quando in città c'erano i cartelli "non si affitta ai meridionali", il mercato divenne appannaggio delle comunità del Sud che da allora hanno retto l'economia delle bancarelle. Ancora oggi, tra le quattro strutture coperte ospitate nella piazza, sembrano in maggioranza, soprattutto al mercato II, quello del pesce. Costruito nel 1836, oggi ospita 18 pescivendoli, che si contendono i clienti gridando "Pisci, pisci friscu" mentre chi passa con le sporte getta un occhio prima ai prezzi e poi alla Madonnina dei pescatori che veglia dall'altare ricavato su una colonna. Qui c'è Beppe Gallina, la cui famiglia vende pesce da quat-

**Sopra**, durante le visite migranti organizzate da Viaggi Solidali c'è anche la possibilità di imparare qualche parola in lingua. **A fronte in alto**, la tettoia di porta Palazzo che ogni giorno ospita il mercato dei contadini. **Nella striscia in basso**, la drogheria Rinaldi, da oltre un secolo a porta Palazzo; la moschea e un panificio marocchino su piazza della Repubblica; uno dei bar etnici che danno sulla piazza; porta Palazzo si svuota alla sera; una macelleria halal in corso Giulio Cesare. **In apertura**, il negozio di cineserie Lee in galleria Umberto I.







## TORINO MIGRANDA

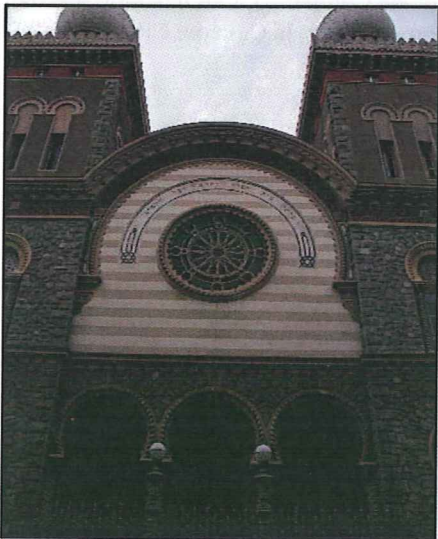
Viaggi Solidali, nell'ambito della sua attività di tour operator di turismo responsabile, ha ideato alcuni percorsi sulla Torino dell'Intercultura denominati "Torino Migrandi". Caratteristica unica di queste passeggiate, il fatto che saranno **25 giovani di diverse etnie che accompagnano cittadini e turisti** come tanti cantastorie. Sono i nuovi griot. Prendono per mano le paure e le trasformano in conoscenza dell'altro. Le passeggiate si caratterizzano per la volontà di unire alla visita dei luoghi un'ampia possibilità di incontro con persone e protagonisti della vita sociale e culturale dei quartieri visitati: negozianti, artigiani, artisti, personalità religiose, attivisti in campo associativo e mediatori culturali saranno le vere guide delle passeggiate con le loro spiegazioni e i loro racconti di vita.

**Per info: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it), tel. 0114379468**

**Possibili partenze ad hoc per gruppi.**



## UNITED COLOURS OF SAN SALVARIO



San Salvario, il quartiere più multietnico della città, è il luogo dove si è realizzata una positiva forma di integrazione tra le seconde generazioni di immigrati, con la nascita di numerose associazioni culturali e di luoghi di culto di diverse religioni.

La passeggiata nel quartiere di San Salvario comincia dal racconto delle diverse generazioni di migranti che sono approdate a Torino arrivando alla stazione di Porta Nuova.

Ci si muoverà quindi verso il cuore del quartiere visitando alcuni significativi luoghi di culto che testimoniano la dimensione interreligiosa che caratterizza questo territorio: la Sinagoga di via San Pio V, la Casa Valdese, la Chiesa Filippina e la parrocchia di don Piero Gallo.

Nella seconda parte della passeggiata si scoprirà invece l'interessante realtà delle associazioni interculturali che operano nel quartiere, prima fra tutte

l'associazione di animazione interculturale ASAI di via Sant'Anselmo. Non mancheranno durante gli spostamenti alcune brevi soste in negozi e gastronomie che propongono prodotti e cibi tipici delle comunità migranti presenti a San Salvario.

**Calendario da settembre 2010 a marzo 2011 (sabato pomeriggio):**

*18 settembre, 6 novembre, 4 dicembre, 5 febbraio, 5 marzo*

**Punto di incontro:** sotto i portici di via Nizza angolo corso Vittorio, ore 14.30.

- Durata: circa 2 ore e mezza

**Quota di partecipazione individuale (minimo 15/massimo 25): 12 Euro**

**La quota comprende:**

Un accompagnatore del turismo responsabile per tutta la passeggiata; scheda informativa sulla passeggiata; incontri con esponenti delle comunità religiose presenti nel quartiere per un momento di scambio e di conoscenza. Spese di organizzazione.

**Per iscriversi: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - tel. 0114379468**



**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus, C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO**

Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755 - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it)

**[www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)**

## IL GIRO DEL MONDO IN UNA PIAZZA: PORTA PALAZZO

C'è una sola piazza in Europa in cui si parlano **oltre 60 lingue e dialetti** e dove si possono trovare cibi e prodotti che arrivano da tutto il mondo a fianco di formaggi e verdure di produttori locali, dalla toma di valle alle melanzane spinose cinesi!

**Porta Palazzo è il mercato multietnico più grande d'Europa** dove i contadini delle campagne e delle valli piemontesi, vendono fianco a fianco con i coltivatori cinesi, le donne marocchine con le borse ricolme di pane e mssemen appena sfornato, i macellai e formaggiari romeni che affettano parizer e cačkaval, e i pescatori siciliani che urlano pesce, pesce fresco bella ragazza, in un intreccio unico di sapori e profumi.

Porta Palazzo è una miniera. Una miniera di volti, odori, immagini e sensazioni. Ci rimani una mezza giornata e te ne vai con il cuore grosso. Quegli occhi che hai incrociato ti hanno travolto e commosso con le loro storie non dette. Basta immaginare e guardare, o meglio osservare. E allora si aprono inaspettate porte. E' una successione di mondi che soffrono, lavorano e pensano. In una parola vivono. Si entra in Romania, in Marocco, in Cina, nell'Africa Nera e nel Sud America. Tutto attorno a una piazza, tutto in qualche migliaio di metri quadrati, in quella che è la pancia della città di Torino.

### Il giro del mondo a piedi in una piazza!

La mattinata si articolerà lungo le tappe di una passeggiata tra i banchi del mercato di Porta Palazzo e del Balon. Si visiteranno le diverse aree del mercato raccontando di volta in volta le storie di migrazione delle varie comunità che vi lavorano: si parlerà dunque della migrazione tra campagna e città di inizio Novecento, delle migrazioni interne dal sud Italia degli anni '60 e '70 e infine delle attuali migrazioni internazionali dalla Romania, dal Marocco, dalla Cina, ecc. Si toccheranno anche i luoghi di aggregazione culturale e religiosa del quartiere, quali associazioni, luoghi di culto: la Moschea della Pace di C.so Giulio Cesare, la Chiesa Ortodossa Romena di via Cottolengo, l'ambulatorio medico per migranti "Camminare Insieme", il Sermig - Arsenale della Pace, il Progetto Porta Palazzo The Gate, la Casa dei Cittadini e altri ancora. Il futuro dell'Italia a Porta Palazzo è già cominciato, non resta che andarlo a scoprire.

Il futuro dell'Italia a Porta Palazzo è già cominciato, non resta che andarlo a scoprire.

### Calendario passeggiate da settembre 2010 a marzo 2011 (sabato mattina):

18 settembre; 2, 9, 16, 23, 30 ottobre; 6, 13, 20, 27 novembre; 4 dicembre; 5, 12, 19, 26 febbraio; 5, 12, 19, 26 marzo

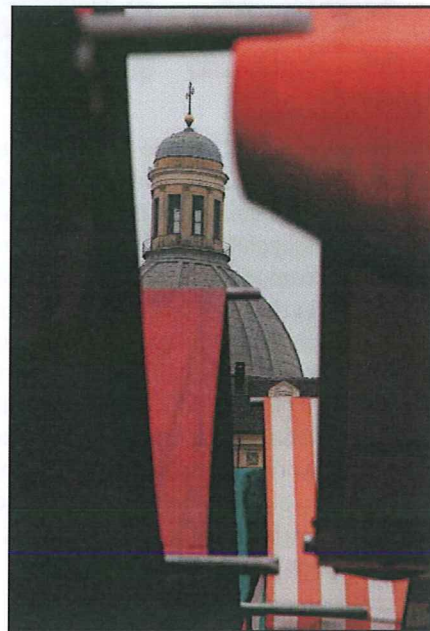
**Punto di incontro:** presso le Porte Palatine ore 10.00 - Durata: circa 2 ore e mezza

**Quota di partecipazione individuale (minimo 15/massimo 25): 12 Euro**

### La quota comprende:

Due accompagnatori "migranti" del turismo responsabile per tutta la passeggiata; materiale didattico scheda informativa sulla passeggiata; piccoli assaggi di specialità gastronomiche tipiche delle comunità migranti presenti nel quartiere. Spese di organizzazione.

**Per iscriversi: [www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it) - tel. 0114379468**



**Viaggi Solidali Società Cooperativa Sociale Onlus,**

**C.so Regina Margherita, 205/a, 10144 TORINO**

Tel.: 011-4379468 Fax: 011-4379755 - E-mail: [info@viaggisolidali.it](mailto:info@viaggisolidali.it)

*Da 10 anni il turismo responsabile a Torino !*

Oltre 60 programmi di viaggio in Italia e nel mondo sul sito:

**[www.viaggisolidali.it](http://www.viaggisolidali.it)**